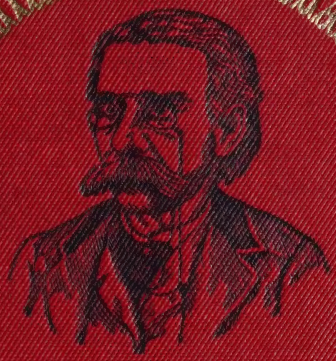
869.3
C348de
v.1

CAMILLO CASTELLO BRANCO



OBRAS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição

1 — Coi
2 — As t
3 — A e
4 — Doz
5 — O e
6 — O b
7 — O se
8 — Ana
9 — A m
10 — Cav
11 e 12 —
tola
13 — Div
14 — A d
15 — Dua
16 — Fau
17, 18 e 1
20 e 21 —
22 — Agu
23 — O o
24 — Ann
25 — Os
26 — A b
27 — Car
28 — Qua
29 — As
30 — A fi
31 — Est
32 — A fi
33 e 34 —
35 — O r
36 — A fi
37 — A n
38 — Deli
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro do padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.

78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

869.3
C348de
v.1

DICIONARIO CONTEMPORANEO

DA

LINGUA PORTUGUESA

POR

CALDAS AULETE

(2 Volumes) — 2.ª Edição Actualisada

O mais completo — O mais desenvolvido — O melhor
O que não tem

2 grossos volumes

DICIONARIO
E ORTOGRA

J. T

Na categoria
as qualidades,

1 vol. de 150

GRANDE D
FRANCEZ

DO

Não ha nem r

2 grossos volume
solidar

This **BOOK** may be kept out **TWO WEEKS ONLY**, and is subject to a fine of **FIVE CENTS** a day thereafter. It is **DUE** on the **DAY** indicated below:

ROMANCES DOS MODERNOS ESCRITORES PORTUGUESES

Frei Sangue por M. Duarte Lopes, br. 5$00.
Certas Almas por M. Duarte Lopes, br. 6$00.
Santa Rosa do Ermo por M. Duarte Lopes, br. 8$00.
Eterno Simbolo por M. Duarte Lopes, br. 10$00.
Cidade Maldita por Belo Redondo, br. 10$00.
Um Aprendiz de Apolo por Mario Reis, br. 10$00.
De Lisboa a Sevilha pelos Pirineus por Rogerio Perez, br. 10$00.
O Coração de Maria por M. Duarte Lopes, br. 10$00.
O Rei de Timor por Teofilo Duarte, br. 10$00.
Quasi de Graça por Augusto Cunha, br. 10$00.
O exame do «Meu menino» por Augusto Cunha, br. 2$00.
Mais um por Augusto Cunha, br. 10$00.
Mais outro por Augusto Cunha, br. 7$50.
O processo de Mario Dâmaso por A. Cunha, br. 3$50.

POESIAS DOS MODERNOS POETAS PORTUGUEZES

Verbo Austero por Francisco Costa, br. 6$00.
Fogueira Eterna por Alves Martins, br. 5$00.
Cinza das Horas por Nunes Claro, br. 9$00.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXXIII

O DEMONIO DO OURO

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA —
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * * LISBOA * * *

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmãs.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

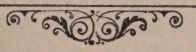
CAMILLO CASTELLO BRANCO

O DEMONIO DO OURO

ROMANCE ORIGINAL

VOLUME PRIMEIRO

5.ª edição, conforme a 1.ª, unica revista pelo auctor



1927

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

O DEMONIO DO OURO

Nota das edições que tem tido estes volumes até á presente

1.ª edição — Lisboa — 1873/4 — Livraria Editora de Mattos Moreira & C.ª 2 — vols. de 211 × 221-1 pags.

2.ª edição — Lisboa — 1892 — Vols. 33 e 34 da Collecção Pedro Correia.

3.ª edição — Lisboa — 1905 — (indica erradamente 2.ª edição) Vols. 33 e 34 da nossa Collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares em papel de linho nacional para bibliophilos.

4.ª edição — Lisboa — 1918 — Vols. 33 e 34 da nossa collecção.

5.ª edição — Lisboa — 1927 — que é a presente.

Délia Lopes de Oliveira
L. M. 1935.

I

João Verissimo Vieira, mestre de primeiras lettras na villa da Povoa de Lanhoso, em 1750, era homem de bem, e sufficientemente intendido no seu magisterio. Tinha estudado para padre, e promettia então, com o porte exemplar de sua mocidade, vir a ser modêlo de clerigos; mas, aos vinte e um annos, quando já revestia sobrepeliz e garganteava psalmos nos mortuorios, viu em hora esquerda uma pobre quanto esbelta môça de olhos tão feiticeiros que não houve mais desenliçar-se d'ella.

Estes amores correram clandestinos até ao lance em que lhe cumpria ao minorista desviar-se da vereda do sacerdocio para caminho mais insilveirado de espinhos, como usa ser o da honra, quando ella por ahi vem a remediar culpas.

João Verissimo, apezar de seus pais, que antepunham a batina á honestidade do filho, casou pobre, e começou desde logo a ensinar rapazes na Povoa de La-

869.3
897204 C348de

nhoso, sahindo da freguezia de Geraz, d'onde era natural.

E vivia resignado, se não contente, instruindo-se nas horas feriadas do ensino, e esperando que o pae, mais ao diante, lhe perdoasse por amor de Deus e por amor á honra.

Debalde esperou.

Quando nasceu a primogenita de quem elle fiava a reconciliação com a familia, o avô não quiz ser padrinho. A recusa doeu-lhe no coração de pai, mas levemente perturbou a serenidade do homem probo. Dizia elle com a filha nos braços e as lagrimas na face: «Olha mulher, se esta innocentinha não fez o milagre de me restituir a amisade de meus pais, é que Deus o quer assim, e não ha que esperar. Vivamos, como até aqui, do nosso trabalho.»

— Pois sim, — dizia Luiza, menos paciente — mas teu pai é máo homem! isso é elle!

— Não é máo; é do barro commum — emendava o marido — Tinha vontade de ter um padre em casa, por que o lavrador visinho ordenou o filho. Se este desejo procedesse do sentimento religioso, e não da vaidade, meu pai ter-me-hia obrigado a casar comtigo, á querer eu mentir a Deus e á sociedade, manchando o habito sacerdotal; mas a vaidade pode mais que o dever nas pobres almas ignorantes dos lavradores, onde a religião não entra acompanhada dos preceitos de bem-viver n'este mundo.

— Pois sim, sim; — tornava Luiza, percebendo pouco das serenas reflexões do homem —; teu pai é tão ruim de condição que te não ha de deixar nada... Tu verás, João...

— Alguma coisa me deixará; e, se não deixar, Deus

lhe não peça contas á sua alma, que eu por mim dou-as por saldadas.

Este filial e christianissimo proposito seria bastante util á alma do lavrador no outro mundo, para onde foi, depois de haver dado o melhor do cazal a outro filho, e inredado em hypothecas fraudulentas o restante da fazenda, por taes artes que João Verissimo apenas herdou umas courellas que lhe não rendiam o pão de dois mezes. Mas se os votos de Luiza pezarem na balança do supremo juizo, o lavrador penará no abysmo eternamente, dado que o marido por sua parte, quando a esposa lhe praguejava o pai, mentalmente pedisse a Deus perdão para a alma do defunto, e tambem para a ambição desculpavel da mulher, que aleitava com seio mal nutrido uma filha creada para a extrema pobreza.

Esta filha era uma creança em extremo linda. A mãe havia sido uma das mais bonitas moças de Geraz, onde as houve de tal fama que já o padre Carvalho na *Chorographia*, nota de «formosas e presumidas» as raparigas d'aquelle sitio.

Chamou-se Eulalia a menina.

Como a sua infancia passou ao abrigo dos ardores e frios do clima, o alvor do rosto e mimo infantil não desbotaram, como acontece ás raparigas das aldeias, cuja belleza desmerece cedo. Eulalia era as alegrias e desvellos de João Verissimo, que indiscretamente a ia educando como se d'alli houvesse de passar á sociedade, ás salas, ás cidades, onde a intelligencia e graças espirituaes das mulheres dão realces á formosura. Luiza, bem aconselhada pela propria ignorancia, desavinha-se com o homem á conta dos estudos da rapariga; e, se as palavras eram inefficazes, arrançava ás mãos de Eu-

lalia o livro, e punha-lhe a roca na cinta. Não obstante, a menina, antes dos sete annos, lia correntemente, e argumentava em arithmetica, e no mais, com Manuel, o melhor discipulo de João Verissimo.

Este Manuel era um rapaz, nascido em Rendufinho, filho d'uma jornaleira, que morrera quando elle fazia um anno. Não tinha pai, pela mesma razão que a mãe não tivera marido. Se entre os homens, que passaram á porta da choupana, onde a jornaleira estava amortalhada, ia o pai da creancinha, que chorava em um berço de canastra, elle não se abaixou a tomar o orphão nos braços.

Manuel até aos cinco annos creou-se no regaço da Providencia. Só esta palavra divina explica o viver d'aquelle menino, que mendigava quando ainda não sabia proferir a palavra «pão»; e dormia, sereno e livido como um anjo de marmore, as noites de dezembro, nos alpendres dos lavradores e nos degraus dos cruzeiros.

Quando prefez seis annos, appareceu na Povoa em companhia de outros rapazinhos que iam á lição, com os seus saquitéos á bandoleira, onde levavam o alphabeto, a cartilha, a sentença, o pão da merenda, e o atarrachado tinteiro de chifre, com penna de pato. Manuel seguira os embellezado n'aquelles utensilis escolares. Viu-os entrar na escola, e foi depoz elles, apezar de o empurrarem com desabrimento.

— Que é isso?! — perguntou o mestre.

— E' este rapaz, que não é da lição, e quer entrar — respondeu um dos discipulos.

— Deixem no entrar! Quem lhes deu a vossês o atrevimento de repellirem quem quer entrar na minha casa? Vem cá, rapaz!

O pequeno entrou airosamente, bem que as lagrimas lhe apontassem nas palpebras.

— Por que choras? Aquelles bateram-te? — tornou o professor.

O pequeno olhou contra elles, e abafou o queixume. Via-se que o habito de soffrer e chorar sem carpir-se lhe havia extrahido nas lagrimas o agro-doce da vingança.

— Que queres tu ? d'onde és?

— De Rendufinho.

— Quem é teu pae?

— Não sei. Minha mãe morreu ha muito... Deus lhe falle n'alma.

Um moço já espigado, que o conhecia, explicou ao mestre que o rapazito era filho d'uma jornaleira, e andava ás esmolas, e a dormir por ahi, sabia Deus onde.

— Mas admiro que teu pai, o rico alferes de Cima-de-Villa, não saiba onde Deus quer que durmam os pobrezinhos!—disse o mestre em tom agastado—Teu pai é um lavrador de mão cheia, e este menino orfão e esfarrapado era filho de uma jornaleira que vendia por baixo preço o seu suor a teu pai... Ah! ricos, ricos!...

E, voltando-se para o rapazinho, continuou:

— Tens fome? queres comer?

— Não, senhor; já comi caldo na casa do Eiró. Vou lá todos os dias á esmola.

— Então que queres?

— Queria apprender a lêr.

João Verissimo deteve-se alguns instantes a contemplar o menino. N'este exame silencioso, não se cuide que o mestre lhe andava devassando as bossas da intelligencia ou a descortinar se na fronte escampada lhe

prelusiam brilhantes destinos. Nada d'isso. No que elle scismava era em vestir e alimentar a creança, — precisões que elle antepunha á caridade de o ensinar.

— Senta-te ali, rapaz — mandou o mestre, apontando-lhe a extrema inferior de um dos seis bancos parallelos.

Manuel sentou-se com tanto acanhamento quanta era a alegria que lhe pulava nos olhos.

A's duas da tarde, hora de merenda João Verissimo sahiu da vasta quadra da escola, recommendando ao rapazío que se portasse com juiso, e levou comsigo o pequeno.

— Quem é este rapaz tão roto?! — perguntou Luiza.

— E' um pobrinho que quer saber lêr.

— Boa vai ella! — disse a precavida mulher, já receosa das costumadas liberalidades do marido.

— Vê se lhe dás alguma coisa de merendar — disse o mestre.

— Tenho aqui metade do meu pão e peras da merenda—acudiu Eulalia.

— Dá-lhe o pão e as peras, filha — approvou o pai.

A pequena foi ao seu açafatinho, tirou de lá o que tinha, e levou-o ao pequeno.

— Deus lhe dê saude — disse Manuel, recusando brandamente a esmola—eu agora não tenho fome.

Insistiu o mestre, e o rapaz acceitou; mas, em verdade, não tinha fome. O jubilo de se ver na escola, como elle depois dizia, pozera-lhe um nó na garganta.

— Este pequeno — disse João á mulher que estivera observando o caso em silencio e mal assombrada — fica por em quanto comnosco.

— O quê?!—acudiu Luiza.

— Fica em nossa caza até ver se algum proprietario da Povoa o acceita para môço, e consente que elle frequente a escola.

— E, se ninguem o quizer?

— Quero-o eu.

— Para môço! Temos grandes posses para ter criados...

— Tambem não é preciso têl-as grandes, mulher. Ah! Luiza, Luiza! tomara te eu menos ambiciosa, e serias mais feliz... Muito pobre imaginas tu que é Deus! Dizes todos os dias: «Creio em Deus Pai, creador do céo e da terra»; e receias que o Pai, auctor de todas as riquezas que contém o céo e terra, não tenha para esta creança um caldo e uma enxerga...

— Elle terá, eu é que não...—replicou rebeldemente a mulher, que era o typo commum das christãs das nossas aldeias, as quaes destampam ás vezes em remoques demonstrativos de que a ironia com as coisas divinas tambem se encontra em espiritos broncos por onde não passou o suão ardente da duvida.

João Verissimo era bom; mas não era pusilanime com sua mulher. Emquanto elle contradissesse, Luiza questionava; porém logo que o marido arrugasse a testa, e friccionasse um beiço no outro, calava-se ella.

Assim succedeu com o agasalho do orfão.

Alegrava se o caridoso homem, vendo Eulalia abeirar-se do mocinho maltrapido, e fital-o com ar de compaixão.

O pequeno, olhando-a com o encolhimento do respeito, parecia adivinhar a piedade que inspirava áquella creatura, linda como os anjos do painel da Senhora da Assumpção, que elle vira na egreja de Sobradêllo.

O mestre não dormíu bem socegado n'aquella noite, posto que o dormir, quando a caridade nos acalenta o somno, haja de ser dulcissimo.

— Que tens que não pegas a dormir, João? — perguntava Luiza estranhando-lhe a vigilia — Em que deanho pensas?

— No rapazinho.

— O rapazinho está a dormir, homem! que mais queres?

— Quero ver se lhe dou pai; ora aqui tens o que eu quero, mulher.

— Se lhe dás pai? Em boa te vais metter!... Como hasde tu dar-lhe pai, se elle o não tem?... Sabes tu que mais? Olha se dormes... Tu dás em doudo!...

Atilada mulher! Voltou-lhe as costas, e adormeceu.

E elle continuou a scismar.

A' primeira luz da manhã, ergueu-se.

Era dia sanctificado.

Deixou a mulher a dormir, beijou a face da filha, alumiada pela projeção da luz froixa do oratorio, orou á imagem de Jesus crucificado, e sahiu na direcção de Rendufinho.

Era o alvorecer de um dia amenissimo de agosto.

As musicas, que resoavam nos arvoredos agitados pelas quentes lufadas do sol nascente, harmonisavam com o contentamento d'aquelle obreiro obscuro e feliz. Ali não ia o desherdado, raivando contra a sociedade que o deixára desbalisar do seu patrimonio. Como se tivesse pejo e escrupulo de confessar sua pobreza em meio dos milhares de esplendidas obras, o homem, que tinha a riqueza d'uma filha, relançava os olhos por de sobre os zimborios e torres das casas ricas, em quanto

os olhos da alma iam embevecer-se no sorriso da filha adormecida.

E o que elle não via ao dobrar uma collina d'onde se enxerga entre verduras a egreja de Rendufinho a alvejar!

Sobranciando a Povoa, negrejava o castello de Lanhôso, erecto em rocha, recortado de ameias, lardeado de bastiões, golpeado de seteiras, ali perpetuado, rebatendo as injurias de nove seculos, imagem, symbolo da raça forte que, ao passar por lá, empedrou um dos seus gigantes, como vigia eterna das gerações que se desforçam a camartello da sua desvergonhosa afeminação. Ali o primeiro Affonso

> ...*a mãe, que tão pouco o parecia,*
> ...*em ferros asperos atava* (1)

Lá foi que D. Rodrigo Gonçalves Pereira de Berredo, esposo atraiçoado por um frade de Bouro, pegou o fogo pelos quatro angulos, assando a esposa, o frade, os criados, as bestas, tudo, criminosos e innocentes, desde a adultera até ao frade, o frade talvez innocentissimo, embora o genealogico D. Pedro, conde de Barcellos, mentiroso como todos os linhagistas, referindo o caso, duvide da innocencia do monge.

Ao nascente surgia d'entre copas de carvalheiras seculares a Torre dos Godinhos, onde vivera o conde D. Fafes Serrazim de Lanhôso, o rico-homem, pai de D. Godinho, e avô de D. Fafes Luz, fundador de Fafe. Não vá o leitor, enganado por mim, á cata da torre so-

---

(1) Camões, LUS., CANT. III est. XXXI e XXXIII.

larenga dos Godinhos. Ha menos de trinta annos que o paço feudal foi aluido. Da pedra enegrecida por dez seculos, e talvez esquadriada por mãos de suevos, fez-se a parede de um chavascal, e uma cozinha de casa alagartada de azulejos, onde provavelmente mora e ingorda um sujeito que se serve com os ultimos descendentes de D. Fafes.

Ao sul, em S. Martinho, campeava a Torre dos Motas. Ali vivera Mem de Gundar, coevo do conde D. Henrique. E, defronte, ao norte, o solar torreado dos Machados, edificado por aquelle D. Martim, que lascou a machado as portas de Santarem, quando Affonso Henriques desengastou do crescente sarraceno a tão disputada joia da sua corôa vacillante.

Estas referencias historicas decerto não preoccupavam o animo de João Verissimo. Os monumentos da velha Galliza, aquellas reliquias dos netos de Pelagio não lhe preponderavam tanto no espirito como os seis annos da creança que não tinha mãe, e não sabia a quem dar nome de pai.

A' entrada de Rendufinho, o professor bateu no portal da casa de um padre que havia sido seu condiscipulo em latim.

— Madrugaste, João! — disse o clerigo. — A que vens?

— A' procura do pai d'um esfarrapadinho da tua freguezia. Conheces um pequeno de seis annos, que pede esmola, e é filho d'uma jornaleira, fallecida ha cinco annos, que trabalhava em casa de Tiburcio de Cimo-de-Villa?

— Era a Carlota das Courellas; conheço o rapazito — respondeu padre Bento com desnatural empeço na voz.

— Sabes quem seja o pai d'elle?

— Sei o que por ahi se disse a tal respeito. Essa mulher veiu ainda muito nova servir em nossa casa; mas, ahi pelos dezoito annos, pegou de doudejar, e minha mãe impontou-a. Quando ella appareceu com o filho, disse muita gente que o pai da creança era o Tiburcio de Cimo-de-Villa. Eu não sei decerto...

— Pois claro é que tu ao certo não podes saber isso, padre Bento; — obtemperou João Verissimo — porém, dizes tu que é voz publica ser Tiburcio o pai do pobresito...

— Sim... é o que corre — affirmou o padre embaraçado, não sabemos porquê, talvez escrupulo de consentir n'um boato duvidoso.

— Ora olha tu — voltou o outro — que eu increpei asperamente o Tiburcio, quando o filho d'elle, que é meu discipulo, me disse que o rapazinho pernoitava sabia Deus por onde! Ha presagios que só se explicam por influxo providencial!... Pois sabes tu que mais? Estou resolvido a procurar o Tiburcio, e a dizer-lhe que proteja aquelle menino, embora o não tracte como filho. Que te parece?

— Parece-me que não fazes nada... — acudiu sem detença o padre — Deixa-te d'isso... que não lhe apanhas vintem...

— Se nada fizer, é porque a opinião publica está enganada a respeito da filiação do rapaz. Se o Tiburcio é pai, ha de attender-me, hei de tocar lhe o coração. Que os homens são máos, isso é da Biblia; mas que os pais são bons, isso é do céo, é graça, que de lá desce com as almas innocentes das creancinhas. Succeda o que succeder, lá vou.

— Não fazes nada, João... — insistiu o padre — Olha que o Tiburcio é um selvagem, que não te percebe, se lá fôres com discursos e rethoricas. Manda-te logo dizer o que pretendes pelo claro; e, assim que tu lhe fallares em filho natural, nem o diabo tem mão n'elle. Verás que te manda pôr no olho da rua.

— E eu obedeço-lhe, sacudindo na sua testada o pó dos meus sapatos.

— Toma o meu conselho... — volveu o padre — Pede-lhe uma esmola para vestir o rapaz; mas não lhe dês a perceber que o julgas pai; e, mais ao diante, póde ser que se te ageite boa occasião de lh'o ir inculcando como filho.

— Acho-te razão, padre Bento — condescendeu o mestre, reflectindo — Tenho assim dois meios por onde chegarei ao meu proposito: se é pai, fallo-lhe ao coração: se não é, movo-lhe a caridade...

— Justamente.

— E por um dos dois sentimentos conseguirei que elle o proteja, que o recolha, e o alimente e o vista, em quanto eu o vou habilitando para o negocio. Está decidido. Abraço-te pelo prudente conselho, e cá vou. O que passar, contar-t'o-hei.

— Pois vai. Torno a recommendar-te que nem por sombra lhe deixes desconfiar que tu suspeitas que elle seja o pai do rapaz...

— Intendi padre Bento, intendi. Até logo.

II

Tiburcio, mais conhecido por «alferes de Cimo-de-Villa» encontrou João Verissimo no caminho da egreja, para onde ia assistir á missa. Abraçou cordealmente o mestre de seu filho Jeronimo, e quiz saber que novidade o levava a Rendufinho.

— A fallar com vossemecê sobre uma obra de caridade.

— Alguma esmola para as obras da senhora da Abbadia?

— Não, senhor, eu não peço para obras de pedra; venho pedir para o edificio d'uma alma.

A mulher de Tiburcio, que tambem ia, intendeu que João Verissimo pedisse para uma alma do purgatorio; mas o marido, de natureza menos subtil e pia, nem sequer percebeu isso.

— Ora explique-se lá, *padre* João! — voltou o lavrador — Eu cá, desde que o vi de corôa e sobrepeliz a cantar aos defuntos, intendi que vossê era padre, e custa-me a chamar-lhe outra coisa! A fallar verdade, ó sôr João,

vossê fez boa asneira em se casar! Podia estar a esta hora abbade, com o seu passal, com o seu patrimonio, e levar boa vida; assim, está pobre, a aturar canalha, casado, com filhos... Quantos tem?

— Tenho uma menina, sr. Tiburcio.

— Está feito; do mal o menos; podia já ter cinco ou seis, e dar-se ao demo para os sustentar.

— Anjo bento! ao demo, não! tens palavradas, Tiburcio! — atalhou a mulher, tregeitando como escandalisada da impiedade.

— Pois então? — repizou o alferes de Cima-de-Villa —onde havia de ir este homem buscar pão para sustentar seis filhos?!

— Aos celleiros onde vão as aves que não fiam nem tecem, ás searas de Deus, que tão pai é de um como de seis filhos do pobre—respondeu João Verissimo.

— *Amen*,—apoiou a senhora Maria do alferes.

— Isso é bom nos sermões, padre João—refutou ironicamente Tiburcio— mas, cá no amanho da vida, não péga. Os pardaes verdade é que não tecem nem fiam, e sustentam-se das sementeiras; mas de vez em quando levam a sua chumbada que se regalam. Responda lá a isto, se é capaz...

— Tem bastante philosophia a replica...—disse entre si João Verissimo.

— Então que quer o sôr João? — volveu o lavrador. A obra de caridade que é? Diga lá; se fôr objecto que se possa fazer, faz-se.

Tinham entrado no adro da egreja, e já a sineta dava o ultimo signal.

— Conversaremos depois da missa — disse o professor.

O celebrante era padre Bento Ribeiro.

Ao primeiro *dominus-vobiscum,* o levita, voltado para os fieis, mostrava um rosto seraphico, um quebranto de olhos inlevados em asceticas visões, um mavioso de voz tremente da piedosa commoção com que chamava o Senhor a ser parte nas almas d'aquella christandade.

João Verissimo edificara-se d'aquelle mystico aspeito, ao mesmo tempo que Tiburcio sorria para elle de esguêlha.

Ao *orate-fratres,* o mesmo gesto unctuoso do padre, a mesma edificação do mestre, e o mesmo sorriso esconso do alferes.

— De que se ri este homem?! — dizia de si comsigo João Verissimo.

Ultimado o sancto sacrificio, os dois sahiram juntos.

— Quem vê aquella cara de sancto de páu de buxo não atrema com o velhaco que ali está!—disse Tiburcio.

— A cara de quem? — perguntou o outro.

— De quem hade ser?! A do padre Bento, pois vossê não o conhece?!

— Conheço ha doze annos, desde a escola.

— E então que lhe parece o tal amigo?

— Um homem inoffensivo e um bom clerigo.

— Bom clerigo! um seductor de cachopas, bom clerigo! Ah! então vossê, sôr João, se o não é, faz de mim tôlo... Para cá vem barrado!... Que elle engane com as suas imposturas a gente estupida, isso é dos livros; mas vossê que estudou dez annos, pelos modos, chamar áquillo bom clerigo, isso hade perdoar que lhe diga que é pagar bom burro ao dizimo...

Como a sr.ª Maria do alferes se avisinhasse dos

dois e ouvisse a pratica deprimente dos creditos alheios, admoestou o marido a não murmurar de padre Bento, que era sagrado pelas ordens.

— Da corôa para cima—emendou o alferes com gracejo de cabo de esquadra.

— Anda d'ahi! — instou a boa mulher com medo de maior sacrilegio.

— Pois vamos lá almoçar, padre João — condescendeu Tiburcio — e depois fallaremos no caso que o cá trouxe; mas, a respeito da bondade do tal padre Bento, temos conversado.

Findo o frugal almoço, e apartados ambos para a eira de João Verissimo, expoz assim o seu requerimento:

— Amigo e sr. Tiburcio, hontem entrou na minha escola um menino de seis annos, quasi nu e com cara de fome. Perguntei-lhe a que ia; respondeu que queria aprender a lêr. Averiguei quem fosse, e d'elle e de seu filho Jeronimo soube que era d'esta freguezia, filho de uma jornaleira d'esta casa, chamada a Carlota das Courellas, já defuncta.

O alferes interrompeu-o com uma risada secca, batendo-lhe duas palmadas nos hombros.

— Que é?!—perguntou o mestre-escola.

— Vá dizendo que eu cá vou tomando nota.

— Nota de quê?

— Vá dizendo ao que veio, homem!

— Vim pedir a vossemecê que repartisse dos sobejos do seu rendimento algumas migalhas ao orfãosinho, afim de que elle possa, vestido e alimentado, estudar.

— Não tem mais nada a pedir?

— Não, senhor.

— Então, ouça lá, sôr João Verissimo, e não me falle

á mão. A Carlota das Courellas era uma raparigaça com um palmo de cara que não tinha inveja á mais bonita d'esta comarca. Veio ainda cachopa servir para casa do Antonio da Mó, que era o pai do padre Bento Ribeiro. Por lá esteve coisa de seis annos, e não lhe faltaram rapazes remediados que a conversaram para o bom fim; mas ella não dava trela a nenhum, porque o estudantinho, pelos modos, ia estudando para padre e para brégeiro ao mesmo tempo.

O grande caso é que a mãe do rapaz, desconfiando do filho e da moça, mandou a rapariga á mãe, com um recado de que não queria em sua casa mulheres desaustinadas. A mim me disse então a mãe do estudante que pozera fóra a moça com medo que o filho se apaixonasse e casasse, como vossê fizera com a tecèdeira de Geraz. Ora a Carlota, assim que soube que o estudante viera de Braga a férias, fugiu das Courellas e apresentou-se ao rapaz a chorar e a dizer que estava resolvida a deitar-se ao Cávado, se elle a deixasse. O tratantorio lá se desfez da rapariga com as razões de grande maroto que já era então; e ella, que teve medo de voltar para a sua terra, ficou por aqui a trabalhar de jornaleira por esses lavradores, dormindo n'um cardenho que minha mulher lhe deu de graça. Eu não lhe sei dizer se a rapariga era boa se má. Por ahi dizem que ella andaria melhor se esganasse o padre e se atirasse depois ao rio; mas o que tambem dizem é que o padre Bento, já depois que dizia missa com aquella cara que vossê lhe viu, ainda era o mesmo que a guardava dos outros, cioso como quartão gallego. O grande caso é que a rapariga deu á luz o filho; e, assim que este facto succedeu, o padre sahiu da freguezia, e por lá andou anno e meio a

parochiar ahi para Barroso. N'este entrementes, a Carlota pegou de padecer, e morreu ethica, dizendo a quem lh'o ouviu, — a mim e a mais alguem — que o pai do seu filho era o padre da Mó. Ora agora, já vossê sabe, sôr João, a quem ha de pedir de comer e vestir para o rapaz. Vá lá: bote-lhe a sua falla; veja o que elle diz: e, se o patife não der nada, volte por aqui, e fallaremos.

João Verissimo estacou a olhar com pasmo de emparvecido para o lavrador. Queria refutar a historia por lhe parecer incrivel que padre Bento o não desviasse da porta do alferes, se elle era o pai da creança, o deshonrador da mãe, o crú libertino que desamparára os dois. Não cabia isto nos limites que elle assignalára ao mal, ao peccado, á perversidade humana. Mas com que argumentos combater a accusação de Tiburcio? Dir-lhe-ia que o padre lhe assacava a paternidade do orfão? Isso seria levantar estrondoso escandalo, sem d'ahi provir algum proveito á criança. E, de mais, a historia da infeliz Carlota, referida tão singelamente pelo alferes, offerecia caracter verdadeiro e irrefutavel; e, por isso mesmo, o assombro de João Verissimo era natural. E, recordando-se das instancias do padre afim de que nem por sombra fallasse a Tiburcio no filho, comprehendeu melhormente a cautella velhaca, mas ainda assim indiscreta, do seu condiscipulo.

N'este em meio, o lavrador esperava que o mestre-escola dissesse alguma coisa.

— Você ficou estarrecido, padre João! — exclamou o alferes, abanando-o pelos hombros.

— Profundamente magoado, senhor Tiburcio... —

respondeu o mestre, enxugando da fronte as camarinhas de suor.

— Então já percebeu por que eu me ria da cara do padre? Fique intendendo que está ali o maior tratante do reino, e que aquelle homem não arde ha muito na inquisição porque não sei que governo é este que não deixa queimar os padres sem vergonha nem temor de Deus. Olhe que já d'aqui foi uma queixa ao arcebispo contra elle; o padre foi lá chamado, e com aquellas caramunhas de santarrão que vossê lhe viu, enganou o arcebispo, e voltou para ahi, a esbravejar contra os calumniadores. Mas deixe-o andar, e espere-lhe pela volta...

— A' vista do que me diz, não sei que faça, meu amigo — tornou o professor indeciso. — Eu não sei como hei de pedir a tão mau homem que proteja o pobre rapazinho...

— Olhe, sôr João, eu não dou duas razas de milho pelo dote que esse homem ha de dar ao filho; mas apezar de tudo, digo-lhe que vá ter com elle que nada se perde. Vossê sabe pintar as coisas a preceito. Veja se lhe toca no interior. O homem acabou de tomar a sagrada hostia ha pouco; póde ser que o demo lhe fugisse do corpo. Aproveite a maré; que elle, depois do meio dia, tem dentro de si o diabo a nadar em vinho; e lá por horas mortas lê uns livros que esconde de todos os padres que lá vão. Olhe que, para ter tudo, até borrachão se fez; mas é tão hypocrita, que se prega a dormir toda a tarde, e diz á parva da mãe que está a fazer oração mental. Ah! bom fueiro!...

João Verissimo despediu-se com o intento de recolher-se, e dar como encontrado o pai do orfão n'aquelle altissimo e soberano Espirito que lh'o encaminhára a casa.

Tinha pejo de se encontrar rosto a rosto com padre Bento. Era elle o envergonhado! Ha almas delicadissimas que levam até semelhantes extremidades, não sei se o pudor de sua pureza, se a compaixão dos vicios alheios.

Desandou, pois, caminho da Povoa, por um atalho desencontrado da casa do padre; mas foi pontualmente por ahi que o padre lhe sahiu ao encontro na revolta de uma barroca. O levita, que uma hora antes consagrava o corpo e o sangue do mansissimo holocausto da redempção, ia agora de clavina, correão, e rede, polvorinho, e matilha de perdigueiros, espingardear as aves da serra, feril as, afogal-as entre os dedos que exalçaram a hostia, estrangulal-as na correagem da bandola, e ensanguentar as mãos que levava ainda frescas da agua lustral do tremendo sacrificio.

Ao dar de cara com o antigo condiscipulo, exclamou um tanto enfiado:

— Como vi que te demoravas, deixei lá recado para me desculpares, por que está á minha espera o abbade de Aguas-Sanctas.

— Pois então não te demores, que eu tambem, por temer o calor, que já é grande, metti por este atalho, onde ha mais sombra — disse serenamente João Verissimo.

— Então que fizeste? Já agora dize o que passaste.

— Não fiz nada.

— Não quer saber de historias, eim?

— Contou-me uma...

— Uma quê? uma moeda de oiro?

— Não: uma historia de lagrimas. Disse-me como a Carlota das Courellas foi primeiro casta e bella, e de-

pois deshonrada, e mãe, e abandonada, por fim. Contou-me tambem que o pai do orfão mendicante era um padre...

— Um padre! — atalhou o outro, batendo maquinalmente no chão com a coronha da espingarda.

— Sim, um padre. Eu não me espantei. Os sacerdotes christãos, nos primeiros e melhores seculos do catholicismo, tinham filhos, e amavam-os. Santo Agostinho estremecia uma filha que teve da sua companheira do lar, não sei se esposa, se amante. Muitos bispos e grandes prelados portuguezes houveram filhos, que educaram e legitimaram com licença dos reis e dos papas. Os papas tambem amaram os filhos, se os tinham. Já vês que eu só poderia com rasão espantar-me que o amante de Carlota e pai de Manuel desamparasse a mãe no leito da morte e o filhinho no berço da mais desvalida infancia. Ora tu que és padre, e conheces os teus collegas bons e máos, deves em consciencia procurar o pai do orfãosinho que eu lá tenho, e dizer-lhe que lhe dê um caldo pelo amor de Deus, pelas angustias que soffreu Carlota, e pelas lagrimas da fome e do frio que a creancinha tem chorado.

As ultimas palavras já foram arrancadas por entre soluços.

Padre Bento, mais estupefacto do que commovido, preparava-se para refutar a indirecta allusão, quando o professor, estendendo o braço até lhe quasi tocar com a mão nos beiços, disse:

— Não me respondas agora, Bento; falla á consciencia do padre, e n'outra occasião me responderás. Adeus.

E, apertando o passo, desappareceu da vista do ou-

tro, que ficou immovel por largo tempo com o queixo encostado á bocca da arma.

Passados vinte minutos, os cães latiram dentro de um sovereiral, que entestava com uma vasta clareira tapetada de lestras e urzes. Quasi simultaneamente estrondeou a detonação de um tiro, seguida de brados e silvos com que os caçadores costumam dar alor e brio aos cães,

João Verissimo olhou do topo de um cêrro para a encosta de outro onde se desenovelava a fumarada do tiro, e entreviu o padre Bento, saltando de rochedo em rochedo, na piugada provavelmente de um coelho ferido com que elle esperava cevar o seu remorso, e armar entrada ao demonio da tarde na onda do vinho, como dizia o epigrammatico Tiburcio.

III

— Achaste o pai do rapaz? — perguntou Luiza, galhofando.

— Achei.

— Sim! então quem é?

— Sou eu.

— Salvo seja! Ainda mais essa! Olha se me mettes em casa mais uma bocca!...

— E mais uma alma, que Deus confia á tua caridade, Luiza—respondeu mansamente o marido.

— O' homem tu não vês que todo o teu ganho são seis vintens por dia?

— Bem sei.

— E que tens uma filha com dois vestidinhos velhos?

— Bem sei.

— E então? sabes isso, e trazes para casa um rapaz

que ha de comer e vestir?! Que me melem, se tu estás escorreito, homem!...

João Verissimo amparou entre as mãos a face cahida para o seio, meditou dolorosamente, e offereceu a Deus o coração para que lh'o resguardasse das rasões penetrantes da mulher.

E ella, comprehendendo compadecida o silencio do marido, abeirou-se d'elle com brandura, e disse-lhe:

— Não te afflijas... Olha, João, deixa ficar o rapaz, que elle me ajudará a dobar as meadas; e, se eu hei de perder tempo na rua, vai elle aos recados. Deixa-o ficar... Deus bem sabe que somos pobres; ha de ajudar-nos...

— Boa rapariga!—disse o mestre-escola estreitando-a ao seio — ouviu-me Deus... Onde está a nossa Eulalia?

— Está no quintal a ensinar o *Abêcê* ao Manuel. Ainda ha pouco veio dizer-me que elle já sabe nove lettras.

— Já sabe doze! — exclamou a festiva menina, assomando á porta — O' meu pai, que rapazinho tão esperto! E' um gosto ensinal-o!

— Então queres que elle cá fique?

— Tomára eu...—disse Eulalia.

— E comer? Bem sabes que somos pobres, filha!

— Ai! elle não come quasi nada... Do caldo que a mãe lhe deu ao almoço comeu sómente metade... Olhe uma coisa... eu reparto com elle do meu quinhão, quer, meu pai?

— E vestir? — perguntou João Verissimo, beijando a, e animando-lhe as faces.

A menina reflectiu alguns segundos, e disse:

— Eu arranjo...

— Que arranjas tu?

— Vou pedir á minha madrinha da casa das Agras que me dê a roupa velha dos fidalguinhos...

— Lembraste bem, meu amor! — approvou o pai — os Ferreiras de Mello das Agras são corações que entendem a lingua dos anjos fallada pelos teus labios innocentes... Pois seja assim; irás á tarde com o pequeno a casa de tua madrinha, e já de lá o trarás vestido de ponto em branco.

Assim se fez.

Era já um galante menino, a entre-mostrar nas feições mimosas, posto que tisnadas do sol, a belleza da mãe. Assim o confessava Luiza, que a tinha conhecido, na flôr dos annos e da virtude, não sem inveja da primazia que os rapazes davam á das Courellas, quando as duas mocetonas, por aquellas romarias de entre Ave e Cavado, andavam á compita de qual mais conversada.

O professor esperou alguns dias o resultado da conferencia de padre Bento com a consciencia do pai de Manuel. João Verissimo confiára quasi nada da uncção e delicada censura de suas palavras; mas ainda assim, apostaria que o levita, guardadas as cautellas competentes ao seu officio, soccorreria o rapazinho, quando mais não fosse, por se esquivar aos perigos de averiguações sobre a paternidade do filho de Carlota.

Baldaram se-lhe todas as conjecturas. Padre Bento da Mó procedeu como os homens de bem que entregam á revelia as calumnias, e appellam da iniquidade dos homens para o fôro da consciencia propria. Ninguem pensaria outra coisa, ouvindo-lhe as missas tão

pausadamente meditadas e aquelles gestos arrobados de eremita ao voltar para o povo a cara escandecida dos fervores internos.

O alferes de Cima-de-Villa, obrigado pela palavra, perguntou por escripto ao mestre se o padre *dera de si* —phrase bem posta, á qual João Verissimo respondera com evasivas para não dar azo a que o lavrador divulgasse a sovinaria immoral do seu condiscipulo. E o lavrador, optando pela hypothese de que padre Bento *dera de si,* dispensou-se de dar alguns graeiros da sua tulha.

Ficou, pois, o orfão de todo em todo filho da caridade de João Verissimo, bem-quisto de Luiza, e querido de Eulalia como se fosse sua irmã.

O menino cumpria obrigações de criado, sahindo ás modicas compras, varrendo a aula, espanando os bancos e as mezas, regrando o papel dos traslados, e estudando ao mesmo tempo que moirejava na casa. Admirava-se o mestre da memoria do rapaz; mas ainda mais da intelligencia com que devolvia em idéas as formulas apprendidas de cór. De si comsigo reparava João Verissimo na dissimilhança que distanceava tanto a cabeça do padre Bento da cabeça do orfão: desconcertos da natureza que faziam lá certas implicancias no animo de João Verissimo; por que elle acharia mais bem concertado o mundo, se os troncos podres não abrolhassem gomos viçosos.

— O Bento da Mó—dizia elle á mulher—foi sempre muito bronco; deu me muito trabalho a convencêl o de que, chamando-se *Bento,* não devia assignar se *Vento.*

— Mas *Vento* é como se diz—observou Luiza que desde os seus tempos de sécia aprendera com as senhoras de

Geraz a protestar contra a gallegagem do *b* em *vom*, em *vagem*, em *vavoso*, em *vavugem*, e finalmente em *Vento*.

João Verissimo discorreu, mas não illustrou a mulher, nem a convenceu da incapacidade intellectual do padre tão inversa da aptidão do filho.

Entretanto, Manuel, que adoptára do seu bemfeitor o appellido de *Vieira*, assim que pôde escrever o seu nome, na escripta que então chamavam *materia*, avantajou-se a todos os seus condiscipulos, a termos de, na volta dos nove annos, ser elevado á honra de decurião da segunda classe. Em arithmetica ninguem lhe fazia sombra, nem o proprio mestre, que se prezava de saber *quebrados* a preceito, lhe emendava um algarismo.

Esta precoce aptidão do mocinho valeu muito ao mestre na enfermidade que o teve de cama um inverno inteiro. Era Manuel quem ensinava os rapazinhos em tudo que João Verissimo podéra instruil-o, tirante os discursos religiosos com que, aos sabbados, o professor explicava a doutrina.

Durante a longa doença de seu marido, Luiza vendêra dois cordões e arrecadas, que em solteira ganhára na tecelagem, para supprir ao cirurgião e á botica. Desfizera-se tambem de parte do seu bragal que lhe havia custado o pão da bôcca, e tudo fôra insufficiente para que se não empenhasse com alguns lavradores, pais dos discipulos de seu homem.

João Verissimo ergueu-se em maio de 1752; mas tão quebrado de corpo e alma que mais parecia erguer-se com saudades da morte. Via-se muito pobre, muito duvidoso da convalescença, e sobre tudo desesperançado de poder restituir á arca de Luiza o oiro e o linho. Aquella honrada paciencia com que elle se aguentára

na pobreza relativa parecia ainda amparal-o mas escondia-se para chorar; e, chorando, balbuciava o nome da filha com quem offerecia a Deus as suas orações recommendadas pela innocencia de um anjo.

Examinando os seus discipulos, elogiou Manuel na presença d'elles, com tão sensibilisado louvor que o abraçou, dizendo que os meninos haviam ganhado com a substituição, e o substituto ganhára tambem a eterna gratidão de seu mestre.

Voltou João Verissimo a reger a escola; porém, poucos dias exercitou o pesadissimo encargo que d'antes lhe fôra tão agradavel.

Afóra a extenuação da convalescença mal alimentada, o professor principiou a queixar-se de que via uma nuvem ao redor dos objectos brancos, e grande infraquecimento de vista em ambos os olhos. No decurso de dois mezes, o nevoeiro condensou-se a ponto de já mal divisar as coisas alumiadas por claridade brilhante. Por fim, apenas entrevia os contornos dos vultos, que se lhe figuravam erradamente na distancia.

Cegou aos trinta e tres annos de idade.

Só por Deus se percebe a conformidade com que João Verissimo assistiu áquella morte da vida exterior, ao vasquejar da luz, que de todo se lhe apagou, fechando-lhe no seio da treva as imagens de Luiza, de Eulalia, e de Manuel, o grangeador do pão mesquinho de sua familia! Se ouvia o imprudente soluçar da mulher, pedia-lhe que não chorasse, porque elle sentia consolações interiores e esperanças muito seguras de tornar a ver. Se a filha, já mocinha de treze annos, lhe orvalhava a mão tremula de carinho, o pai aconchegava a do seio, beijava-lhe a face, tacteava-lhe as feições, anediava-lhe

os cabellos, e dizia-lhe que a estava vendo, tal qual era, com a vista do coração. E sorria-lhe, como nos sanctos dias da paz, da saude e do trabalho.

A's vezes, amparado no braço de Manuel, ia á escola, assistia silencioso ás lições, rolava os olhos cinzentos para o lado d'onde lhe soava a infantil voz do seu orphão, que tartamudeava na presença do mestre. Aos sabbados exercitava as suas antigas praticas, discorrendo, com mais levantado espirito que d'antes, ácerca dos precarios bens da vida, exaltando a paciencia á supremacia de virtude principal, d'onde derivam todos os meandros que reverdecem a alma esterilisada pela desgraça. Os discipulos raramente o percebiam. Alguns tosquenejavam com somno; outros cochichavam com os seus convizinhos, e Manuel, quer o percebesse quer não, enfitava lhe, nos olhos apagados, os seus, nublados de lagrimas.

Na correnteza d'estes successos, um padre de Fonte-Arcada, avisado da cegueira do mestre de Lanhoso, tomou o pulso ao seu saber, e achou se bem rijo de intelligencia para abrir escola. Esta noticia perturbou o animo de João Verissimo, e talvez o prostrasse, a não lhe ser preciso acudir aos clamores afflictos da mulher. Pediu-lhe ella a brados que fosse em pessoa rogar ao padre que desistisse do proposito de lhe tirar os discipulos.

A isto respondeu o cego que, se sahisse a mendigar, não iria pedir o pão a quem lh'o quizesse tirar.

Esta palavra *mendigar* arrancou um convulso gemido do peito de Manuel Vieira. E' porque elle tinha mendigado: sabia que o pão, dado sem caridade, traz peçonha que precisa ser diluida nas lagrimas. Viu-se, sete

annos antes, á porta dos lavradores, que o achavam muito novo e franzino para criado, e, ao remeçarem-lhe uma côdea não invejada dos mastins, lhe bradavam: *Vae guardar umas cabras, vadio!*

Entretanto, o clerigo de Fonte-Arcada abriu aula, e para logo os rapazes mais e menos vizinhos d'esta freguezia mudaram de mestre, a contento dos pais que desdenhavam a capacidade do filho da Carlota das Courellas para ensinar os condiscipulos que o não respeitavam, e, por inveja, o escarneciam. Diminuiram de repente os estipendios de João Verissimo, e de tal sorte que, a poucos mais passos da desgraça que andava depressa, houve fome em casa do cego.

IV

João Verissimo despedira os poucos discipulos que, movidos de inutil compaixão, o não tinham abandonado. Era preciso aproveitar a sala da escola na armação de dois teares, para Luiza e Eulalia.

Manuel vio acabar a escola, e faltou-lhe animo para perguntar se devia procurar sua vida n'outra parte; mas bastou lhe intendel-o assim nos olhos chorosos de Eulalia, e no gesto com que o fitavam, quando os mocinhos, ao despedirem-se, beijaram pela ultima vez a mão do cego.

João Verissimo deu lhes um adeus soluçado de termos carinhosos, recommendando, a cada um por sua vez, que embora deixassem esquecer o pouco saber que d'elle tinham aprendido, nunca se esquecessem dos seus conselhos de vida honesta, mais precisos á vida feliz do que a sabedoria. Depois, accrescentou:

— Vem tu agora cá, meu Manuel.

O rapazinho abeirou-se d'elle, beijando-lhe a mão com que o cego lhe apertara a sua.

João Verissimo proseguiu:

— Não pódes continuar a viver comnosco, menino. Tens treze annos; pódes já ir grangeando o pão do futuro. N'esta casa é que não tens futuro nenhum. Entraste n'ella com fome ha sete annos, e sáes com fome. Em quanto houvesse n'ella algum escasso passadio, muito me custaria separar-te de nós; mas tu, bem vês, filho, minha mulher e Eulalia vão tecer para me sustentarem; e, se os ganhos não derem para tanto, eu, abordoado ao cajado de cego, irei pedir.

Manuel orvalhou de pranto as mãos do mestre, murmurando:

— Não diga isso... Irei eu, que já pedi...

— Has de ir, has de, mas irás ainda uma vez pedir para ti. Vais d'aqui ámanhã cedo a Rendufinho, a casa do sr. padre Bento... Conheces o sr. padre Bento Ribeiro?

— O da Mó?

— Sim, conheces?

— Conheço, sim, senhor. Algumas vezes me mandou dar uma tijela de caldo, quando me via sentado á porta do quinteiro.

— Bem, isso é bom agouro para o feliz resultado do meu plano... Elle tratava-te bem, Manuel?

— Dava-me o caldo...

— Pois, querendo Deus, has de ser bem succedido. Tu chegas lá, e dizes lhe que és o filho da Carlota das Courellas. Pergunta-te elle então o que queres, e tu respondes que eu te ensinei a lêr, escrever e contar a fim de te guiar para a vida do negocio... Intendes?

— Sim, senhor.

— Falla-lhe com desembaraço, ouviste? Mostra-te espertinho como és para que elle sinta vontade de te proteger. Depois, contas-lhe a verdade: que eu ceguei, e despedi os poucos discipulos que me não deixaram; que te quero mandar para uma loja do Porto ou de Braga; mas que nem tenho conhecimentos, nem sequer o bastante para te arranjar enxoval. Toma bem sentido...

— Sim, senhor.

— Se vires que elle te escuta com attenção, dize-lhe que a tua vontade era ir para o Brazil, onde o sr. padre Bento da Mó tem parentes ricos; e então pede-lhe, que por alma de seu pai te pague a passagem, como emprestimo, que tu lá irás saldando no Brazil com os teus ordenados quando já fôres caixeiro. Dize-lhe tudo isto, Manuel, com a tenção de cumprires a tua palavra, e vê o que elle te responde... Mas que é isso?! estás a chorar, rapaz?

— Vossemecê não tem razão de queixa de mim... — balbuciou Manuel — quer que eu vá para o Brazil, e não o torne a vêr...

— E, se me não tornares a vêr, filho, pede a Deus por mim como eu lhe pedirei por ti. Quero que vás, porque me adivinha o coração que has de vir a ser ainda o amparo da minha pobre familia, que tambem é tua. Lembra-te sempre de Eulalia como de tua irmã e da mãe d'ella como se fosse a tua. Deves querer ir, Manuel, por amor de nós; não é sómente por amor de ti. Convence-te de que tens á tua conta amparar tres pessoas muito pobres, e irás alegremente. Vês tu? parece-me que já não choras... Ora, dá me cá um abra-

ço, e vai dizer a Eulalia que não chore, que eu bem a oiço soluçar...

Manuel foi á cosinha onde Eulalia, sentada no escabello, abafava os gemidos no avental. Sentou-se junto d'ella, e articulou algumas palavras afogadas por lagrimas. Chegou Luiza n'este comenos e chorou com elles; mas, ao sentirem avisinhar-se o cego, calaram se todos, como se mutuamente se pedissem compaixão por elle. Chegou-se João Verissimo á lareira, e disse risonho:

— Venho farejar que acepipes cá tens no borralho á espera do appetite, Luiza...

— Alguns ha, João...

— Lamentações? Antes isso que alguma iguaria indigesta.

— Tens ovos e toicinho, gostas?

— Isso é muito melhor que tristezas; mas quantas lagrimas te custou esse jantar?

— Se custou algumas, foi ao Manuel — disse Luiza.

— Ao Manuel? onde foste buscar isso, menino? Elle está aqui, o Manuel, não está?

— Estou, sim, senhor. Os ovos e o toicinho deu-m'os o José da Fonte a trôco de seis traslados que eu lhe fiz hontem para elle copiar.

— Está bom, está bom; mereceste bem a paga. A tua lettra é muito bonita. Já vais tirando proveito das tuas prendas.

— E, se vossemecê me der licença — tornou o rapazinho — ensino os quebrados ao Joaquim da Gaivota que me dá todos os dias alguma coisa.

— O que eu quero é o que já te disse, Manuel. Desde ámanhã em diante nem eu nem tu pensamos

senão em te ires á cata da tua vida no negocio. Levanta te cedinho para vires almoçar. E tu, Eulalia, em vez de chorar, pede a Deus que Manuel encontre a caridade que vai procurar. Lembrai vos ambas de que eu estou morto, ou peor que morto; estou em sepultura de trevas; mas sento-me comvosco á mesa, onde o vosso trabalho me alimenta. Quem está vivo é este menino, de quem eu espero o que um pai espera do filho mais amoravel. Não lhe tireis as forças com as vossas lastimas. Deixai-o ir, se a sua boa estrella estiver onde eu cuido que ella está.

Ao primeiro lusir da seguinte manhã, Manuel vestiu o seu fato de cotim, e foi a Rendufinho, onde não voltára desde que a piedade de João Verissimo o remiu de mendigar á porta dos lavradores.

Bateu ao portal de padre Bento, e soube que elle tinha ido para a egreja dizer missa. Foi á egreja e ajoelhou a pedir a Deus que lhe désse força para deixar o cego, e a pobre familia que o abrigára e educára. No templo estava elle só, e algumas mulheres idosas.

Era em estação de maior sáfara agricola. Homens e raparigas andavam a sachar e a mondar nos milharaes. Acontecia, n'aquella sasão, não haver pessoa que ajudasse á missa, quando os padres se não ajudavam uns aos outros como interessados que eram de resgatarem do fogo do purgatorio almas, a seis vintens. N'este dia, padre Bento por muitas vezes tinha vindo ao arco da capella mór á procura de quem podesse gargarejar com elle o latim do sacrificio incruento. Ralava-o a impaciencia de ir para o monte, sabendo de mais a mais que outro clerigo seu visinho lhe andava na pista d'uma gallinhola. Como fosse intardecendo, resolvera já não

dizer missa, quando deu tino de entrar alguem. Sahiu á porta da sachristia e viu o rapazito desconhecido, orando, lá em baixo ao pé da pia da agua benta.

— O' rapaz! — bradou elle lá do altar-mór — sabes ajudar á missa?

— Sei, sim, senhor.

— Louvado seja Deus! tão novinho! — murmuraram as devotas banhadas de consolação na esperança de darem ás suas almas em jejum o pasto sancto da missa d'aquelle dia.

— Então vem cá — disse o padre.

Manuel foi á sachristia, e beijou a mão do sacerdote, como lá se usa com estes pais espirituaes — bom costume que é muitas vezes a manifestação implicita dos deveres dos filhos para com os seus pais organicos.

Padre Bento da Mó olhou-o de soslaio, e perguntou-lhe:

— D'onde és tu?

— Sou cá da freguezia.

— E's? eu não te conheço! — tornou o padre reparando.

— Ha seis annos que sahi de cá.

— Então de quem és filho?

— Sou filho da Carlota das Courellas, Deus lhe falle n'alma.

O padre encarou-o sem sobresalto e com certo ar de curiosidade.

— Tu não estavas em casa do João Verissimo, na Povoa?

— Sim, senhor. Elle cegou...

— E sahiste de lá?

— Não, senhor; vim a Rendufinho... á conta de fallar com vossa mercê.

— Mandou-te cá o teu mestre? — acudiu o padre, carregando o sobrôlho.

— Sim, senhor. Vim... a...

— Então que queres? — interrompeu o padre, enfiando a alva, que o rapazinho lhe aconchegava da cintura, apanhando-a em refêgos, debaixo do cingulo, por medo que a orla cahisse igual nos artelhos do levita.

— Eu direi a vossa mercê depois da missa — respondeu Manuel, algum tanto desanimado com o ar desabrido das perguntas e dos gestos.

Padre Bento levava para o altar o espirito azedado de conjecturas, e talvez de rancor a João Verissimo. Notaram as devotas que elle, n'este dia, ingrolára a missa muito depressa, e andava muito atabalhoado, á imitação de certos padres em quem ellas não tinham fé. Ao virar a sua cara para os fieis, padre Bento não dava semelhanças de cherubim, nem de seraphim: era padre, e mais nada n'aquelle dia. Consummado o sacrificio, e desrevestidas as sagradas vestes, o sacerdote encostou-se ao gavetão dos paramentos, e perguntou:

— Dize lá então o que queres.

Manuel expoz com bastante embaraço e com os olhos no pavimento o recado que apprendera de João Verissimo, sem ser interrompido.

Quando o pequeno se calou, padre Bento meditou alguns momentos. E' natural que n'esta meditação entrasse o contentamento de não ser descoberto pelo seu condiscipulo ao filho da Carlota das Courellas; mas, ao mesmo tempo, inquietava-o o receio de vir a ser divulgado pai do rapaz, se se recusasse a beneficial-o, por

aquelle mesmo que na sua admiravel prudencia o estava propriamente ameaçando. Pagar-lhe, porém, passagem para Pernambuco e recommendal o aos parentes, a tanto não o obrigavam a caridade de homem, nem o coração de pai, nem o temor do descredito.

D'estes raciocinios, apressados pela seducção do almoço e cobiça da gallinhola, sahiu com esta secca resposta:

— Dize lá ao teu mestre que eu dinheiro para pagar-te a passagem não o tenho, por que está o milho todo nas tulhas, e o vinho nas pipas; mas que te dou alguma coisa para ajuda. Que mande cá buscar uma moeda de ouro, que é o mais que posso dar-te.

Voltou Manuel com a resposta, e ia alegre. A falta de recursos detel-o-hia entre a familia, que lhe parecia mais sua quanto a fome o obrigava a trabalhar no serviço d'ella. Depois, com a moeda de ouro, iria procurar patrão a Braga ou ao Porto, onde podesse ter a miudo cartas em que Eulalia lhe fallasse de si e de seus pais. Estas rasões deu-as o pequeno a João Verissimo, que lh'as ouviu com tristeza, murmurando a intervallos:

— Ah! padre! padre!...

— O rapaz tem rasão... — interveiu Luiza — Em toda a parte é Brazil para quem quer trabalhar. Deixal-o ir para Braga ou para o Porto.

— Quem conheces tu lá, mulher! — contestou o cego — a quem havemos de o mandar? Tu cuidas que Manuel chega a qualquer d'essas cidades, e, sem protecção nem recommendação de ninguem, encontra patrão que o aproveite? Valha-nos Deus... Como ha de ser isto? a quem recorreremos?

— Eu arranjo... — exclamou Eulalia.

João Verissimo voltou a face risonha para a filha, e disse:

— Tu arranjas tudo, rapariga! Então que arranjas tu? Pedes ao teu anjo-da-guarda que vá com o Manuel?

— Peço ao padrinho das Agras que me dê uma carta para alguem de Braga ou do Porto.

— E lembráste bem, filha. Vae lá com elle. Não se perca tempo.

Sahiram juntos os dois pequenos.

Ao caminharem vagarosamente, paravam de vez em quando, silenciosos, enxugando os olhos. Outras vezes, apertavam o passo, alentados por alguma doce phantasia que a esperança lhes pintava. Depois, quedavam-se outra vez reconcentrados em triste meditação, até que ella, ou elle, rompia n'estas expressões reanimadoras:

— Havemos de tornar a viver juntos!

— Assim que eu ganhar alguma coisa — dizia Manuel com passageira jovialidade — venho pôr loja na Povoa. Eu tenho treze annos; d'aqui a trez já sou caixeiro; depois, com mais trez, arranjo dinheiro para abrir a loja. Tu verás, Eulalia... verás, que d'aqui a seis annos, já tu não has de estar a tecer nem tua mãe. Ponto é que Deus me ajude...

— Tu depois esqueces-te de nós... — murmurou Eulalia.

Manuel respondeu com soluços que o abafavam. Aquella offensa dcêra-lhe mais do que a violencia do apartamento.

Eulalia abraçou-o com lagrimas de arrependida; pediu-lhe perdão, desculpando-se com o amor que lhe ti-

nha, e prometteu nunca mais o magoar com semelhante desconfiança.

N'estas maviosas alternativas, chegaram a casa dos Ferreiras de Mello das Agras. Foi Eulalia quem deu o recado entre dorida e alegre, e logo obteve uma carta para um mercador de pannos por atacado, no Porto, na rua do Loureiro, a fim de que este negociante desse ao marçano o destino mais prompto em qualquer ramo de commercio.

Destinou-se o dia da partida, contando com a moeda do padre Bento para o enxoval, que devia ser pouco maior que o coração do padre.

Foi Manuel a Rendufinho receber a esmola prometida, e soube que o antigo amo de sua mãe andava arredio da freguezia por ter batido com um estadulho em dois lavradores que lhe haviam matado duas gallinholas dentro da sua tapada. Volveu á Povoa com a ruim nova, e condoeu-se das lastimas que fez o cego.

— Não se afflija vossemecê — dizia Manuel—que eu tanto vou com dinheiro como sem elle. Pouco me basta d'aqui até ao Porto para comer; e a roupa lá m'a dará o patrão, se eu a merecer.

E, como João Verissimo decidisse que se esperasse a volta de padre Bento, o pequeno fingiu assentir, doendo-lhe inganar o mestre, venerado e adorado como pai.

Havia alli, porém, uma pessoa a quem Manuel não queria nem podia enganar. Era Eulalia. Contou lhe em segredo que havia de ir, sem despedir-se do pai nem da mãe, por que não tinha animo; e, sem que ella lhe perguntasse como lhe sobejava alento para despedir-se da sua irmanzinha, o pequeno explicou a sua idéa com esta candura:

— Elles já tem idade e podem morrer sem eu mais os vêr, por isso me não despeço de teu pai e tuá mãe; mas tu és nova como eu, e has de ser viva quando eu tornar, se Deus quizer...

E, estando ella muito fita nos olhos lagrimosos do seu companheiro de infancia, Manuel accrescentou:

— Se eu alguma vez fôr rico, tudo que eu tiver é teu. Olha que ainda me lembro que me deste a tua merenda no primeiro dia que eu vim ter a esta casa faminto e esfarrapado.

V

Fez o que dissera. Despediu-se de Eulalia, depois da ultima ceia. A mãe da menina viu cahirem as bagadas de Manuel na tigella do seu caldo; mas calou se para não affligir o marido. A mocinha, já precavida para o ultimo adeus, tambem chorava; e, depois da reza com que o cego, como se fosse feliz, bemdizia a Providencia, acompanhou-o até á porta do seu quarto, abraçou-o, e estrangulou os gemidos, receando que os pais lh'os ouvissem.

Como não podera adormecer, Manuel Vieira erguera se antes ds aurora para se pôr a caminho. Já tinha entroixada a sua roupa, que era leve carga. Ao lançar mão da especie de aza que fizera com o lenço em que a infardelara, achou uma bocetinha de papellão. Abriu-a, examinou-a á luz froixa da alvorada, e reconheceu uma cruz de cobre, que Eulalia trouxera no pescoço, pen-

dente do seu cordão de retroz. Sob o crucifixo estava um papel em que Manuel enxergou estas palavras: *Manuel, não te esqueças de nós, nem tires do teu pescoço esta cruz que te dá a tua irmã.* O rapazinho beijou o Christo, pendeu-o do pescoço, e ajoelhou de mãos postas e olhos absortos em uma estrella que se esmaiava ao nascente. Rezou as sanctissimas orações das lagrimas, levantou-se com a energia que dá a fé ás almas innocentes, relançou a vista á volta de si por todas as coisas meio escuras do seu pobre quarto, e sahiu pé ante pé.

Estava já longe de casa, quando deu tino de lhe ir no encalço um cão, que elle havia apanhado dois annos antes na corrente do rio, já no extremo da vida apenas acabava de nascer. Enxugára-o, aquecera-o, alimentára-o, dera-lhe o gasalhado da sua cama e assistira vaidoso á restauração d'aquella vida, como quem continuava a obra do Creador, estorvada pela crueza d'outras creaturas. Depois, assim que o cachorrinho ganhára pellagem luzidia, e pegou de brincar, graciosamente deu-o de mimo a Eulalia.

Quando viu o cão, parou, affagou-lhe a cabeça, estreitou lh'a ao peito, disse lhe adeus como se nos olhos do irracional reluzisse a intelligencia d'aquella palavra. Depois apontou-lhe com imperio para casa, tregeitando o movimento de baixar-se para o apedrejar. O cão estremeceu como espantado da transição das caricias para o arremêsso, e desviou se com a cauda recolhida, parando aos poucos, curveteando e sacudindo-se entre timido e alegre, se Manuel tambem parava a vêl-o ir e a incital-o com ameaças.

«Pequenezas!» diz o leitor — Grandezas, grandezas das muito tristes, e menos falladas...

Ao descahir da tarde, o mocinho chegou a Braga sem fome, por que, a meia jornada, mendigou á porta de um lavrador que lhe deu caldo, depois de o ter injuriado como vadio.

Em Braga pediu agasalho em uma estalagem, onde por felicidade estava um almocreve da Povoa de Lanhoso, que lhe deu ceia e cama na parte da mangedoura devoluta.

Ao raiar da seguinte manhã, Manuel despediu-se do almocreve, que lhe aprovisionou o fardel com alguns alimentos. O rapazinho pediu ao caritativo homem que dissesse a seu mestre João Verissimo que o encontrára de boa saude e satisfeito. E, logo que se apartou do bemfeitor, tirou da algibeira um caderno de costaneira, cosido pela lombada, quasi todo em branco, e escreveu, a lapis, o nome do almocreve com a seguinte nota: *em 2 e 3 de junho de 1758 deu-me de comer em Braga. Deus lhe pague.*

Ao pôr do sol chegou ao Porto, e logo á entrada perguntou pela rua do Loureiro. Defronte do mosteiro de S. Bento entrou em uma loja de fazendas brancas para obter a vigessima informação. Aproximou-se do mostrador, e esperou que o lojista lhe attendesse a pergunta.

Estava o mercador dobrado sobre o balcão a escrever contas, questionando as ao mesmo tempo com outro sugeito que da parte de fóra tambem escrevia, riscava, e recomeçava alguma operação arithmetica difficultosa.

O mercador, ou não deu tino do rapaz, ou, se o viu, cuidou ser freguez de tão pouca monta que não merecia attenção.

Proseguiu a disputa já acalorada entre os dois á conta de um erro que nenhum sabia emendar. O de casa argumentava a favor da infallibilidade da sua operação, visto que o de fóra se considerava prejudicado por ella.

Entretanto, Manuel era todo ouvidos e percepção, examinando os dois, e relançando a furto a vista sobre os dois quadernos esgaravunhados de algarismos e signaes arithmeticos.

No mais accêso da contenda, o de fóra esmurraçou o balcão, e disse em máu portuguez, mesclado de inglez, uma grave affronta ao de dentro, collocando-o no dilemma de estupido ou aladroado.

A questão versava em reduzir *ruyders*, moeda de ouro hollandeza, a libras esterlinas, e converter estas em moeda portugueza. Pelos modos, a impericia do negociante portuguez corria o páreo com a incapacidade do britannico, por ser aquella uma hora impropria de contas em cabeça e estomagos legitimamente inglezes. A differença favoravel ao mercador dava-lhe uma vantagem dobrada sobre a operação do outro, que se enraivecia quando o contendor lhe bradava:

— Se eu me engano, sr. John Bearsley, ahi tem papel e penna, faça a conta.

— A conta! a conta! — gritava o inglez — Homem! vossemecê não ver impossivel este resultado!

— Não quero saber de historias. Ahi está papel, trabalhe, e emende.

— Este senhor tem rasão — interveio o pequeno, apontando para o inglez.

Encararam ambos no rapaz, que, antes de ser interrogado, continuou:

— Os senhores fazem conta ambos ao florim de cam-

bio que vale dez soldos communs; mas a differença está em que o florim d'este senhor (indicando o inglez) é o de vinte soldos ou Placas, ou quarenta dinheiros de grosso.

— Oh! — exclamou o britannico — E' isso, menino! Vê, vê vossemecê! Brutalidade minha e sua!

— Tem rasão... — accedeu de prompto o negociante, sem desviar os olhos do rapaz mal trajado.

— O menino é caixeiro? — perguntou John Bearsley.

— Não, senhor; venho da minha terra para me arrumar no negocio.

— Sim? já tem patrão?

— Não, senhor. Vinha perguntar aqui onde mora este negociante — respondeu Manuel, mostrando o sobrescripto da carta

O mercador portuguez leu, e murmurou:

— Vais mal; é negociante de escada acima; os marçanos lá são aguadeiros, e nunca de lá sahiu caixeiro com a vida em ordem. Queres tu cá ficar?

E, ao mesmo tempo, o inglez, descurando as boas praticas da cortezia, disse:

— Tem já dois patrões o menino que póde escolher. Este senhor ou eu. Escolha vossemecê, menino.

E Manuel Vieira respondeu sem meditar:

— O senhor.

Este senhor apontado era o inglez.

— Bom! — volveu John Bearsley — venha commigo.

E, voltando-se para o negociante, disse com fino sorriso:

— Ámanhã cá mando este meu caixeiro saldar contas.

Manuel sobraçou a troixa, e seguiu o patrão, que,

a intervallos, parava esperando o rapazinho, que não ousava ir de par com elle.

Dando elle conta de sua preferencia, entre os dois negociantes, dizia na primeira carta a João Verissimo:

«Desconfiei que o portuguez queria enganar o outro, por isso me agradei menos d'elle; e tambem por que o portuguez me fallou com modos brutaes, e o outro com bondade, tratando me como se eu estivesse bem vestido.»

John Bearsley era, áquelle tempo, um dos mais opulentos commerciantes britannicos no Porto, já neto do primeiro Bearsley que se estabeleceu n'esta praça em 1602.

A sua casa em Portugal consignava para a de Londres, onde residia seu irmão Roberto, o maior importador de vinhos e exportador de algodões que então, apesar das tentativas industriaes do marquez de Pombal, fornecia os portos de Portugal e America portugueza.

Ao cabo d'um mez de serviço na casa britannica, Manuel Vieira vestia limpamente, era estimado dos caixeiros, que lhe admiravam a humildade e a nenhuma conta nem fatuidade da destreza com que jogava com os algarismos, removendo com timida modestia as difficuldades que embaraçavam os rudes guarda livros d'aquelle tempo. Se estes lhe perguntavam quem tão habilmente o exercitára em contas respondia que seu mestre fôra a *Taboada de Garrido*, livrinho surrado com que elle estava sempre conversando, nas horas fôrras da aprendizagem do inglez, em que muito o queria industriado John Bearsley.

— Logo que o sr. Manuel souber inglez, vai para

Londres. Preciso lá ter quem saiba correntemente as duas linguas—disse-lhe o patrão.

O caixeiro não respondeu; mas deu mostra de ouvir a noticia com descontentamento.

— Ficou triste? não quer ir?—voltou o inglez.

— Vou para onde vossa mercê me mandar; mas fiquei triste, é verdade, porque o meu bemfeitor está cego, e eu esperava ganhar alguma coisa para soccorrel-o e á sua familia.

— E quem o priva d'isso? Diga quanto lhe quer dar, e escreva ao seu bemfeitor que mande aqui receber a sua mezada.

Brilhou o jubilo nos olhos do rapaz, que a custo se conteve que não beijasse a mão de John.

— Quanto quer dar-lhe?—voltou o inglez.

Manuel meditou, e respondeu:

— Queria dar-lhe o que elle recebia dos discipulos todos, quando tinha escola. Se vossemecê achar que é muito, eu, depois, quando tiver ordenado, irei descontando.

— Quanto era isso por mez?

— Tres mil e seis centos réis.

— Pois dá-lhe Manuel tres mil e seis centos reis, e dou lhe eu outro tanto, em premio da boa educação que tão honrado mestre lhe ministrou. Escreva-lhe hoje mesmo, que é dia de correio, e diga lhe que vai lá passar o Natal, e despedir se; porque Manuel Vieira, d'aqui a cinco mezes, ha de estar prompto em inglez.

D'esta feita, o respeito não bastou a soffrear-lhe o impulso da gratidão exultante: abeirou se de Bearsley com o geito de que lhe pedia a mão para beijar-lh'a.

O inglez, sem lh'o consentir, tocou-lhe brandamente no hombro, dizendo-lhe com desacostumada meiguice:

— Ha de ser feliz, môço. Olhe que ha duas riquezas: a do oiro e a da honra. A's vezes, juntam se as duas, raras vezes, sim; mas unem-se. Outras, fica a do oiro, que não é nada, sem a da honra. Outras vezes, a da honra dá alegrias, que se não compram com o oiro. Percebe, Manuel? Agouro lhe que ha de ter as duas; mas, se as não tiver, ha de ter a que dá a felicidade quando é sósinha. Tem quatorze annos. A sua intelligencia é maior que a idade. Digo-lhe isto porque o seu futuro ha de ir sempre guiado por estas maximas, e porque seu excellente mestre lhe preparou o espirito para as perceber. Vá escrever lhe.

VI

Dois dias antes d'este em que Manuel Vieira escrevia, João Verissimo ouvia ler a Eulalia a resposta de uma carta que seu pai escrevera ao irmão, ao senhor da casa, pedindo-lhe, em extrema necessidade, algum recurso. Desculpava-se o irmão com as más colheitas de pão e vinho; com o gorgulho que dera nas tulhas, com o bicho que comera os feijões, com o azedamento dos vinhos tombados nos toneis, com a ferrugem das oliveiras. E, por derradeiro, ajuntava:

«Se queres que a rapariga sirva, manda-a para cá; mas tua mulher que me não ponha cá os pés, porque foi a causa da tua desgraça.»

— Oh filha! — exclamou o cego, agitando-se afflicto...

— Que é, meu pai?

— Para que leste essas palavras, estando aqui tua mãe?

— Eu não sabia o que dizia a carta... — desculpou-se Eulalia.

Luiza soluçava, enfreando as pragas que lhe esbravejavam no genio iracundo contra o cunhado. Esta boa creatura, desde que o marido cegára, nunca mais proferiu expressão que podesse acerbar as tristezas do infeliz. A paciencia d'elle ensinára-lhe a conformidade, ou pelo menos a repressão da colera. Acontecia ás vezes bater com força nos beiços para rebater o borbotão de bilis que lhe apojava de dentro contra os avaros e crueis irmãos de seu marido. Bem quizera Luiza, n'este lance da carta, suffocar tambem a ira; mas não estava prodigio tamanho em natureza já tão nobremente contrafeita.

— Não chores, Luiza — tartamudou o cego — vem aqui ao pé de mim...

— Não choro, não, homem... — consolou ella, achegando se com as lagrimas já embebidas no avental — vê lá se me achas lagrimas na cara!...

— Ah! pobresinha, tu não enganas o coração, que te vê mais á luz do ceu do que te viam os olhos! Pois então, se não choras, eu t'o agradeço... Sentai-vos aqui ambas ao pé de mim... Conversemos... Estamos muito pobres? não é verdade?

— Não, João... — acudiu Luiza, — ainda temos que vender...

— E depois?

— Depois, se houver quem nos dê teias, e, se Eulalia poder ajudar-me, que Deus lhe dê mais saude da que tem ,tudo se arranjará melhor ou peor.

— Ou *peor* — replicou, sorrindo, o cego — esse *peor* é alguma melhoria que nos faça esquecer a penuria de hoje?... Ora, minhas queridas almas, minha sancta mulher e minha amada filha, vou abrir-vos o meu co-

ração, e já pedi a Deus que vos désse força para acceitardes o meu plano. Que acabei eu de receber agora n'essa carta? A recusa da esmola que pedi a um irmão. Já sei o que é mendigar e mendiguei á porta de meu irmão que devia ser a ultima. Qualquer outra, onde eu fosse bater, não me seria fechada tão desamoravelmente. Meu irmão não sabe o que faz. Perdôo-lhe, por que sei que estas más acções não se fazem a occultas da divina Providencia. O castigo ha de vir para elle, com dôres maiores do que estas por onde chegou até nós a miseria. Emfim Luiza··· está dado o primeiro passo··· Vou pedir por portas, vou mostrar a minha cegueira á caridade publica; e tu, Eulalia, em vez de ir servir teu tio, serás a mocinha de teu cego pai.

Luiza expediu um grande grito, apertou a testa com as mãos e fugiu da saleta, para desafogar em chôro onde o marido a não ouvisse. Eulalia, entretanto, aproximou se mais do pai, apertou lhe a mão, beijou-o, limpou-lhe o rosto, por onde resvalavam duas grossas lagrimas, e disse lhe:

— O pai não ha de ir pedir: vou eu sósinha.

— Tu? — acudiu João Verissimo — Creança!... Ninguem te daria esmola. A caridade quer que a commovam com a velhice, com os aleijões, chagas e cegueira. E tu, meu amor, tens mocidade e saude para ganhar um caldo a trabalhar desde o romper do sol até ao cantar do gallo nas terras e na lareira de algum lavrador. Ora, vai, filha, vai ter com tua mãe, dá lhe consolações, e dize-lhe que eu a estou ouvindo chorar.

Sahiu Eulalia, e voltou logo dizendo ao pai que estava á porta o Leonardo Cigano, que lhe queria fallar.

— Que entre··· E' alguma carta do nosso Manuel,

Entrou o almocreve, que havia dado em Braga ceia e cama ao rapazinho. Riam-se os olhos do jovial visinho do cego, sempre grato ao mestre dos seus tres filhos, já bem encaminhados no commercio.

— Sr. João! — exclamou o Cigano, assim appellidado por ser oriundo da raça vagabunda de bohemios — Boas novas do Manuel!

— Que me diz, sr. Leonardo?! viu-o?

— Foi elle procurar-me á estalagem e deu-me esta carta para vossemecê, e mais moeda e meia de ouro, que ahi vae. Conte... O rapaz está rijo e fero, e espigado que parece ter mais palmo e meio. Se vossemecê o visse de rabona e calção atado com fivela, não o conhecia!... Está um pimpão... Ora ahi tem, veja se está certo o dinheiro... e adeus que vou cuidar dos machos... E' verdade, Eulalia... Já me esquecia de te dizer que trago na entre-carga seis varas de baetilha vermelha que te manda o Manuel para um saiote e umas roupinhas. Vae lá buscal a, e trata de crescer para cazares com elle, ouviste, rapariga? Que bem te fade Deus, que linda has de tu ser como tua mãe! Adeusinho.

João Verissimo riu da bondosa galhofa de Leonardo, e passou a carta a Eulalia, para que a lêsse, dando ao mesmo tempo á mulher o dinheiro com a mão tremente do alvoroço que lhe ia no coração.

— Ahi tens, Luiza... E' uma esmola que eu não pedi; mas, filha, vê lá n'essa carta como é que Manuel póde remetter-nos tamanha esmola.

Manuel referia a conversação que tivera com o inglez, o destino que seu patrão lhe traçára, e, emfim, a dadiva do dinheiro, com a promessa de a repetir todos os me-

zes. Ajuntava o caixeiro que iria passar o Natal com o seu mestre, e despedir-se dos seus bemfeitores até quando Deus quizesse.

João Verissimo tomou nas suas as mãos da esposa e da filha, dizendo-lhes com religiosa suavidade de voz e semblante:

— Vêdes aqui Deus? Vêdes o fructo da nossa caridade? Recolhemos ha sete annos um pobrinho. O pão e a roupa que lhe demos, sobejava nos. Pequenissimo sacrificio fizemos. Eu dei-lhe tudo que sabia sem me custar; mas desinteressadamente: era a caridade estreme. Depois que cegueí, a pobreza aconselhou-me, ou antes forçou-me a deixal o ir procurar sua vida. Dizia-me o coração que, alguma vez, Nosso Senhor me enviaria por Manuel, já homem e remediado, a paga da nossa boa acção. Ha trez mezes que o menino d'aqui sahiu esmolando, e elle ahi está entre nós a cumprir já a missão divina! Minhas filhas, quem quizer ter a mão de Deus sempre ao alcance das lagrimas, e o balsamo divino ao pé da dôr que não se merece, ha de interpor entre si e a Providencia algum infeliz d'aquelles que Jesus chamaria para o seu lado. A caridade é a felicidade dos que dão e dos que recebem, é...

Luiza, vendo que o discurso levava fôlego de homilia, atalhou a religiosa expansão do marido, propondo que se accendesse o lume, e se cozinhasse alguma cousa digna de celebrar as alegrias da familia.

VII

Na ante-vespera do Natal, John Bearsley proveu de boas consoadas o caixeiro, mandando-lhe que as repartisse com seu mestre, e lhe assegurasse a certeza da mezada e outro qualquer soccorro que lhe pedisse.

— Demore se dez dias — disse o inglez — que ha de partir para Londres no dia 7.

Quando o moço assomou á porta da farta casinha de João Verissimo, e Luiza e Eulalia, atarefadas nas iguarias da ceia de Natal, expediram exclamações de jubilo, o cego chorou copiosamente porque não podia ver o seu filho. Em fervores de fé, pedira com ancia a Deus o milagre dos seus olhos; se Deus, porém, lhe não alumiára a escuridade exterior, compensára-o com a consolação de sentir-se apertado nos braços do menino que tambem chorava.

Resvalaram depressa aquelles poucos dias de felicidade. No penultimo, Eulalia pediu a Manuel que lhe escrevesse a ella todos os mezes uma cartinha dentro da que mandava ao pai. Depois, levou-o comsigo aos loga-

res por onde em pequeninos tinham andado: á orla verde do ribeiro, á quebrada do monte, estofada de musgos e fetos, á sombra da carvalheira, onde ainda se via um ramo vergado pela redouça em que se bamboavam, quando pequenitos de sete annos.

Na freguezia de Fonte Arcada, caminho da casa das Ágras, onde Manuel Vieira quiz ir beijar a mão do fidalgo, que lhe dera a carta de protecção, e desculpar-se de a não ter aproveitado, viram os dois alegres caminheiros um caçador que vinha ao seu encontro, com boa matilha de cães.

— Lá vem o padre Bento da Mó — disse Manuel.— Se elle me tivesse dado a moeda que me prometteu, havia de ficar muito contente por me encontrar agora.

— Eu o arrenego!...—exclamou Eulalia.

— Porquê? fez-te algum mal?...

— A mim não... Eu te contarei... deixa-o passar.

O padre, olhando, fixamente o moço que se descobrira a distancia de alguns passos, perguntou-lhe se não era o filho da Carlota das Courellas.

— Sou, sim, senhor.

— Então, onde estás agora?

— No Porto, sr. padre Bento.

— E vae-te lá bem?

— Graças a Deus, muito bem.

— Já ganhas alguma coisa?

— Sim, senhor; já ajudo a viver meu pai.

— Teu pai? — acudiu o padre com espanto — então quem é teu pai?!

Manuel, meditando a razão da pergunta, respondeu:

— Eu chamo pae ao sr. João Verissimo, que me creou e ensinou; outro pai não no tenho, nem no conheço. Vos-

semecê bem sabe que eu andava a pedir, quando fui dar á Povoa, e lá fiquei em casa do mestre, e de lá saí a pedir esmola para o Porto, porque meu pai não tinha que me dar...

— Bem sei, bem sei...— tornou o padre precipitando as palavras com perturbação diante d'aquelle menino de doze annos, que o estava involuntariamente vexando. — Eu mandei saber á Povoa se ainda lá estavas para te dar a moeda que te prometti...

— Muito obrigado, sr. padre Bento. Se vossemecê m'a tivesse emprestado então, eu poderia pagar-lh'a agora. Meu pai esqueceu se de me dizer que vossemecê mandára o dinheiro... mas muito obrigado.

— Não t'o disse, porque chorou muito quando eu lhe li a carta do senhor padre — atalhou Eulalia. — Vossemecê — proseguiu ella voltando-se contra o calumniador do alferes de Cima-de-Villa — dizia-lhe que mandava a moeda porque queria, e não porque tivesse obrigação de o fazer; mas que o não tornassem a incommodar com peditorios; que vossemecê não tinha medo de calumnias. Foi como foi.

— Como a espertalhona da rapariga se espevita! — disse o padre com sorriso farçola, emquanto Manuel encarava n'ella, e ouvia com muita atenção palavras que não intendeu.

E Eulalia, com gesto de aborrecida e porte de mulher já feita, accrescentou:

— Meu pai, mandou-lhe outra vez a moeda de ouro, e mandou-me escrever isto assim:

«Não te escrevo, porque estou cego; e não te respondo á lettra porque é minha filha que escreve estas linhas.

Descança, padre Bento, no repouso da tua consciencia, que eu não te calumniarei.» Foi assim ou não?

— Foi assim, rapariga, foi. E d'ahi?

— E d'ahi vamos embora, Manuel, que o meu padrinho das Agras, quando fôr duas horas, deita-se a dormir a sesta, e depois não lhe pódes fallar.

E, tirando o rapaz pelo braço, seguiu ávante, deixando o padre a sentir a vergonha de se vêr diante de si proprio um vil.

— Eu não percebi — disse Manuel — a carta que o padre mandou, nem a resposta que o pai lhe deu.

— Tambem eu não. Contei a minha mãe o que se passou, e ella tambem não intendeu; mas, de ahi a dias ou semanas, indo eu e mais ella a Rendufinho levar uma teia a casa do Tiburcio, tocou á missa, e entrámos na egreja. N'isto subiu para o altar o padre Bento; e minha mãe, assim que o enxergou, ergueu-se e sahiu da egreja, dizendo-me: «Deus nos livre da missa de tal padre, que já está vestido e calçado no inferno, o Senhor me perdôe.» Perguntei lhe porquê, e ella só me disse: «Tu o saberás, quando fôres grande.» Estou morta por ser grande — ajuntou Eulalia accentuando mui gravemente as palavras.

Manuel foi indo muito recolhido em pensamentos que lhe não esclareciam nada, até que avistaram a casa das Agras, onde foi contar as suas fortunas aos Ferreiras de Mello, abraçando respeitosamente o menino que o vestira com os seus fatos quando, aos seis annos, despia os farrapinhos das primeiras calças de estopa com que atravessára alguns invernos, invejando o aconchêgo que tinham á lareira os cães perdigueiros do padre Bento da Mó.

Mui naturalmente disse Manuel ao cego que havia encontrado o padre Bento, e repetiu o dialogo que tiveram, e a intervenção azougada de Eulalia. João Verissimo ouviu-o inquietamente, receoso de ser interrogado pela justa curiosidade do rapaz; Luiza, porém, acenando a Manuel que se calasse, e distrahindo a attenção do marido, se obstou a perguntas, augmentou suspeitas, de qualquer coisa extraordinaria, no espirito atiladissimo do môço.

N'aquelle dia, vespera da sahida de Manuel Vieira para o Porto, appareceu o alferes de Rendufinho em casa de João Verissimo, afim de lhe dizer que, depois de grandes diligencias, não podera mover o irmão, senhor da casa, a dar-lhe algum soccorro. N'esta commissão andara dois mezes empenhado o Tiburcio com outros amigos, ignorando que o desvalido cego vivia remediado com a esmola do patrão de Manuel.

Escutou-o com alegre rosto João Verissimo, e disse-lhe:

— Eu já não receio a fome da minha familia, sr. Tiburcio. Aqui está o meu filho Manuel que nos tem ha dois mezes fartos e felizes.

— Este rapaz — disse o alferes com a mais desafrontada naturalidade — não é o filho do padre Bento da Mó?!

João Verissimo abriu a bocca arquejante, e não respondeu. Manuel pregou os olhos no rosto do cego, esperando resposta. Eulalia soltou uma exclamação de espanto e encarou no môço. Luiza bateu com a mão na testa, e tregeitou, dando aos hombros, como a dizer ao alferes que commettera uma dolorosa imprudencia.

Tiburcio, que não percebeu a indecencia do dito, nem achou caso para tamanhos escarceus, insistiu:

— Homem, eu já lhe disse a vossemecê o que ouvi dizer á Carlota das Courellas. O pai d'este rapaz é o padre Bento; mas — proseguiu, dirigindo-se a Manuel — não te dou os parabens; melhor te iria se fosses filho d'um jornaleiro.

— Sr. Tiburcio — atalhou João Verissimo muito afflicto — peço-lhe o favor de se calar. Manuel é meu filho.

E, voltando o rosto para onde julgava que estivesse o rapaz, disse-lhe:

— Vai despedir-te do Leonardo Cigano, meu filho; e tu, Eulalia, vai com elle.

Assim que os pequenos sahiram, continuou o cego:

— Sr. Tiburcio, desculpo-o da magua que me causou, porque eu não tive occasião de lhe dizer que este rapaz ignorava quem fosse seu pai.

— E que tem que o saiba? — perguntou o lavrador, cruzando os braços, e batendo no sôlho com os tacões ferrados das botas.

— Eu lhe digo, sr. Tiburcio. Publicar que o padre é pai d'este menino é fazer mal ao padre sem fazer bem ao rapaz. Escondam-se os escandalos, quando o descobril-os não produz beneficio a alguem; e muito mais se devem esconder quando disparam em prejuizo d'um homem e descredito d'uma classe. Ha muitos padres bons a quem a ignominia do máo padre iria affligir. Depois d'isto, devo dizer-lhe que me creei nas aulas com o Bento, foi meu companheiro de quarto seis annos, em Braga; não posso nem devo ser o pregoeiro dos seus erros, nem o censor dos seus peccados; como amigo, não devo; como homem e peccador, falta-me a auctoridade de juiz. Isto pelo que respeita ao padre; agora, quanto ao meu Manuel, não queria eu que elle,

tanto no começo da vida, soubesse que ha maldades grandes n'este mundo, e que ha um pai que viu seu filho a pedir-lhe esmola, e a cobrir o corpo nu com farrapos de estopa, e a dormir debaixo dos alpendres, quando os cães dos lavradores o não corriam. Não queria eu, sr. Tiburcio, que este menino soubesse que foi creado tão desamparadamente como um cãosinho encontrado á beira do caminho, farejando por instincto o aconchego da mãe que já não vive. Agora que elle sabe que o padre Bento é seu pai, ha de fazer-me perguntas; e eu, ou lhe hei de mentir, ou responder de modo que elle vá d'aqui a sentir que ha infamias debaixo do céo, e que Deus permitte dar-se em coração de filho o fel do odio contra seu pai. Que vem a ganhar com isso o Manuel? De minha casa sahiu elle, conhecendo sómente a pobreza; mas a pobreza honrada. Isto não abate o animo nem o irrita contra a ordem do mundo; mas o saber que sua mãe morreu diffamada e miseravel, repulsa de parentes e amigas, por causa de servir as paixões brutaes d'um homem que não perdoou ao seu filho innocentinho as fragilidades da mãe, sua victima, isto, sr. Tiburcio, é máo fermento para se atirar ao coração nobre d'um rapaz de quatorze annos. A tristeza e a indignação principiam desde já a desfazer-lhe na candura com que elle entra as portas da vida...

— Mas elle algum pai havia de ter...—interrompeu o alferes de Cima-de-Villa, depois de ter franzido por vezes a testa, significando o desgosto que lhe estava causando o palavriado confuso de João Verissimo.

E como o interlocutor não redarguisse promptamente, insistiu:

— Elle algum pai havia de ter, tanto monta que fos-

se o padre, como outro da mesma raça. Sabe vossemecê que mais, padre João?

— Não me chame padre ao homem, ó tio Tiburcio! — atalhou Luiza.

— Deixe-me chamar lhe padre, mulher, em quanto elle prégar sermões da laia d'esse que ahi prégou agora. Mas sabe vossemecê que mais? Eu não percebo lá as indrominas da sua moral. Eu, no seu logar, dizia ao rapaz: «queres saber quem é teu pai? é o padre Bento; ora agora, faze de conta que elle é como os lobos que não conhecem os seus cachorros, e por isso ás vezes são mordidos por elles. Faze de conta que esse homem não te é nada; mas sempre fica sabendo que te é preciso ser honrado se não te queres parecer com teu pai.» Isto é que eu lhe dizia, e tanto me importava que o padre Bento tivesse menos confessadas e menos missas, como que o diabo o levasse para a beira dos outros padres como elle que lá tem nas profundas do abysmo.

João Verissimo refutou victoriosamente os argumentos do lavrador; mas não conseguiu diminuir a reputação de planeta que tinha alcançado no animo de Tiburcio. «Planeta» — no vocabulario imaginoso do alferes — era um quasi synonimo de tôlo.

Luiza, quando Tiburcio sahiu, foi esperar Manuel, e, chamando-o de parte, disse-lhe que não perguntasse nada ao seu homem, a respeito do que ouvira ao alferes de Cima-de-Villa.

A isto respondeu Manuel serenamente:

— Que hei de eu perguntar-lhe? Tomára eu não ter sabido o que sei... que é de mais. Mas olhe, minha mãe, diga-lhe, quando eu me tiver ido embora, que eu só me queixaria de um pai que me desprezasse, tendo-

lhe eu o amor que tenho áquelle que me deu o que os filhos mais felizes acham no coração de seus pais.

Luiza pediu explicação d'estas phrases, e sentiu o desvanecimento de as ouvir explicadas por sua filha. E' certo que a esperteza natural não consente, aos quatorze annos, as innocencias que a gente imagina. Eulalia intendeu, mais depressa que sua mãe, que Manuel, sendo filho de padre Bento, não lhe tinha amor de filho nem se dóia da crueldade do pai.

Eram louvaveis, e todavia inuteis as cautelas de Luiza.

João Verissimo, quando estava a só com Manuel, falou lhe assim:

— Ouviste hoje, meu filho, uma triste novidade, que eu nunca te daria. Sabes já quem é teu pai.

— Sei... — murmurou Manuel, beijando a mão do cego, que o estreitou ao peito.

— Esta novidade perturbará as alegrias da tua mocidade, filho? O teu coração soffrerá por que tens pai a quem não pódes dar este doce nome?

— Não, senhor; eu não soffro nada por isso — respondeu o moço com a voz estremecida de lagrimas.

— Não? mas por que choras então, Manuel?

— Choro com pena de minha mãe... Eu queria que ella vivesse... ou que não tivesse morrido tão desgraçada...

Manuel deu largas á torrente das lagrimas, que tinham em si a doçura da saudade vaga, mas doridamente sublime, pela mãe que não conhecera.

Os orphãosinhos, a quem Deus no decurso de vida funesta deu intendimento das caricias de mãe que não conheceram, são os que mais do intimo da alma as cho-

ram. Quando o amor vibra os preludios das grandes paixões, e a mulher-esposa nos dá um ideal da mulher mãe, então sentimos que á nossa cadeia de felicidade faltaram os melhores elos, e que dos primeiros annos da vida nos não ficou memoria alguma suave. E como ha de imaginar-se quinhoeiro das boas coisas d'este mundo quem não passou a infancia ao alcance da vista amorosa de sua mãe?

Manuel, o angelico espirito creado ao calor do honrado coração d'aquelle cego, chorava então com os olhos da alma postos no catre em que sua mãe expirára. E logo que, á beira d'esse grabato, elle não imaginava o homem, que lhe mostravam como pai, tal homem devia ser-lhe pouco menos de odioso.

VIII

A casa commercial dos Bearsley, em Londres, no Porto e na India ingleza assentava sobre bases de opulencia herdada na correnteza de trez seculos. O mais velho dos trez irmãos, Roberto Bearsley, era, áquelle tempo, um dos vinte e quatro directores da Companhia dá India, residentes em Inglaterra. Esta directoria representava então a maxima importancia da riqueza aliada á honra. O terceiro irmão, Jayme, residia em Bengala, dirigindo e explorando o veio mais rico dos avultados haveres da casa Bearsley.

Manuel Vieira entrou na casa de Londres, por tanta maneira recommendado, que desde logo lhe assignou Roberto ordenado mais avantajado, sob condição de leccionar no seu idioma os outros escripturarios da casa, e receber d'elles o que lhe faltava na pratica da lingua ingleza.

Affeiçoou-se-lhe particularmente o primeiro-guarda-livros, de nome Johnson, homem de meia idade, cortez,

e de porte indicativo de muito selecta linhagem, e tendencias a outra mais nobre occupação social. O pai d'este guarda-livros acabára desastradamente; porém, herdára a seu filho nobilissimo nome.

Passara assim o caso triste, muito fallado em Londres, quando Manuel Vieira ali chegou. O conde Ferrer, fidalgo de primeira ordem e par do reino, desbaratára o mais grosso da sua grande casa em libertinagens. A requerimento de sua familia e dos seus credores, foi-lhe cessado o direito de administrar os bens, e nomeada tutella. Procurou se um homem de provada honra, a quem a gerencia dos arruinados bens do conde Ferrer fosse confiada.

Johnson Fowler, negociante de medianos haveres e proverbial probidade, acceitou constrangidamente a proposta dos parentes e credores do conde.

Estipuladas as pensões do prodigo, Johnson recusou se a augmental-as, sem temor das ameaças do conde. Um dia, o fidalgo, exasperado contra as esquivanças de seu administrador, mandou-o chamar, encarecendo a urgencia do motivo. Apesar dos sustos e rogos da esposa e dos filhos, Johnson compareceu á hora marcada no palacio do conde. Foi recebido com insolente altivez, e injuriado na presença de outros fidalgos que se estavam banqueteando com o ebrio perdulario. O inflexivel administrador redarguira ao insultador com severidade, sem deslizar do respeito devido ao fidalgo, e da prudencia que cumpria guardar com um homem violento. Este, porém, allucinado, pelo orgulho que as bebidas sobreexcitaram, ordenou-lhe que se ajoelhasse, e lhe pedisse perdão, que ia morrer.

— Se vou morrer, disse Johnson Fowler—ajoelharei;

mas para pedir perdão a Deus, e não ao meu assassino.

Proferidas estas palavras com firmeza, ajoelhou. E o conde, cambaleando, entrou n'um quarto, d'onde sahiu logo, aperrando uma pistola, cuja carga entrou no coração de Johnson. Seguiu se instantaneamente a morte.

O conde não tentou fugir, apesar das instancias dos amigos. Nas declamações que bradava contra o cadaver, gloriava se de haver desafrontado seus trinta avós insultados por um vilissimo peão. N'estas apostrophes vindicativas o encontraram os quadrilheiros, que se apossaram d'elle com o desassombro usado com os homicidas de baixa ralé.

Instaurou se ao conde Ferrer processo na camara alta, cujo membro era. Poucos dias volvidos, o par do reino foi condemnado á forca. E, por sobre a pena affrontosa, accresceu a ignominia da sentença que mandou fosse o cadaver do réo entregue aos cirurgiões para disseções anatomicas. Allegaram seus amigos e parentes, ao pedirem o corpo do justiçado para o jazigo de seu pai, que elle era ainda parente da casa real. Debalde appellaram. O cadaver foi cortado a pedaços no amphitheatro do hospital.

O filho do assassinado corria com o pequeno e mal prosperado negocio de seu pai, quando Roberto Bearsley, um dos credores do conde, que mais instára Johnson a acceitar a administração, e afinal o demovêra de sua repugnancia — para desaggravar a consciencia honrada — o chamou ao seu escriptorio e lhe deu um dos logares subalternos a guarda-livros, com grande ordenado. Volvidos poucos annos, elevou o ao primeiro logar no escriptorio e na sua confiança,

Os grandes salarios do primeiro guarda-livros de casa tão abastada explicavam até certo ponto as demasias com que Johnson se distinguia, quanto a luxo, entre os homens de sua profissão. Não obstante, os amigos do desventurado administrador do conde de Ferrer, rumorejavam que o filho difficilmente guardaria ou passaria a netos a honra herdada de seu pai. O pompear tão improprio de seu officio, entre inglezes modestos, dava azo a desconfianças, se não da fidelidade do guarda livros, sem duvida de sua incapacidade para ajuntar mediocres haveres.

Bearsley repellia qualquer insinuação, mostrando confiar-se inteiramente no seu caixeiro, com quanto alguma vez, com delicados rodeios, lhe tocasse no prejuizo da immoderada ostentação. Johnson respondia que era solteiro, que não tinha familia a seu cargo, por que sua irmã casara rica, e sua mãe era fallecida; e accrescentava que a liberdade de seu patrão lhe dava largas a viver com os regalos invejados de pequenas almas.

E semelhante resposta nunca foi desmentida nos balanços da casa, examinados minudenciosamente por Bearsley, no decurso de doze annos.

Quando Manuel Vieira orçava pelos dezenove, Johnson promoveu o estimavel moço a seu segundo ajudante, com o beneplacito do patrão. Mais livre de encargos e mais endinheirado para divertir se, Vieira, algumas vezes, acompanhou o seu chefe ao *Sadlers's wells theatre*, onde se representavam peças nauticas espectaculosas e grandemente admirativas para o alumno de João Verissimo. Outras vezes deliciava se menos no *Royal Surrey theatre*, que era áquelle tempo um circo equestre, onde Johnson Fowler, com grande espanto de Manuel e cri-

tica dos ricos e pobres, se dispendia em valiosos brindes ás ás amazonas, e liberalidades de lord millionario aos *clowns* e palhaços.

Succede muito a miudo prender-se affectuosamente um homem presumpçoso e bizarro de outro que é modesto e recolhido em si. Compadecerem-se assim duas indoles desconformes parece anomalia, e é tão sómente uma entre as muitas incongruencias sobre as quaes parece fundamentar-se a ordem e o concerto d'este mundo mysterioso como o seu Creador. Que um estouvado se captive de outro, bem é de ver e esperar; más que um genio inquieto e apontado a coisas extraordinarias se compraza na estima de uma alma reportada e doce, seria acto para grandes estranhezas, se não fosse usual. Talvez por que a compleição amoravel de Manuel Vieira lhe desse um ar de bondade e até de sincera admiração, quando o galhardo Johnson estadeava suas qualidades desvanecidas, se formasse d'ahi entre a candura de um e a jactancia do outro a liga que nos não parece bem rasoavel. Aos homens galans, luxuosos e envaidecidos quadra bellamente o ar credulo e respeitoso, e sobre tudo maravilhado de pessoas em cujo semblante não resumbre inveja nem ironia.

Manuel Vieira não applaudia nem censurava as bandarrices e o flaino aparalvilhado do seu collega. Seduziam-no as graças fidalgas de Fowler, achava-o distincto entre os graduados em mais aforada jerarquia, contentava se de lhe merecer umas certas confidencias, em que elle era todo alma attenciosa, por que, a espaços, um nome de mulher, aureolado de phrases amorosas, lhe suscitava o nome de outra que, áquella hora, lhe estava

escrevendo cartas dictadas por seu pai cego, ou lh'as escrevia inspirada directamente de si mesma.

Tambem Manuel fallava a Johnson de Eulalia; e o seu taful amigo sorria se e murmurava: «Creancice».

— Esses amores da aldeia — dizia-lhe o inglez — são como flores da serra que murcham depressa. Logo que mudaste o coração para as cidades, faze de conta que a imagem da tua Eulalia montezinha ha de cá viver tanto como um bouquet de boninas colhidas nas serras de Portugal. E então para onde tu vieste com o amor da tua serraninha, rapaz! Para Londres, onde Deus poz as mais formosas mulheres do mundo, como indemnisação por não nos ter dado o sol!

Manuel Vieira replicava frouxamente em honra da sua dama, e antes queria ouvir as confidencias de Johnson que sugeitar as suas humildes esperanças aos motejos do amigo. Não havia, de mais a mais, confronto possivel entre as amadas *miss* do inglez e a pobre mocinha da Povoa de Lanhoso. As requestadas do primeiro guarda-livros de Bearsley eram herdeiras opulentas da classe commercial de *Regent Street*, ou fidalgas com ascendentes coevos e quinhoeiros das proezas de João-sem-Terra.

Entre as primeiras havia uma que parecia prevalecer a todas no amor respeitoso de Johnson: era Anna Bearsley, filha unica de Jayme, residente em Bengala, e presumptiva herdeira d'alguns milhões, sendo ainda então solteiros, e já avançados em idade, o tio de Londres, e o residente no Porto. Esta menina completava então a sua educação em Inglaterra, prefazendo dezenove annos. Alguns dias sanctificados passava-os em casa do tio Roberto, lendo a Biblia, com aquella gravidade esculptural

digna dos livros de Ezequiel, dos Reis, e outros poetas realistas das devassidões de Babylonia.

Rarissimos acasos, no lapso de seis annos, occasionaram encontrar-se o caixeiro Manuel com miss Anna Bearsley. Elle, inclinando a fronte respeitosa, via saltar da carruagem aquella senhora alta, inflexa, hirta, loira, serena, pautada nos movimentos e profundamente lugubre nos monosyllabos. E ella, perpassando como sombra da sua sombra, não via por entre as espiraes dos caracoes as cortezias silenciosas dos caixeiros, tirante as de Johnson Fowler a quem era permittido apertar-lhe a mão, articulando com dificuldade quatro confragosas syllabas inglezas.

O filho da illustre victima do conde Ferrer seria poeta, quando confidenciava a Manuel Vieira os seus intimos inlevos por tal menina, se não amiudasse tanto os calculos do patrimonio que a indeusava com a divinisação de dois milhões, ou talvez tres, de libras esterlinas. Dizia-lhe então o portuguez que uma mulher com tanto dinheiro havia de dar menos felicidade que uma pobre. E perguntando Johnson a explicação de tamanho absurdo, respondeu Manuel Vieira que das mulheres assim ricas a felicidade procedia da riqueza e não d'ellas. Com a qual resposta o inglez desatava risadas muito judiciosas, e por compaixão de philosopho tão escuramente esquisito ensinava-o a considerar a mulher opulenta a compensação unica de que a Providencia nos indemnisava do peccado de Eva, por causa de quem a raça humana fôra condemnada a cavar oiro nas minas, com o rosto suado e sujo. Manuel, ouvindo isto, comparava as maximas santas de João Verissimo, e imaginava que as neblinas de Londres não deixavam entrever o ceu

para onde o pobre mestre-escola da Povoa divisava Deus.

N'este em meio, appareceram pretendentes á mão de Anna Bearsley. Da camara dos lords, um fidalgo escossèz, o mais grado dos dezeseis que a Escóssia enviára ao parlamento, rivalisava com Warren Hastings, homem podcroso que, ao diante, foi governador geral da Companhia do India.

Roberto Bearsley oscillava entre os dois pretendentes, quando se lhes antepoz um terceiro, filho natural do conde de Chesterfield, nascido em França de uns famosos amores que o douto lord, amigo de Voltaire e Montesquieu, lá contrahira em annos juvenis. A este filho escrevera o conde as cartas deshonestas e corruptoras que vogaram impressas e dão á nação ingleza o exclusivo d'um pai apostado a corromper seu filho, em publico, e em lettra redonda.

Estava este moço em Londres, entregue aos cuidados e sciencia do doutor William Dodd, theologo de fama, poeta, ministro da religião protestante, e notavel escriptor. O seu educando orçava já pelos seus vinte e cinco annos. Tinha no coração os preceitos epistolares do pai, corroborados por doutrinas e exemplos do preceptor. O douto Dodd era um dissimulado libertino que offuscava com oiro as vistas das testemunhas dos seus desenfreamentos. Esse oiro decerto não era seu. Os bens que mordomisava ia-os desfalcando, sob pretexto de acudir á honra do filho de Chesterfield; e, como antevisse a quebra de haveres medianos, que tanto seriam o patrimonio do seu educando, aconselhou-lhe e promoveu o casamento com Anna Bearsley, uma das mais ricas burguezas de Londres.

Endereçou-se o doutor a Roberto Bearsley, que consultou seus irmãos e a sobrinha. Philippe, futuro conde, foi apresentado a miss Anna, que o amou, sem dar valia ás qualidades do nascimento, deslumbrada pela gentileza do fidalgo e graças do talento cultivadas pelo pedagogo. A resposta do pai e do tio confirmaram a da noiva.

No entanto, Johnson Fowler, colhido de salto e derrubado da esperança em que o haviam embalado ambição e orgulho, maquinou desfazer o casamento pactuado, desacreditando os costumes de Philippe em praticas com Roberto Bearsley. Accusava-o de prodigo, de esbanjador de seus bens, e futuro dissipador dos haveres d'uma familia do commercio, á qual se ligava por infame cubiça, no proposito de desculpar ante os seus iguaes a desegualdade do casamento pela posse d'alguns milhões. Conseguiu abalar o animo do tio da noiva; mas não o demoveu da palavra dada. Ainda assim, Johnson insistiu em deslustrar o filho de Chesterfield, asseverando que elle se dava pressa em casar por que estava perto o dia de papar uma letra, já reformada no Banco, e cumpria que o pagamento improrogavel sahisse do cofre dos Bearsley.

Roberto não redarguiu ao seu guarda-livros; mas acreditou-o.

No mesmo dia, dirigiu-se ao futuro esposo de sua sobrinha, e disse-lhe:

— Se tem alguma letra a vencer no Banco, disponha dos meus recursos, e pague a antes de casar, para que não se diga que a pagou do dote de sua mulher.

— Não devo nada a ninguem — respondeu Philippe com o desassombro da verdade.

— Olhe que o enganaram, sr. Johnson—disse Bearsley ao guarda-livros — Philippe não deve nada.

E o guarda livros abriu serenamente a carteira e tirou d'ella uma copia de Registro das letras descontadas no *Bank of England*, pela qual se demonstrava estar a vencer-se uma de 5:000 libras, acceite por Philippe Dormer Stanhope de Chesterfield.

E accrescentou:

— Não sou calumniador; prezo muito a felicidade de miss Anna Bearsley; mas, se me fosse mister calumniar alguem para que ella fosse feliz, nem assim o faria. Sou filho de Johnson Fowler, assassinado no seu posto de honra.

Roberto, apertando-lhe rijamente a mão, disse:

— Filho digno de tal pai!

Pouco depois, o educando do doutor William Dodd recebia uma carta do negociante inglez com duas ou tres maximas ácerca do vicio da mentira. Rematava a breve missiva desligando-se o signatario do compromisso, visto que a mentira de Philippe Chesterfield, fidalgo de vetusta linhagem, auctorisava e absolvia a transgressão da palavra d'um plebeu.

Philippe, sem deferir tempo, apresentou-se a Roberto Bearsley, exigindo com justa altivez uma satisfação em presença de testemunhas. O negociante, obrigado pela sobranceria do fidalgo, offereceu a certidão do registro da letra, depois de haver referido o que passára com o destinado marido de sua sobrinha O môço negou firmemente a authenticidade da certidão, e convidou Bearsley e as testemunhas a irem ao Banco n'aquelle momento.

Assim se fez.

Foi apresentada a certidão e conferida com o registo: achou-se ser verdadeiro o traslado. Pediram a letra para exame. Philippe tomou-a entre as mãos convulsas attentou n'ella com os olhos torvos e congestionados, largou-a, afincou os dedos nas fontes e bradou:

— Eu não escrevi esta assignatura; pela minha honra o juro! E, se não poder provar que a minha assignatura foi falsificada, matar-me-hei!

As contorções de assombro e colera eram mais persuasivas que o protesto do suicidio em um paiz onde o *spleen* matava mais gente que o receio da deshonra.

Roberto e os circumstantes, encaravam com mediana sensibilidade o phrenesi do afflicto moço.

Um dos directores presentes lembrava-se de quem havia sido o honrado portador da letra; por isso mesmo, a probidade do filho do conde se lhe figurava suspeitissima.

N'este comenos, Bearsley perguntou se seria possivel descobrir-se o apresentante d'aquella letra a desconto.

— É;—respondeu austeramente o director.

— Quem?—exclamou com vehemencia Philippe.

— Foi o honrado doutor William Dodd—disse o banqueiro.

— Dodd!— Volveu o mancebo. E, voltado para uma das testemunhas, continuou precipitando as palavras: —Entre na minha carruagem, vá procurar o doutor Dodd, e diga-lhe que eu o estou esperando aqui.

Esta deliberação impressionou favoravelmente Roberto, apesar da boa fama do doutor.

— V. Ex.ª suspeita que o seu honesto preceptor lhe roubasse a firma? — perguntou o banqueiro ao filho de Lord Chesterfield.

— Sim—respondeu altaneiramente o fidalgo.

— Offende acerbamente um homem de bem—volveu o banqueiro.

— E o senhor—tornou o moço—me dará a mim conta da valia em que tem o meu caracter, infamando-me de calumniador!

Interveio o respeitavel Bearsley na altercação chamando de parte Philippe, a fim de lhe pedir que não alcunhasse de falsificador de firmas o doutor Dodd, sem sufficientes provas.

Entretanto, volveu a pessoa encarregada de conduzir o preceptor, e disse que, dada a ordem ao doutor, este quizera saber o fim para que era chamado; e como o enviado o informasse por alto da questão da lettra, William Dodd, arrancando um grito, cahira sem sentidos.

Ouvido isto, Chersterfield deu ordem que o trouxessem preso, por que já não sahiria d'alli sem completa desaffronta. Acercaram-no então as pessoas, que já eram muitas, attrahidas pela novidade do conflicto, pedindo-lhe que se considerasse illibado da minima desconfiança. Pôde muito com elle Roberto, que o levou pelo braço, e conduziu para sua casa, desopprimindo-se do gravame que lhe dava o ter injuriado o noivo de sua sobrinha.

Pouco depois, o ministro ecclesiastico, o capellão da casa real, o doutor theologo, o poeta eminente William Dodd, era recolhido á cadeia de Newgate, a de mais severa e temerosa catadura entre todos os carceres de Londres. Em quanto o processo por falsificação percorria os tramites legaes, Dodd, confiado no rei, nos admiradores do seu espirito e até na generosidade do discipulo, esperava o perdão. Era, para em pouco o dizer, poeta aquelle desventurado que confiava em tanta coisa, ali,

n'aquella terra de Londres, onde á volta d'um preso de Newgate eram mais os algozes que os amigos. Entretinha-se elle na cadeia a escrever um livro que ainda hoje é lido com admiração: *Pensamentos escriptos no carcere.* Mal tinha fechado a sua melhor obra, vestiram-lhe a alva, e inforcaram-o, sem impedimento de haver a corporação de Londres pedido ao rei o perdão do infeliz doutor.

Eis aqui um cadaver pesando, de tal modo, sobre a consciencia de Johnson Fowler. Dizia-se que no contador do suppliciado appareceram 4.500 libras destinadas a resgatar a lettra falsificada. Com mais alguns mezes de vida aquelle homem, justiçado aos 48 annos, poderia morrer com exterioridades de honrado.

Quanto a Philippe Chesterfield, lavado das manchas que o tornavam indigno de miss Anna Bearsley, foi acariciado por ella e seu tio; mas os fidalgos seus parentes improperaram lhe a baixeza de ligar-se com a sobrinha do villão que lhe duvidára da honra. Se elle a amava, maior triumpho alcançou a soberba de raça. Philippe fez saber ao commerciante que uma fortissima razão o impedia de lhe casar com a sobrinha. «Se o sr. Roberto — escrevia o fidalgo — podesse usar uma espada, e aventurar a sua vida a tiôco de outra que tem na terra nome illustre, bater-nos-iamos em desforço de uma já agora insanavel injuria á minha dignidade. Depois, se eu sahisse do campo com vida, iria offerecêl-a sem nodoa a miss Anna Chesterfield. D'outro modo, se eu não posso armar cavalleiro o sr. Roberto, tambem não posso descer a nobilitar quem me injuriou, matando o, ou morrendo.»

Assim devia escrever um neto de Ricardo, — Coração de Leão!

IX

Estavam um dia Johnson e Vieira moralisando a sentença que condemnou ao patibulo o doutor William Dodd.

Manuel lera-lhe os poemas erothicos, escriptos na juventude, e condoera-se d'aquelle bello talento infamado pela ignominia do crime e da morte.

Dizia Johnson:

— O poeta não diminue o odioso do falsificador. Salutar exemplo aos que nos trazem imbaídos com uma reputação panica!

— Funestissima habilidade a de imitar lettras! — observou Vieira.

— Essa habilidade é vulgarissima; mas nenhum homem honrado se lembra que a tem. Queres tu vêr?

Johnson escreveu os dois nomes *Manuel Vieira* tão similhante á assignatura do outro, que nem uma linha faltava na alabyrintada lettra com que o discipulo

de João Verissimo costumava engradar a sua assignatura.

E continuou:

— Já vês que esta habilidade é trivial. Queres ver a firma de Roberto Bearsley?

Dizendo, executou com a mesma dexteridade.

— E a do teu antigo patrão John? e a do Bearsley de Bengala?... Aqui as tens como se sahissem do punho d'elles... Ora agora, o homem de bem, que se recreia n'estas brincadeiras caligraphicas, quando acaba de as fazer, rasga-as, e nunca se lembra que por este caminho póde chegar á riqueza...

— Ou á forca...— ajuntou Manuel Vieira.

Não saberia o filho de Carlota das Courellas dar a rasão de sua involuntaria desestima, desde aquella exhibição de habilidade, por Johnson Fowler! Apprehendeu o scismatico moço que os dotados de tão funesto engenho tinham predestinação sinistra, e estavam sempre em perigo de escorregar ao abysmo logo que a desgraça lh'o abrisse aos pés. A só comsigo, provou Vieira a mão na terrivel destreza de imitar assignaturas; e, depois de malogradas tentativas, exultou e agradeceu a Deus sua inaptidão, como se o poder copial as lhe houvesse de ser agouro de perdição.

D'ahi ávante, Manuel Vieira dissimulava occupações urgentes de escripturação para esquivar se á camaradagem de Johnson em theatros e circos. O guarda livros reparou na mudança precipitada do seu amigo, e começou de lhe devolver em fria reserva a costumada confiança.

Ageitou se o ensejo e necessidade de ir um empregado da casa de Londres a Bengala. Ninguem de boa-

mente acceitava a commissão; mas Manuel Vieira pediu-a, com o proposito de se distanciar do homem que principiava a inredal-o.

Roberto, que lhe conhecia o prestimo e actividade, agradeceu e acceitou o offerecimento, promettendo dobrar-lhe os salarios na sua volta da India, e triplicar-lh'os em Bengala, emquanto lá se conservasse.

— E pelo que respeita ás mezadas de seus pais adoptivos—accrescentou o inglez—vá vossemecê na certeza que eu lh'as não desconto nos seus ordenados. Vossemecê ha de ter futuro, sr. Manuel. Se um dia voltar a Portugal, ha de levar a abundancia com que nenhuma felicidade deva invejar.

— A pouco aspiro: — disse Manuel — logo que eu tenha um passadio modesto com que possa viver remediadamente, pedirei licença a meus patrões para me retirar.

— Então vossemecê não quer estabelecer-se em Inglaterra? Pensa em retirar-se tão cedo, e com tão pouco?

— Se o sr. Roberto me permitte, digo-lhe o meu plano.

— Diga, Manuel.

— O homem, que me acolheu orfão e mendigo, tem uma filha que eu destino para minha esposa. Temos hoje vinte annos cada um, e desejamos ligar nossas vidas antes que a idade adiantada nos quebrante o prazer dos bens d'este mundo. Pouco basta á abundancia d'uma familia affeita aos rigores da pobreza. Eu tenho calculado que em 1770 posso ter de minhas economias umas mil libras. Com esta quantia compro na minha terra uns bens que me rendem o necessario a uma vida parca, ou posso estabelecer-me com negocio ainda mais lucrativo que as terras.

— Muito bem delineou o seu futuro — accedeu Roberto, sorrindo amigavelmente ás reportadas ambições do portuguez — mas, se vossemecê quer já casar com essa menina, quem o priva? Porque não vai buscal-a a Portugal, e não vem continuar a sua carreira em Londres? Eu desisto de o enviar á India, apesar de me isso contrariar bastante; mas vá buscar sua mulher, e venha, que eu lhes prometto irem mais tarde com sobejos bens de fortuna.

— Acceito o offerecimento do sr. Roberto depois que voltar da India. Tencionei casar aos vinte e cinco annos; altero o meu plano casando aos vinte e tres, e ficarei em Londres, onde tenho o meu segundo bemfeitor.

E, querendo beijar a mão do respeitavel velho, este o abraçou com alegre enthusiasmo.

— Preciso fallar-lhe com muita reserva; — disse-lhe Roberto — procure-me hoje á noite em minha casa.

Inquietava o animo de Vieira a reserva da pratica. Occorreu-lhe logo Johnson Fowler, porque, desde a morte do doutor Dodd, observára que Roberto encarava de menos agraciado aspecto o seu guarda-livros outr'ora tão bemquisto.

Annunciou-se receioso da melindrosa parte que ia ter com um interrogatorio á sua consciencia intransigente com as conveniencias.

Previu com acerto.

Roberto Bearsley principiou dando-se como bem informado da boa harmonia em que por espaço de cinco annos elle tinha convivido com Johnson, e d'aqui derivou a perguntar-lhe o conceito que formava do seu collega.

Manuel Vieira respondeu que até certo tempo se considerára honrado pela estima do seu superior na gerencia do escriptorio; porém, conforme o genio se lhe fôra refazendo e definindo com os annos, a intimidade esfriára de parte a parte, por discordancia em inclinações.

Apertado a responder o que conjecturava da probidade de Johnson, disse que não sabia da menor quebra de fidelidade nos deveres do guarda-livros; e, quanto a julgal-o capaz de os transgredir, accrescentou que todo conceito, bom ou máu, a tal respeito seria temerario e intempestivo.

Esquadrinhou ainda o laconico inglez que rasões moveriam Johnson a investigar no Banco as transacções de Philippe Chesterfield.

Vieira deu mostras de enleio e talvez afflicção no seu silencio. Roberto, porém, attentando na perturbação do moço, apertou lhe a mão, dizendo-lhe:

— Já respondeu, sr. Manuel Vieira. Vá cuidar da sua bagagem, que parte ámanhã para Bengala. Passados seis mezes, voltará. Reservo lhe para então o logar de meu primeiro guarda livros.

— Não permitta Deus que eu venha occupar a posição do sr. Fowler—objectou Manuel.

— Porque não? O sr. Johnson, quando sahir d'esta casa, ha de ter outra posição mais adequada ás suas ambições cavalheirosas.

Roberto Bearsley ergueu-se, dando por fechada a entrevista, e o caixeiro retirou se descontente de si como se houvesse deposto contra a honestidade do seu collega para o substituir nas vantagens do emprego.

Sahiu Manuel Vieira para a India.

Decorrido pouco tempo, Roberto empenhou as suas al-

tas relações na obtenção de um emprego aduaneiro, cujos rendimentos egualassem o ordenado do seu guarda-livros. Não lhe soffriam os escrupulos da honra despedir o filho do seu infeliz amigo Fowler, sem lhe dar prompto e equivalente esteio. A causa da despedida não tinha que ver com as informações dadas por Vieira.

O tio de miss Anna Bearsley soubera de sua propria sobrinha que Johnson ousára declarar-lhe os seus affectos, acompanhados de um prospecto de suicidio, se a sua adoração fosse repellida. O desatino havia sido enorme em proporção do grande amor que a menina dedicava a Philippe de Chesterfield. Um caso d'estes em qualquer paiz poderia disparar em tolice afortunada; mas em Inglaterra, sobre bestidade, era um crime de lezo-respeito, e um insulto á dupla dignidade da familia e dos milhares de libras esterlinas.

Johnson recebeu a demissão e a nova de ter sido despachado para logar importante da alfandega.

— Sou victima das intrigas de Manuel Vieira—disse elle a Roberto.

— Falta á verdade, sr. Johnson — volveu o commerciante—Manuel Vieira é homem de bem.

— E eu não?

— O senhor não—redarguiu severamente Roberto.— Isto que lhe digo face a face sou incapaz de lh'o dizer nas costas. Proceda honestamente, não para me desmentir, que eu não o accuso, mas para desmentir a opinião dos seus pares no trafico mercantil. Tenho pago a seu pai o que em consciencia lhe devia.

— E eu pagarei a Manuel Vieira o que em consciencia lhe devo—retorquiu Johnson; e sahiu flammejando colera pelos olhos.

Transferido para emprego que melhormente dizia com as suas propensões, Johnson Fowler era mais frequente em Green Park, em Hyde Park, e Jardins de Kensington, no *Her Majesty's Theatre* (theatro real) e na opera italiana. Por ahi lhe sahiram ao encontro muitas damas benemeritas da sua attenção, e muitas, por serem do frio temperamento saxonio, o não perceberam. Podiam jactar-se as mais selectas meninas de o accenderem com pequeno consummo de faiscas nos olhos.

E, do mesmo passo que lhe devoravam o coração, sentia o combustivel Johnson que o dinheiro soffria, por egual, a fusão volatil das suas idealidades. Os ordenados aduaneiros não comportavam o pompear a que se avezára, subsidiado pela cega confiança de Roberto. A crise manifestou se, quando mais esperançado seguia uma irlandeza rica, e já seguro de afinal agarrar a fortuna pelas tranças ruivas da filha do Erin.

Na correnteza d'estes successos, voltou de Islamabad, da provincia de Bengala, Manuel Vieira, portador de horriveis novas, e desde logo exerceu as funcções de primeiro guarda livros da casa Bearsley.

Johnson, esporeado por inveja e odio, meditou vingar-se. A pobreza relativa e o descredito que as dividas insoluveis lhe aggravava, espicassavam lhe o rancor ao homem que elle reputava o delactor das suas avultadas despesas.

Deixemol-o tracejar a vingança. O homem de quem elle fia o segredo da sua raiva e pobreza é um robusto montanhez da Escossia, matula da alfandega, como cá diriamos, chamado Guilherme *(William)* Spigot.

A's pessoas lidas nos annaes da forca em Londres este nome deve espertar reminiscencias.

X

O commercio de Inglaterra nas possessões indianas considerava-se perdido, quando Manuel Vieira voltou.

Os agentes da companhia enriqueciam, roubando-a e dilacerando os indigenas. N'aquelle anno, os açambarcadores insulares compráram todos os productos do paiz, quando os naturaes já luctavam com a fome. Nas agonias da morte, os indios queimaram os armazens do arroz, e expiravam a milhares nas ruas das cidades, empestando o ar com a podridão dos cadaveres insepultos, onde não havia facil modo de os atirar á corrente do Ganges, como em Calcuttá. N'outras partes concorriam os jackaes, os cães e abutres a devoral-os. O peixe era mortifero, por que os rios iam apestados pela corrupção dos corpos. O nome inglez soava como um grito de maldição no vasquejar dos moribundos. A companhia das Indias sentiu-se subitamente aniquilada, e os Bearsley perderam nos incendios dos armazens, e no saque dos seus conterraneos, grande, se não a maior parte dos seus ha-

veres. Jayme, o pai de Anna, fôra assassinado pelos indigenas, arguido de haver motivado a fome em Islamabad, comprando o arroz todo por baixo preço, quando a inclemencia do tempo prenunciava um anno esteril; mas o inglez fôra morto quando franqueava os seus depositos ás turbas já desvairadas no delirio da vingança e voluptuosidade da carniceria. E, ao mesmo tempo que em Bengala fôra exterminada a casa Bearsley, Roberto, um dos maiores accionistas da companhia das Indias, se considerava pouco menos de perdido. Por maneira que os colossaes haveres dos tres irmãos, a um rapido voltear da roda da fortuna, reduziram se á mediocridade relativa de cincoenta mil libras, em grande parte representadas na casa do Porto.

Encheu se de mortal amargura o coração de Roberto, e chamou a si, do Porto, John Bearsley, receando que a dor o dementasse. Os empregados da casa de Londres, como inuteis, sahiram todos, exceptuados Manuel Vieira e alguns marçanos pouco dispendiosos.

Por aquelles dias, Manuel, no seio da familia, que chorava o pai e irmão, foi o mensageiro das consolações divinas. Era bello de maviosidade religiosa ver aquelle moço de vinte e um annos, entre dois velhos sem alento nem conformidade, despreciando os bens da vida, e até injuriando a debilidade dos que resvalam, se o esteio de ouro lhes falha, como se fosse o bordão dos aleijados da alma! Expunha elle com uncção de ministro evangelico a doutrina da paciencia e os beneficios que aufere o homem que Deus passou do regaço da opulencia ás prezas da desgraça. E depois de encarecer o arnez impenetravel da resignação, arguia delicadamente os dois velhos que se carpiam de pobres, tendo ainda

de seu a mediania de vinte familias, 225 contos de réis!

Os dois irmãos entre-olhavam-se em silencio, como corridos de sua pusillanimidade; depois, a intermittentes, recahiam na prostração moral, computando em verbas de milhares de libras as perdas de Bengala e as da companhia da India.

Diligentissimo em zelar o restante dá desfalcada «fortuna» de seus patrões, Manuel Vieira ia diariamente á alfandega despachar ou exportar generos de commercio entre Inglaterra e Portugal. Em um d'esses dias de fadiga não obrigatoria nem usual a guarda livros, Johnson Fowler defrontou-se com o seu successor, e disse-lhe sarcasticamente:

— Era esse o officio que lhe cumpria, sr. Manuel: despachante e não guarda-livros. No meu tempo, esse encargo era exercido pelos aprendizes.

— E' um trabalho honrado este como todos os trabalhos, sr. Johnson — respondeu serenamente o provocado.

— Pelo que observo — volveu o outro azedando a ironia — vossemecê colheu menos do que esperara da sua espionagem e da denuncia.

— Nem espião nem denunciante — replicou Manuel, demudado o semblante — Eu não tinha que denunciar da vida do sr. Johnson quando fui enviado á India; hoje, porém, se me perguntarem que idéa fórmo do seu caracter, direi que vossemecê é um calumniador, com capacidade para maiores infamias.

Johnson remetteu contra o portuguez, de punhos cerrados, n'aquella attitude do *box* tão dilecta da gente ingleza finamente educada em varia esgrima. Vieira re-

trahiu a face ás duas punhadas que ainda o colheram de esconso, e atirou um formidavel pontapé lusitano ao baixo ventre do filho de Albião, e tão a ponto, em circumstancias apuradas, que o adversário, ladeando, foi sentar-se, com as mãos aconchegadas da barriga contusa.

Manuel Vieira foi prezo e interrogado. Disse quem era, e explicou o seu procedimento em defesa de tão injusta offensa. Abonaram-no as testemunhas presenciaes do acto, e o nome venerado dos seus patrões.

Eram passadas duas semanas, em fevereiro de 1773, quando o guarda livros, sobre quem pesava grande tarefa, todas as noites fazia serão no escriptorio, acompanhado de um ajudante. Em uma d'essas noites, por volta de uma hora, lhe pediu o ajudante se o deixava sahir por que sua mulher estava inferma com um filho de tres mezes nos braços.

— Por que m'o não disse, que eu já o teria dispensado? — acudiu Vieira, despedindo-o affectuosamente.

O empregado sahiu; e, apenas transpoz o limiar da porta, foi assaltado por um embuçado, que lhe cravou um punhal na garganta. Manuel ouviu os gritos abafados, correu á rua, viu o homem agonisante, seguiu a todo correr um vulto que fugia, gritou, e, a poucos passos, era seguido de policias que esbarraram n'outros entre os quaes se achava escabujando o assassino.

Chamava-se o facinora Guilherme Spigot, que alguns empregados de policia disseram ser matula da alfandega e criado de Johnson Fowler.

No dia seguinte, Johnson Fowler não existia em Londres; porém, as indagações da policia descobriram que elle, dias antes, havia tirado passaporte para Canadá; e

outras mais particularisadas pesquisas colheram que o fugitivo já denunciado pelo seu cumplice no carcere, na ante-vespera da sahida, comprára brilhantes de muitos quilates, e dispendera largamente em uma ceia concorrida de mulheres e homens de notavel devassidão e luxo.

Quasi simultaneamente com taes novas foi apresentada uma lettra vencida de duas mil libras a Roberto Bearsley.

O velho examinou-a, e expediu um grito.

Chamou Vieira, e perguntou:

— Que é isto!?

— E' a sua firma falsificada — respondeu o caixeiro, e accrescentou: — quantas serão depois d'esta?

— Como? — exclamou Roberto — suspeita que me roubaram tudo, Manuel?

— Suspeito, sr. Roberto, que Johnson lhe roubou a firma. Tem só esta lettra? — perguntou Vieira ao recebedor do banqueiro.

— Não sei com certeza, mas desconfio que não: vou saber; presumo que são mais as lettras com vencimentos a intervallos de tres mezes.

No entanto, havia pouco que esperar da deliberação rasoavel dos dois velhos. Choravam, repelavam-se e cada qual de per si pensava em morrer, sem atinar com outra evasiva mais honrosa. Manuel Vieira pediu que delegassem n'elle o expediente d'aquelle negocio, lembrando lhes que só uma grande serenidade de animo lhes valeria no conflicto de serem alcunhados de negociantes fraudulentos, visto que não tinham um reu que os justificasse no patibulo, assim como William Dodd justificára Philippe de Chesterfield.

Voltou o recebedor das lettras, dizendo ao guarda-li-

vros que existíam dez, sommando quarenta mil libras, e todas estavam devidamente reconhecidas e legalisadas. Perguntou Vieira se o apresentante fôra reconhecido. Respondeu que as lettras havim sido descontadas por diversos negociantes.

O nome de Johnson Fowler não foi pronunciado.

Manuel Vieira pagou a primeira lettra de duas mil libras, e asseverou o pagamento das que se fossem vencendo.

Corria rapido, no entanto, em *Old-Baylei*, o julgamento de Guilherme Spigot, que confessou ser induzido por seu amo e compadre Fowler a matar o guarda-livros de Roberto Bearsley, e que por engano matára outro. A poucas voltas e nenhumas trapaças, o jury decidiu, e o assassino foi condemnado a morrer na forca. (1)

---

(1) Traslada-se do manuscripto d'onde são extrahidas as bases essenciaes d'este romance, a pagina que diz respeito á sentença de Spigot. E' o seguinte: «Logo que o jury o achou criminoso, o juiz pronunciou esta sentença: *Guilherme Spigot, foste convencido de um crime horrivel e atroz. Assassinaste de animo frio, não provocado, e sem motivo. A desgraçada victima de tua ferocidade perdeu uma vida util á sua familia e â sociedade. Em breve morrerâs tambem. Custa-me proferir a sentença fatal que vae acabar tua vida criminosa. Sexta feira será para ti o derradeiro dia d'este mundo. Pensa quanto mais horroroso será aquelle em que has de apparecer, perante o justo Juiz do genero humano, tinto de sangue do teu similhante! Tens apenas dois dias de vida. Peço te que os empregues a implorar a misericordia do Ente Supremo, para que te salve das penas eternas. D'este tribunal não esperes perdão. A lei te condemna a que sejas conduzido sexta feira de manhã ao logar das execuções publicas, onde serás enforcado até que a morte succeda, e depois teu corpo entregue aos cirurgiões para ser anatomisado. Deus se compadeça da tua alma.*

No ainda curto espaço d'este livro já se contam pouco menos de coevas, tres sentenças de morte. E' justiçado Lord Ferrer, o fidalgo de primeira linhagem; é justiçado William Dodd, ecclesiastico, douto e notavel homem de lettras; é justiçado Spigot assassino abjeto, da infima plebe. E todos tres na forca. E o conde e o matula, ambos retalhados no hospital, para maior aviltamento, por que ambos assassinaram, e a lei não os extremou. Isto dá a medida da moralidade que presidia á execução do codigo penal em Inglaterra, e a imparcialidade com que a justiça criminal era distribuida. D'ahi, como de fonte perenne de respeito á justiça, derivaram os costumes exemplares que formam o cimento da prosperidade, da força e respeitabilidade da Gran-Bretanha. E, se isto que se lê não fosse um livro futil e despretencioso, iriamos cavar á volta das raizes que seguram o robusto roble de seculos. Veriamos que os inglezes regeitaram o uso das Pandectas inculcadas pelo clero; constantemente repelliram leis romanas, e mantiveram, antes do funccionalismo parlamentar, as *leis inglezas* chamadas *não escriptas* ou consuetudinarías, e por ellas deliberavam em todas as causas civeis e crimes.

Manes de Bartholo, de Cujacius, de João das Regras, e vós principalmente, ó illustres espiritos, vivos e sãos em corpos que Deus conserve no parlamento portuguez, perdoai esta invasão de fronteiras a dentro da vossa sciencia de não inforcar assassinos. Assim é que, confundida, vos contempla a pobre e desmoralisada Inglaterra, ó meus patricios, que abolistes a pena de morte, sem ter convencido moralmente o fácinoroso que a minha vida é sagrada, e que a faca de ponta bem puxada peito dentro não é menor barbaridade que o laço de es-

parto bem corrido sob o peso do algoz. O' paiz das grandes cabeças, por que não és tu feliz? E' por que o insigne diplomatico padre Antonio Vieira disse um dia:

«Os mais felizes reinos não são aquelles que tem as mais bem entendidas cabeças, se não aquelles que tem as mais bem entendidas mãos.»

Quanto a mãos, veja-se uma certa *Arte*... ou não se veja nada, que é o melhor.

XI

Era um espirito varonil Anna Bearsley. Traspassavam-lhe o coração duas angustias incomparaveis com a do perdimento do patrimonio. Ao avisinhar-se o dia nupcial, perdeu o homem que, primeiro e ultimo, amara, no silencio mysterioso de sua alma, Philippe de Chesterfield. Nunca mais seus olhos o viram nem procuraram; nem queixume ou palavra magoada lhe ouviu seu tio. E, todavia, aquella nobre tristeza ou não tinha desafôgo, ou se consolava na esperança de ir chorar, ao longe, no seio de seu pai, que ella adorava superiormente ao homem guiado por mão da fatalidade ás serenas alegrias de sua juventude. A morte desastrosa do pai impedreniu-a, avincou-lhe a fronte, cavou-lhe as faces, apagou-lhe a aureola da formosura, deixando-lhe uns traços de belleza aridos, deslusidos e glaciaes. Diziam-lhe que chorasse, encarecendo-lhe o allivio do pranto. Ella não podia intender o louvor das lagrimas. Não sei quem disse que o maior elogio das lagrimas... é choral-as.

Eis os dois profundos golpes que lhe não deixaram sentir a dôr da prevista pobreza.

Logo que soube a situação extremamente penosa de seus tios, mandou chamar Manuel Vieira, e apresentou-lhe um cofre de joias, dizendo-lhe:

—Estão aqui os enfeites que me deram meu pai e meus tios. Sei que os de minha mãe valem 10:000 libras, e os meus não sei o valor que tem. Aqui lh'os entrego para serem vendidos, e o producto converta-o o sr. Vieira no commercio de meus tios.

—Não temos necessidade d'esse expediente, miss Anna Bearsley—disse o guarda-livros—Dos haveres da casa de Londres restam 5:000 libras, pagas as lettras falsas; mas a casa do Porto tem 10:000 em caixa; e, resolvido a liquidal a o sr. John, restringindo o negocio a Londres, augmenta consideravelmente o capital, com que se costeie um commercio mediano, mas a salvo de grandes desastres.

—Não obstante, como estes objectos me são inuteis —replicou miss Anna—insto que os venda, sem o beneplacito de meus tios, ou os conserve para quando seja preciso vendêl-os. Eu creio que a decadencia d'esta casa ainda não tocou a balisa que a desventura lhe poz. Johnson Fowler ha de abrir a sepultura de meus tios, aluindo as bases da sua honra e do seu credito. Assim m'o jurou, quando eu lhe devolvi as infames propostas da sua mão de esposo. Os infortunios da minha familia procedem de mim, e Johnson foi o instrumento da fatalidade que nos desgraçou a todos. Por minha causa foi ao patibulo William Dodd. Sem os ciumes de Johnson o preceptor de Philippe de Chesterfield não seria descoberto e julgado falsificador de firmas. Salvou-se depois a vida do sr. Vieira, graças ao céo; porém morreu um pai de familias, e outro acabou na forca. Nenhuma d'es-

tas calamidades se daria sem a minha existencia. A ultima, que nos ameaça — a pobreza — é já uma quasi insensivel affronta que o destino me faz. O que eu, n'este immenso infortunio, ainda posso desejar e pedir é que meus tios não saibam o que é a miseria; e, se é forçoso que o saibam, faça o sr. Vieira que elles nunca experimentem o insulto do opprobrio. Olhe que eu, hontem, escutei o que se passava no quarto de meu tio Roberto. Pactuava-se dar-me um destino, segurar-me a subsistencia, e concluir a serie das desventuras com dois suicidios... Comprehendeu as delicias que me esperam?

— Não o ha de permittir Deus — atalhou Vieira — Espero illibar a honra e prover abundantemente á decencia d'esta familia com os recursos que ainda temos.

Deteve-se Vieira uma longa pausa, como quem se recobra de receio, á semelhança de galanteador não seguro de boa sombra que lhe ha de galardoar a declaração. Anna Bearsley, cuidando que Vieira esperava que o despedisse, e com o silencio manifestava precisão de ir a seus negocios, disse-lhe com agrado:

— Talvez que eu lhe esteja occupando as horas do seu trabalho... Póde retirar-se, se tem que fazer...

— Minha senhora — balbuciou o guarda-livros — já que, proferindo o nome do sr. Philippe Chesterfield, me abriu occasião, e auctorisou a liberdade de lhe fallar n'este cavalheiro, peço licença para dizer a miss Anna Bearsley que o sr. Chesterfield ainda conserva por V. S.ª os sentimentos de cordeal estima que sentia quando frequentava esta casa...

— Como o sabe? Disse-lh'o quem? — atalhou vivissimamente a ingleza.

— Disse m'o elle, minha senhora, no meu escriptorio, onde entrou, espreitando o ensejo de não se encontrar com o sr. Roberto Bearsley. E' um nobilissimo caracter. Quando soube que o patrimonio de V. S.ª soffrera grande quebra, veiu dizer-me que, ha um anno, acceitára a transgressão da palavra de seu tio, e lh'a devolvera com outra dignamente orgulhosa, por que não o malsinasse o mundo de transigir com a injuria por que em seguida da injuria ia um dote de dois milhões. Agora, porém, que V. S.ª é comparativamente pobre, solicita de novo a licença de a pedir a seus tios.

Anna demorou alguns segundos a resposta, e afinal disse com visivel embaraço:

— Não lhe cause estranheza uma pergunta que vou fazer-lhe: é indigna de mulher semelhante pergunta; mas verá que a intenção não é vil. O filho de Lord Chesterfield é rico?

— Com quanto seja filho natural, o sr. Philippe herdou a maior parte dos bens estranhos ao condado; uma irmã que tem foi opulentamente dotada e reside na America portugueza.

— E, por tanto, é elle mais rico do que eu?

— Com toda a certeza.

— Pois, quando Philippe poder ser tão pobre como eu, concedo-lhe licença de me pedir aos meus pobres tios, a meu tio Roberto particularmente, a quem elle humilhou com tanta soberba como injustiça. Eu, quando era rica, póde ser que tivesse a humildade de lhe perdoar a arrogancia de sua raça; hoje, que perdi muito e ainda assim desprezo o pouco que me resta, quero que o descendente dos lords de Chesterfield saiba que estes plebeus assignados Bearsley, ha tres seculos, tem

a nobreza de regeitar as caprichosas liberalidades do fidalgo, que por misericordia desce até elles.

Reteve a explosão do orgulho, que estava increpando, e murmurou, adoçando a voz:

— Faz-me bem a dedicação d'esse homem, se o não vejo atravez do prestigio da raça. Queria ser millionaria duas, tres vezes, como já disseram que eu fui. Queria desbaratar o meu dote na compra de uma coroa de duqueza, e pôr-lh'a debaixo dos pés para que elle a esmagasse, e eu em sua alma ficasse sendo sempre Anna Bearsley, filha e neta de negociantes, que poderiam, desde o primeiro que foi rico, herdar titulos de fidalguia, menos transmissiveis que os da honra. Hoje não posso senão amal-o, amal-o como se elle tivesse morrido na hora em que me deu este annel, este symbolo da união de duas almas, uma das quaes, ainda que me esqueça, eu acreditarei sempre que está no seio de Deus, por que, repito, o homem que eu amei... morreu, depois que abriu as portas ás desventuras que entraram de tropel n'esta casa, que era um paraizo no primeiro dia da sua vinda aqui. Tudo, porém, lhe perdôo, menos a sua compaixão.

Anna Bearsley ergueu-se enxugando os olhos por onde parece que o coração chorava as altivezas do animo.

Manuel Vieira, confuso, e como estupefacto do lance que não sabia definir, em sua minguada pratica da vida e da indole ingleza, pediu as ordens de miss Anna e sahiu, mais propenso á reprovação que ao applauso d'aquella um tanto melodramatica esquivança com assomos de heroismo.

Convem saber que a compleição espiritual de Manuel,

filho da jornaleira, mendigo na infancia, e discipulo de um homem tão justo quanto o póde ser um observante seguidor das maximas de Jesus Christo, não era azada para se abysmar na admiração de casos que infeitam novellas, e dão realces ás biographias de pessoas extraordinarias. Como a vida laboriosa lhe não feriava horas de leitura amena, Manuel pouco menos de nada sabia das fantasias d'este mundo, tirante as quatro peças nauticas que vira, em companhia de Johnson Fowler, no *Sadler's welle Theatre*.

As realidades terreaes figuravam-se-lhe em Londres pouco mais dramaticas que na Povoa de Lanhoso. Em assumptos de amor, tão da competencia dos vinte e dois annos, era elle sobremaneira descurado e bizonho. A julgar-se por si, intendia que o amor era a fiança da felicidade no matrimonio; mas, se lhe dissessem que o amor tem uma escala ascendente desde a sympathia serena até ás diabruras delirantes, Manuel não quereria acreditar que a felicidade conjugal se compadece com aquellas diabruras.

Amava elle Eulalia, amava deveras, trabalhava para remir aquella familia de necessidades, tinha vingado o intento sobejamente, cuidava que a maior prova de sua gratidão aos pais era tambem a maior prova de amor á filha. E tudo isto era feito, pensado e escripto serenamente. As saudades de Eulalia não lhe faziam levantar mão da escripturação mercantil, nem lhe alteravam as horas de repouso, nem o impacientavam em pressas de casar-se. Diz o leitor vulcanico e com muitos corações já pulvéreos no cinerario do seu peito, que este amor de Manuel Vieira poderia servir para entreter paestra á lareira de um vigario rural; mas que não tem

bastantes scintillações que peguem fogo á isca do papel e façam saltar as phrases em chispas ao coração de leitores, cujo interior está tão de gelo que andam por lá a patinhar os tedios.

Não ha critica mais bem feita e justa, conscienciosamente o digo. Este, que é o heroe do romance, e já de si tão espalmado de nome, este Manuel Vieira, reflectindo detidamente nas palavras de Anna Bearsley, formou d'aquella senhora o conceito que desejaria não fazer da mulher que houvesse de ser sua. Avultou-lhe em soberba o que aos espiritos de mais ideal quilate se figuraria acrizolado pundonor. Aquelle arrojar uma coroa ducal aos tacões das botas do marido, tendo comprado a coroa com o patrimonio de seus filhos, deu-lhe que scismar, e por pouco o não induziu a concluir que as demasias do brio prendem com o primeiro passo do desatino. Em summa, o montanhez de Lanhoso como que ainda conservava o selvagismo nativo, e certo não podia ser personagem de romance que levasse o fito posto em espantar pessoas tão pouco espantadiças como hoje em dia são os consumidores d'estes livros.

Cahiu-me a proposito esta entreaberta para despreoccupar quem quer que seja, quanto ao caracter do meu heroe, o homem mais simples d'este mundo, sómente não vulgar no destemor e perseverança com que alimenta a coragem dos dois velhos. As scenas d'este primeiro livro são bastantemente ricas da onda do ouro que vai estrondeando desgraças na sua torrente; virá depois o outro livro, onde o ouro sacratissimo do trabalho, empolgado pelos gryphos do demonio, e sacudido ás rebatinhas, alastrará de sangue o chão onde cahir, como a chuva de betume candente sobre as cidades maldictas,

XII

Conforme o plano convencionado, sahiu de Londres para o Porto, John Bearsley, afim de liquidar os seus haveres commerciaes armazenados, e transferir o capital em caixa.

Primeiramente, ordenou ao seu guarda-livros que, por via da Associação Commercial ingleza, enviasse o dinheiro existente.

— 500 libras—disse o guarda-livros.

— O quê?!—exclamou espavoridamente o inglez.

— Deixou vossemecê 10:000 libras; d'estas paguei 9:500 á sua ordem.

— Pagas a quem, senhor?

O guarda-livros apresentou a ordem, em primeira e segunda via assignada por *John Bearsley & Irmão*, passada em Londres a favor de Sir Arnold Parker, general do exercito do Canadá.

— Roubado! — exclamou o velho—Roubado!...

E, pondo as mãos tremulas em attitude supplicante,

pediu a Deus que o fulminasse, com vozes soluçantes, cortadas por afflictivas ancias.

Passados instantes, bradou:

— Roubado por Johnson Fowler! pelo ladrão de toda a nossa fortuna tão honradamente adquirida! Oh meu Deus, que mal te fez esta infeliz familia?!...

— Roubado por Johnson Fowler... disse vossemecê —perguntou o guarda-livros.

— Sim.

— Tem razão para o acreditar... O sr. Smith me disse, haverá quinze dias, que encontrára em Miragaia o ex-guarda livros da casa de Londres; e, perguntando-lhe o que viera fazer a Portugal, Johnson titubeára na resposta, dizendo afinal que ia a Lisboa commissionado ao ministro inglez. O sugeito, que me apresentou a ordem, disse-me que entrára na casa de Londres com a quantia sacada. Era homem de quarenta annos pouco mais ou menos, com oculos azues, e trajado com esmero. No dia seguinte, indo eu á alfandega, encontrei o mesmo homem com uma senhora pelo braço. Alguem, que me viu comprimental-o, perguntou-me quem era o inglez, e me disse que, no acto de lhe passarem vista á bagagem, causára espanto a porção de dinheiro em guinéos que o viajante trazia em viagem.

John, ganhando alento com não sei que lampejo de esperança, correu a casa do consul inglez, referiu-lhe o enorme roubo que soffrêra, e então soube que no consulado não fôra visado passaporte de algum sir Arnold Parker; mas que, em confronto das datas em que a ordem fôra paga, encontrou-se registrado o passaporte de um Gower, padre catholico irlandez, que ia á Italia com sua irmã.

Divulgado o successo, e rigorosamente syndicada a sahida de Johnson Fowler, descobriu-se que elle havia embarcado em navio hollandez com destino a Pernambuco, posto que o consignatario da casa nos Paizes-Baixos dissesse que o passageiro lhe apresentára o seu passaporte em que se intitulava George Jonathan Holland, philosopho de profissão, natural de Rosenfeld, no ducado de Wurtemberg, casado com Maria Van Hooft, natural de Middelbourg. Tres passaportes, com tres profissões — uma *soirée* que o infame passára deleitosamente a copiar assignaturas, não poupando a do sabio *Jonathan*, que, áquella hora, estava talvez lucubrando na sua adiposa obra intitulada *Reflexões philosophicas sobre o systema da natureza.*

Quando a carta de John Bearsley chegou a Londres, Roberto, por conselho dos medicos, tinha ido com a sobrinha para ares de campo, auctorisando Manuel Vieira a abrir a correspondencia e dar expediente ao negocio. John escrevia que estava reunindo ás migalhas no proposito firme de transportar-se ao jazigo de seu pai, e aconselhava o irmão a procurar algum honesto abrigo para sua infeliz sobrinha.

Vieira encarou ainda com intrepidez a suprema desgraça. A ruina era absoluta e irremediavel. Lettras sacadas, sobre esperanças do capital do Porto, já não podiam ser pagas. A casa, pouco antes millionaria dos Bearsley, estava insanavelmente fallida. Pois, sem pavor da profundeza da voragem, Manuel Vieira apresentou-se aos banqueiros, que chamou ao seu escriptorio e disse-lhes, mostrando a carta de John Bearsley:

— Antes de enviar a morte a meu infeliz patrão, com esta carta, venho offerecer á misericordia de quem póde

salvar esta familia o meu nome, a minha responsabilidade ao pagamento das lettras reformadas. Sou novo, tenho vinte e tres annos, sou robusto, sobrio e saudavel; conto com mais quarenta annos de vida e uma inflexivel vontade de trabalhar. Confiem, senhores, dos meus futuros quarenta annos o embolso dos seus creditos, e, por Deus, não abram fallencia aos srs. Bearsley!

E, erguendo as mãos, e com a vista amarada de prânto, queria ajoelhar diante do banqueiro que se lhe pintou mais insensivel.

Convergiram todos a erguêl-o da supplicante postura. Tão compungidos como convictos da honradez do moço, foram d'ali inscrevel-o na matricula dos negociantes, e consolidar-lhe a reputação com a publicidade do credito.

Roberto voltou do campo, e achou pagas umas lettras, outras reformadas, e o gyro commercial no pé de prosperidade incompativel com diminutos capitaes. Nos livros das entradas achou as 10.000 libras procedentes do Porto; admirou-se porém, que seu irmão lhe não houvesse escripto, se não uma simples ordem sobre o Banco de Londres, segundo informação do guarda-livros.

D'esta ignorancia do roubo não foi participante Annà Bearsley. A esposa do consul inglez no Porto, sua amiga de collegio, escrevia-lhe dando lhe os pezames do desastre que seus excellentes tios acabavam de soffrer. Esta missiva foi entregue á senhora por Manuel Vieira, ajuntando lhe a negativa de occultar de seu tio o contheudo da carta, se ella dissesse respeito a catastrophes do commercio.

Na seguinte chegada do navio de Portugal, era impossivel ao guarda-livros subtrahir as cartas, não ha-

vendo de mais a mais alguma da letra de Jonh, e sendo duas lacradas de preto.

Manuel Vieira apresentou-as a Roberto, e á sobrinha. Levava o rosto coberto de lagrimas. O inglez relançou a vista entre as cartas e o moço, que não podia proferir alguma palavra.

— E' morto meu irmão! — exclamou o velho, deixando cahir a face no seio da sobrinha que o amparára.

— Abra a carta, e leia, sr. Vieira — disse Anna Bearsley.

Manuel correu de alto a baixo em um lanço de vista os tres periodos da carta. Os que attrlbuíam a fulminação apopletica de John Bearsley ao roubo das 9:500 libras, omittiu-os, resumindo o contexto em dizer que o sr. Bearsley fallecera repentinamente, quando se aprestava para retirar-se para Londres com a sua casa liquidada. Accrescentou que o seu espolio, reputado em 1:000 libras, havia sido entregue no consulado.

Cansado da vida, e exhausto de animo para luctar com a desgraça que o encontrára enfraquecido pelas blandicias da fortuna, Roberto afastou-se da actividade commercial, delegou inteiros poderes em Manuel Vieira, e estabeleceu a sua definitiva residencia nos arrabaldes de Londres, em Westhminster, n'uma vivenda formosissima, que miss Anna disse ter alugado por alguns annos. De todo seu scismar e velar as noites era causa o futuro da sobrinha. Sorriu-lhe alguma vez a idéa de a casar com o guarda-livros; mas dois invenciveis estorvos o impossibilitavam de, se quer, aventurar o pensamento: um, era o modestissimo destino que Manuel, desde a primeira mocidade, cifrava no seu anhelado porvir de

marido de Eulalia; outro, era saber Roberto que sua sobrinha morreria amando o seu defuncto amado, como ella romantica e britannicamente capitulava Philippe de Chesterfield.

Respectivamente ao filho do erudito lord, sabia Manuel Vieira quanto lhe doíam os infortunios da familia Bearsley; pois que, divulgado em Londres o ultimo desastre da casa em Portugal, Philippe offereceu a Vieira algumas mil libras do seu patrimonio como soccorro ás primeiras urgencias, e sob condição de segredo.

Vieira fiava de si o singrar a nau desarvorada a porto de salvamento. Era um moirejar incessante, uma nunca vista energia, sem repouso, sem intercadencia de recreio. As suas economias, involtas na massa do negocio, corriam o perigo de total perda, se os generos exportados para a India continuassem a ser desbaratados, por effeito da desordem, e abatimento a que lá tinham descido os interesses de Inglaterra.

A esperança de ir a Portugal buscar Eulalia ia-lhe fugindo, e a pouco e pouco as alegrias preluzidas no decurso da vida se apagaram. Entrou-lhe na alma o convencimento de que, por demasia de esforço, os braços lhe cansariam contra a torrente que arrastava á fallencia casas muito mais esteiadas em capitaes e creditos.

Nada obstante, Roberto recebia mais recursos que os precisos, e a familia da Povoa de Lanhoso continuou a ser liberalmente beneficiada; elle, porém, restringia tão apertadamente as suas despezas que apenas tinha um prato na sua mesa e um guarda-roupa correspondente á parcimonia da alimentação.

A virtude é como a fé: produz milagres.

Prosperavam a olhos vistos as mercancias da casa

Bearsley. De Bengalla, onde tudo se reputava perdido, liquidára Vieira um subsidio para remissão da maior parte das lettras, que o velho Roberto rasgava, dizendo sempre:

— Documentos de deshonra, libellos difamatorios que não serão lidos sobre o jazigo de teus avós, minha querida sobrinha...

E ajunctára uma vez, quando as sombras da noite do intendimento se iam, a intervalos espessando:

— Sem espada, nem espora de cavalleiro sei eu que hei de morrer. Morro, sem dar ao senhor de Chesterfield o prazer de ser lancetado n'estas veias de plebeu pelo faim de sua excellencia; mas Deus consentirá que eu morra sem dividas, para me não parecer com os senhores condes de Chesterfield. Desculpa, minha pobre Anna, estas senis impertinencias do teu caduco tio; e, se me não desculpas, lembrar-te-hei que as degraças vieram a nossa casa na carruagem blazonada d'esse fidalgo.

Anna levantou os olhos para a face do tio, e murmurou com humildissimo gesto de quem exorta:

— Perdoe-me a mim, meu tio. As desgraças não vieram com elle, estavam commigo. Perdi meu pai... que parte teve Philippe no meu maior infortunio? A morte de meu tio John... foi mercê do céo que nem todos os infelizes alcançam... O perdimento da riqueza ainda o não senti, meu tio. Quando me diziam que eu havia de ser herdeira de tres milhões, perguntei muitas vezes á minha consciencia: «de que servem tres milhões?» e hoje pergunta: «que importa não os ter?» Que nos falta meu tio? Que fariamos nós hoje á riqueza superflua se a tivessemos?

O ancião sorriu jubilosamente, e murmurou:

— E's a creança a corrigir as cãs de um velho, que, tendo já os pés na cova, quer lá resvalar por uma rampa de ouro... E's um anjo, minha querida mestra da vida, da paciencia e da religião. Assim, queres que eu morra tranquillo do teu destino... Morrerei... Irei d'este mundo sabendo que has de viver com pouco, minha pobre menina. Olha que o nosso Manuel me disse hontem que, depois da liquidação de Bengala, suppõe que o teu futuro póde ser segurado com um dotezinho de 6:000 libras. Sei que póde ser muito rico quem possue o thesouro das joias que tens em tua alma. A proposito de joias, menina, ha muito que te não vi infeitada com alguma das tuas! Lá estão as de tua mãe, e as de tua avó... da minha sancta mãe... Deixa me ver aquella manilha que tem o retrato d'ella... Ha bons trinta annos que o não vi... Quero dizer-lhe o ultimo adeus...

Miss Anna Bearsley foi ao seu quarto, e tirou da gavetinha de um contador o bracelete com o retrato colorido em marfim. Voltou e offereceu-o ao velho, que o beijou enternecidamente.

— E as outras joias, Anna? Por que m'as não trouxeste?! Ha lá tantas memorias ligadas á vida de teus pais e até á minha... Vai buscal-as...

— As joias, meu tio, é tudo isto. São esta ottomana, estas alcatifas, aquellas jarras do Japão, o parque que meu tio todas as tardes passeia, as arvores onde as avesinhas de madrugada o saudam, toda esta bella cazinha que parece um brilhante engastado em esmeraldas... Ha lá joia mais linda!

— Que queres dizer, Anna?

— Que vendi as joias inuteis e comprei esta cazinha onde meu tio está recobrando a sua saude, a serenidade que estas arvores nos ensinam, e o desapêgo das coisas sobejas, como são a terra, que se chama ouro, a terra que se chama prata, e o carvão que se chama brilhante. Aqui tem as minhas joias. São esta, por que tem o retrato de minha avó, de quem aprendi a rezar a oração com a qual pedimos a Deus o pão de cada dia, e não os milhões accumulados, em quanto ha tantos pobres que nem para cada dia tem um pão... Não me ralha, meu querido tio?

Roberto, estreitando a sobrinha contra o seio arquejante, soluçava, e mentalmente agradecia a Deus as desventuras que o trouxeram áquella hora de sancta alegria.

XIII

Philippe de Chesterfield sahiu de Inglaterra, quando o proprio brio o arguiu de se andar desprimorosamente a requestar a mulher que lhe dava lições de dignidade. Elle, que tão florecida mocidade tivera e tantas invejas arrastára apoz os faceis triumphos do vicio brilhante em fidalgos de sua bitóla, descahira, em idade tão vigorosa ainda, n'uns aborrecimentos d'aquella mysantropia ingleza, doença deploravel que o suicidio nos dá a perceber como a terribilissima crise da saciedade dos prazeres. Dos passados amores do filho de lord Chesterfield referiam se estupendas proezas. Entre as mais formosas amantes que elle assoalhára á critica dás familias escandalisadas de Londres, nomeava-se uma franceza chamada Bertha de Nieuport, que o seguira de Pariz. Esta dama usava em Londres carruagem com seu proprio brázão, e não falsificava os seus direitos heraldicos, por que seu pai primava entre os fidalgos da Picardiá, e havia sido camarista na côrte de Luiz XIV. Accrescen-

tavam os mais a ponto informados que Bertha era casada com certo conde de annos mais adiantados que os convenientes á morigeração de uma esposa educada na convivencia das filhas do Regente, duque de Orléans. Lamentavam as honradas matronas inglezas que uma senhora de tão fina origem não tivesse a vulgar virtude de entreter a sua mocidade, applacando as dôres da gôta de seu marido com as delicias do canto e da musica, prendas de que a franceza era magistralmente dotada.

Quando Philippe norteou sua vida tempestuosa para o remanso do matrimonio, Bertha appareceu sósinha em publico, uns dias; e, não volvidos muitos, foi vista com um filho do conde de Burlington, rapaz de vida estragada e estragadissimo patrimonio. Esta nova phase da condessa de Beaulieu foi renovada e renovadissima no praso de dezoito mezes com tantas variedades de librés, segundo a variedade dos proprietarios ephemeros, que deixamos como infadonha e de nenhum modo original nem edificante a averiguação d'esses casos.

De repente, porém, desappareceu de Londres a condessa parisiense.

Este episodio da mocidade de Philippe seria excrecencia n'esta narrativa, se não houvesse, ao diante, a necessidade de rotroceder a explical-o.

No começo do capitulo dissemos que Chesterfield sahira de Londres. Acompanhal-o-hemos mais depressa do que então se viajava. Por 1774 sabemos que elle estava em Lisboa, e em 1775 no Rio de Janeiro, onde embarcou para o Grão-Pará, com o intento de visitar uma sua irmã, tambem filha natural do conde Lord Chesterfield e de uma dama franceza que não era mãe

annos, e como taes os conhecia o bispo paraense D. Fr. João de S. José Queiroz. (1)
de Philippe, D'esta variedade de mães deprehende-se que o defuncto lord tivera quinhão dobrado dos costumes soltos da França do seu tempo, e ensinára o filho tanto com as *Cartas* como com o exemplo.

O cunhado de Philippe era inglez; chamava-se Ricardo Broseley, e descendia de antigos fidalgos da cidade do seu appellido, que haviam emigrado, fugindo á ferocidade de Chromwell, como partidarios de Carlos I.

O primeiro foragido estabelecera-se nas margens do Amazonas. Voltou a Inglaterra, depois da restauração da monarchia, reivindicou parte dos seus haveres confiscados pelo Protector, e expatriou-se outra vez para o Pará.

Como alguns dos descendentes d'este inglez se crearam em Inglaterra, Ricardo Broseley lá foi tambem educado; e por que era gentil de sua pessoa e afamado de rico proprietario nas margens do Acará, logrou obter a mão e avultado dote de Isabel Chesterfield.

Os Broseley, no Pará eram conhecidos dos portuguezes por *Brossens*, pronuncia adulterada no lapso de cem

---

(1) Em 1761 escrevia o mencionado bispo o seguinte ácerca de *Guilherme Brossem* (William Broseley) tio de Ricardo: «Entrando pelo Acará dentro, rio alegre e de boas terras... chegámos a casa de Guilherme Brossem, visitamos a sua capella onde ouvimos missa, a qual foi cantada pelas suas indias e mamelucas a quatro vozes bem ajustadas, e no fim varias cantatas devotas e de edificação, sobre o que lhe fizemos uma pequena pratica, em louvor do canto honesto, e ao mesmo tempo invectiva contra o lascivo das sarabandas e

Apenas Philippe chegou á encantadora vivenda (que lá chamavam *sitio*) de sua irmã Isabel, lhe disse ella:

— Se tivesses chegado ha um mez encontrarias uns hospedes interessantissimos, e não sei até se folgarias de ver uma gentil dama que eu presumo não ser simples comparsa no longo drama dos teus amores...

— Pois é possivel que até ao Grão-Pará se estendam as reliquias dos meus desvarios!? — perguntou Philippe sorrindo — Como se chama essa tua hospeda?

— Porcia Ó Neill.

— Oh! que nome! cheira-me a romana! *Porcia*... *Ó Neill!*... Nunca ouvi tal nome! *Ó Neill!* esse appellido é irlandez.

— Irlandez é o marido; ella é franceza...

— Ah! sim? franceza! e é *Porcia?!* — atalhou ironicamente Philippe.

---

modas do tempo. Aqui comi a primeira vez tartaruga de varios modos concertada, etc.»

Faz o digno prelado encarecidos elogios aos acepipes da tartaruga, diz que na sua viagem não lhe deparou o acaso intrigas galantes com que lardeie de interesse romanesco a sua visita, e prosegue:

«Caso notavel sel-o-ha a piedade d'este honrado homem (Guilherme Brossem), a quem Deus N. S. deu uma semelhante consorte, negou-lhes filhos para que podessem crear os outros expostos de seus pais: em fim, é a casa de Brsssem uma roda de engeitados e sempre prompta para este bemfazer, que se exercita em toda a linha de piedade ou genero, instruindo na fé e devoção aos meninos, e sustentando-os até lhes dar modo de vida honesto sendo aliás o tracto da sua casa muito civil e elle um aceiadissimo ancião. *(Memorias de Fr. João de S. José Queiroz, bispo do Grão-Pará.* Porto 1868.)

— Veja lá, sr. Philippe — acudiu a irmã com risonha severidade — lembre-se que eu nasci em França, e que sua mãe tambem era franceza...

— Estou-me lembrando agora d'isso... Continua, minha querida Isabel, como se chama o marido?

— Josuah O'Neill.

— Que é elle?

— Um viajante riquissimo, que arrasta o seu tedio sobre estrados de ouro e diamantes.

— Upa! andas a ler o Shakspeare, minha irmã?

— Ricardo estava em Belem, quando elles desembarcaram; e ouvindo-os fallar inglez, offereceu-lhes o seu prestimo, que o viajante acceitou agradavelmente. Estiveram alguns dias na cidade, e vieram hospedar-se em nossa casa. Logo que ella, a sós commigo, me disse que era franceza, fallei-lhe a sua lingua, e contei-lhe que tambem eu tinha nascido em França. Depois, conversamos de Londres. Perguntei-lhe se conhecia algumas pessoas das nossas relações; e a primeira que ella nomeou foi o meu querido Philippe Chesterfield.

«E' meu irmão!» exclamei eu. — Seu irmão! — disse ella com a voz alterada; e, passados instantes, pediu-me licença para me abraçar, e rogou-me calorosamente que não proferisse o teu nome em presença do marido. E, desde que tivemos esta curta conversação, notei que Porcia estava sempre concentrada e melancolica. Uma vez instei-lhe que me dissesse se eu involuntariamente a magoára a ponto de a ver como arrependida da sua franqueza. Respondeu-me: «Não, minha senhora; eu soffro por que não tenho a coragem de acabar com esta existencia que me dóe como um remorso á mulher que cobrisse de eterno opprobrio seus pais e seus irmãos.

Sei que a senhora terá a delicadeza de me não perguntar mais nada da minha vida».

— Tens alguma idéa de quem seja esta mulher?

— Parece-me que se está formando uma indecisa conjectura no meu espirito; volveu o meditativo Philippe — mas, isso de *Porcia* é nome inventado, se a mulher é a que se está desenhando ao meu espirito. Descreve-m'a quanto á figura. Já disseste que era bella?... não me recordo...

— E' bella; mas denota que a melhor estação da sua belleza passou. Representa trinta annos, apezar de me dizer que tem vinte e quatro.

— E' alta?

— Muito alta e magra, olhos pretos, mas pequenos e quebrantados de melancolia: tem na face esquerda um signal de cabellos encaracolados que lhe dá muita graça...

— Basta. Já sei quem é.

— Quem é?

— Não te posso dizer mais nada a respeito d'essa mulher, minha irmã. Disse-te ella que era desgraçada? não mentiu; olha, porém, Isabel, que não sou eu o responsavel dos seus dissabores... Mas, santo Deus! como veio Bertha de Nieuport ao Pará? Quem é esse homem opulento que lhe chama esposa, tendo ella vivo o marido, o conde de Beaulieu? — proseguiu Philippe em concentrado monologo, que Isabel lhe ouvia com espanto — *O'Neill!* nenhum dos seus amantes em Londres se chamou O'Neill!

— *Amantes!* — interrompeu Isabel — Então é uma aventureira que eu tive em minha casa?

— Não tanto assim, minha irmã; é uma victima dos

casamentos desiguaes na edade e nas indoles; é uma mulher, que poderia ser virtuosa como tu, se a deixassem escolher marido como tu escolheste... Mas... não me disseste que o marido era muito rico?

— Tanto que está resolvido a comprar em Bragança o mais rico *sitio*, e o convento que foi dos Jesuitas para reedifical-o em palacio. Os brilhantes que ella tinha nos pulsos e no pescoço talvez valessem mais de 5.000 libras. Quando aqui entrou e viu a belleza da nossa vivenda, e os engenhos, disse elle que daria 15:000 libras por tudo, se se vendesse.

— E' novo esse homem?

— Não é novo, ha de ter mais de quarenta e cinco annos; já tem o bigode grisalho, e muitas rugas á volta dos olhos. A cara é sinistra. Diz o Ricardo que dentro d'aquelle homem está uma historia que valia a pena explorar, por que, ás vezes, iamos dar com elle sósinho, emboscado na floresta, absorto em si, e com os olhos espasmodicos, como um homem que estivesse vendo a sombra das suas victimas. E então ella, Philippe, parecia encaral-o com terror, e olhar aterrada tambem para os brilhantes das manilhas. Eu pensava n'isto; mas não lhe dava peso; agora, porém, depois de te ouvir, começo a crer que ha estranhos successos ligados á vida de ambos...

— Onde estão elles? — perguntou o irmão.

— A ultima carta que o Ricardo recebeu é enviada de Ourem; e lá dizia que estava a sahir para examinar as propriedades de Bragança.

— Pois, minha irmã, por satisfazer a tua curiosidade, vou viajar por esse Cahité acimá até encontrar os taes hospedes.

— Lembra-te que ella me pediu que não proferisse o teu nome diante do marido. Não vás tu aggravar-lhe o seu infortunio...

— Responsabilisa-se a minha prudencia pela probidade do coração, que, a respeito d'essa mulher, apenas pode reviver no sentimento da piedade.

Decorridos poucos dias de repouso, a canôa de Philippe Chesterfield vogava, balanceando-se sobre os cachoens do confluente perigoso dos rios Guama e Mojú, mareada por dez robustos indios.

XVI

Ás margens d'aquelles rios, arterias pujantes em que arfam as ondas do Amazonas, são ensombradas de arvores giganteas, que fazem tristeza e pavor. O homem alli vê-se tão pequeno, tão verme a pascer-se nos sucos de seu proprio coração, que chega a sentir enojo das chimeras por onde se quiz avantajar ao commum de sua especie. E aquelle que alli chegou, ido das cidades onde toda a grandeza, excepto a da virtude obscura, é convencional e phantastica, esse, á semelhança de Philippe de Chesterfield, entrou-se de amargura immensa, e, em meio d'aquellas vidas colossaes, da ave enorme e da arvore que topeta as nuvens com as suas franças, cuida que á volta de si tudo é o infinito vacuo da morte. As solidões magestosas são essas em que o homem verte lagrimas humildes sobre os andrajos da sua purpura de rei da creação. Ainda, se nos ouvidos da alma lhe rumorejam os mil hymnos d'aquelles silencios, — se por de sobre as copas das florestas lhe vae o espirito

desferindo vôo em demanda de Deus, a sua alegria póde ser grande como a do eremita de Isthria que nas solidões profundas encontrava a paz, as lagrimas e a morte, que tanta crueza tem se a meditamos sem a desejarmos.

O sentimento de Philippe era doloroso quando cortava a corrente do rio, escutando o trapejar monotono dos remos, e ouvindo o tanger das sinetas, no diluculo da manhã, e ao cahir da noite, n'aquellas egrejinhas alvejantes, lá ao cabo das enseadas ou *garapés* em que o rio bracejava.

Entreluzia-lhe, por noite, no cerrado dos bosques, vestida do raio da lua que se espelhava nas aguas rebalsadas, a imagem de Anna Bearsley, a sua illusão dolorosa e adorada.

Aprazia-lhe, entre as reminiscencias manchadas, ver aquella mulher pura, a unica sem macula nas suas paixões. Bertha de Nieuport e as outras eram a vingança de Anna sacrificada ao orgulho da raça, á phantasia dos fidalgos que o julgaram deshonrado pela suspeita de Roberto, e venderiam ao judeu na carencia de cem libras para um cavallo de avós conhecidos, as vinte e cinco caveiras de seus avós, conhecidos tambem. Na penumbra do ideal luminoso de Anna Bearsley, todas as suas affeições lhe davam tedio. Eram as brutalidades sensuaes, a dissipação das riquezas da alma juvenil, o corrompimento do melhor sangue, a relaxação das cordas que mais tensamente manteem a harmonia da pureza moral com a incontaminação dos sentidos. Estas idéas pungiam-no mais quando sentia no peito os rebates da enfermidade, as dôres agudas que precedem o desfibramento dos pulmões, ou a distensão das arterias por onde

o sangue avenenado ou empobrecido vai depositando sedimentos mortiferos.

Em conjunctura de socego de espirito, Philippe, á imitação dos seus patricios, tão cároaveis das bellas impressões da natureza americana, jubilaria ás margens do Amazonas; porém, levado áquellas paragens para esquecer-se, maguado de saudades, sem esperar convertel-as na alegria de quem as offerece á mulher por quem as soffre, o inglez perguntava á sua curiosidade se reconhecer em Porcia O'Neill a sua desprezivel amante Bertha de Nieuport não seria envilicer-se o procural a.

N'estes pensamentos incongruentes havia navegado as trinta leguas que o distanciavam de Bragança. Era ali que o mysterioso irlandez Josuat O'Neill devia estar em negociação do mosteiro da extincta companhia de Jesus.

E estava, segundo informações, colhidas disfarçadamente pelos indios, que mareavam a balsa de Philippe; mas a esposa do irlandez, por ter adoecido das febres endemicas n'aquellas paragens doentias, havia sido conduzida ao *sitio* do rico francez Postelui (ou *Pot feliz* como lá diziam os portuguezes) na margem do Guamá. Um paraense, que, ao mesmo tempo, sahia de Bragança e conversára em máo inglez com Philippe, aproveitou o offerecimento de ir na canôa do viajante até Oeiras. Este homem deu do irlandez alguma noticia mais circumstanciada. Contou que em S. Miguel de Guamá havia uma rossa com uma casta de mulheres de origem indica, muito formosas, e filhas da celebrada D. Clemencia de Catania, que já havia dado, com a sua desmoralisação e com a das meninas muito que fazer a um

bispo do Grão-Pará. (1) Continuando, disse que o nababo irlandez, hospedando-se em casa d'estas sereias, se apaixonára pela mais despejada; e tão de vencida levára o coração nada esquivo da moça, com requebros e finezas de guinéos e diamantes, que, á volta de oito dias, a rapariga deixava pela setima vez, a casa, e ia aventureiramente na cola do forasteiro, em quanto a esposa, a titulo de inferma das febres locaes, ficára no *sitio* de um francez muito hospitaleiro. Concluiu dizendo que a menina Catania estava em Bragança, onde elle a vira, acariciando impudentemente o seu ricasso entre uns cacáoeiros. E, para dizer tudo quanto sabia, asseverou que a mulher do irlandez havia pedido a madame Postelui que lhe désse auxilio para se passar a França.

Confiando quanto devia n'este sincero e condoído informador, pediu-lhe Philippe que fizesse chegar á mão da esposa do O'Neill duas linhas, que escreveu em uma pagina de sua carteira. As duas linhas diziam:

Chesterfield deseja convencer-se que o destino tem maravilhas estupidas nos seus mysterios.

E, armando a sua barraca de esteiras, debaixo dos castanheiros e cedros da margem do Guamá, esperou.

Passada meia hora viu branquejar por entre a ramagem, a passo lento, uma mulher trajando de branco, soltos os cabellos ao longo das faces pallidas e ondeantes pelas espaduas apenas velladas de transparente escomilha.

---

(1) O bispo D. Fr. João de S. José, a quem o informador alludia, não se esqueceu de D. Clemencia de Catanea, nas suas *Memorias*, pag. 177 e seg.

Era Bertha de Nieuport, diversa da que elle conhecera, como se a morte a empedrára em livido jaspe, não lhe alterando os traços essenciaes do rosto peregrino. Acercou-se d'elle a franceza; e, sem resguardo dos indios que a contemplavam absortos, enroscou-lhe os braços em volta do pescoço, e chorou longo tempo em crebros soluços, com a face encostada ao peito d'elle.

Travaram um sereno dialogo em francez, depois que o primeiro dique de lagrimas extravasou nas faces já purpureadas da condessa.

Antes que Philippe lhe pedisse esclarecimentos da pessoa a quem seguia, contou Bertha, em largos pormenores, o que vamos resumir.

O seu penultimo amante, abandonando-a, collocara-a na posição de proseguir na senda da fatalidade, na mendiguez ou no desfecho do suicidio — honra que nem todas as desgraçadas podem offerecer ao desprezo geral como desconto na execração que se lhes deu em vida.

Havia muito que era importunada por solicitações de um homem, que se assignava nas repetidas cartas *Fowler*.

— Quê! *Fowler!* — exclamou Philippe — *Johnson Fowler?!*

— Sim... Conhece este homem?

— Conheci um falsificador de firmas com esse nome; conheci, desgraçada Bertha, conheci o ladrão das enormes riquezas dos Bearsley, que hoje vivem pobres nos arrabaldes de Londres...

— E' esse... é esse... — exclamou a condessa, cobrindo o rosto com as mãos.

— Como succumbiu a tamanho infame, pobre senhora? — perguntou compassivamente Philippe.

— Oh! vergonha! — murmurou ella — Pergunta-me

como eu succumbi? Por que elle era rico... por que eu não podia ser pobre... não sabia quem elle era, nem devia presumir que tal homem fosse quem depois conheci...

— Pois não é novidade isto que lhe digo? Já sabia...

— Sabia que este homem sahiu de Inglaterra com um nome diverso do que me dera; no Porto, em Portugal, adoptou outro, fazendo elle mesmo o seu passaporte; em Lisboa transformou-se em nome e posição; no Rio de Janeiro era da Escossia, aqui é irlandez, e eu em cada paragem, em cada novo paiz, sou obrigada a mudar de nome.

— Amou-a elle ao menos, condessa?

— Eu detestei o, apenas elle me fez interrogações vilipendiosas sobre o que eu fui, que èlle perfeitamente conhecia. Fingindo ciumes dos meus passados amantes, torturava-me, como para me fazer sentir que eu não merecia os brilhantes com que elle me comprára. O seu nome, Philippe Chesterfield, era o que lhe servia para hervar o punhal da injuria. Lembrava-se de nos ter visto nos theatros, e vituperava a minha libertinagem, o escandalo da publicidade. Uma vez impoz-me como preceito que nunca o seu nome fosse proferido entre nós, não tanto por que eu havia sido a sua concubina publica e impudente, se não porque Chesterfield havia sido o perturbador da felicidade da mulher honesta que elle amára, primeira e ultima, me dizia elle, para afundar bem o abysmo do meu aviltamento.

— Oh!... que miseravel!... que infamissimo eu me vira, se tal homem houvesse sido meu rival! disse Chesterfield, precipitando o desfecho da narrativa com impacientes gestos.

Proseguiu Bertha de Nieuport, referindo que ultimamente solicitára de Johnson Fowler que lhe desse alguns recursos com que passasse á Europa, sendo que elle a ultrajára impondo-lhe que se fingisse inferma para o não seguir a Bragança, sabendo ella que uma americana o acompanhava. Negou lhe os meios pedidos, accrescentou Bertha, com natural receio de que o denunciasse. Concluiu mostrando justo medo que Johnson afinal lhe tirasse a vida quando lhe ella fosse estorvo aos seus planos, ou se temesse de ser descoberto. Finalmente, a desditosa dama, ajoelhando aos pés de Chesterfield, lhe pedia que a defendesse do seu algoz, e lhe esmolasse a protecção necessaria para ir a França, onde o opprobrio e a fome lhe seriam suaves em comparação das angustias que soffria n'aquelle desterro, esmagada por tão malvado homem.

Ergueu-a nos braços Philippe, consolando-a com a sugurança de que estava sob a protecção de um irmão. Depois, acompanhou-a ao *sitio* do hospedeiro francez. Em poucas palavras o esclareceu sobre quem fosse o chamado *O' Neill*. Commoveu-o referindo-lhe por alto os infortunios da condessa de Beaulieu, e combinou com o condoído Posteflui o preparar-se canoa que, sem delongas, levasse a condessa a casa de sua irman Isabel Brozeley. Assim se fez.

Philippe ficou uma noite na rossa do Guamá, e ao outro dia, precavido de armas e recommendaçoens para o sargento-mór que governava militar e civilmente Bragança, voltou ao local onde Johnson devia estar entre os refrigerantes cacoaes ideando architectonicamente o palacio, em braços da feiticeira Laurentina Catanea.

Desembarcou de noite, e apresentou-se com o francez, que o acompanhára, ao sargento-mór. Revelaram ao pasmado magistrado a biographia do chamado irlandez, que estava em ajustes do mosteiro e terras que mediam seis leguas. Disse o sargento-mór que o referido ladrão era seu hospede, e em sua casa estavam os bahus encerrando muito ouro e pedraria que o forasteiro lhe mostrára, bravateando que não receiava a concorrencia do opulento fazendeiro do Pará, Barbosa Bacellar, na compra dos terrenos.

— O roubo, ou parte d'elle, já nós temos seguro! — disse a auctoridade, ordenando logo que se reunisse a companhia para capturar o criminoso, e espingardeal-o immediatamente, com a costumada e summaria justiça usada em Bragança com os ladroens... estrangeiros.

Perguntou Chesterfield onde estava Johnson áquella hora da noute.

— Nos meus cacoaes, onde mandou construir uma barraca de pau, coberta de folhagem de pindoba, e ornada interiormente de ricas telas. Lá está com uma rapariga de boa familia e melhor cara, que o veiu seguindo, e por ahi passeia ataviada de diamantes e arreios de plumas, tão descomposta e desbragada como as indias prostitutas do Macapá.

— Tem gostos aziaticos o homem! — disse Philippe, sorrindo — Desejo que elle traslade para Inglaterra essas delicias do oriente, a ver se lá se implanta o genero. Um favor de valia e moralidade peço ao sr. sargento-mór. Não nos convem que tal gatuno seja morto, nem é de nossa competencia julgal-o em ultima estancia. Desejo que este exemplar appareça em Londres, e seja lá bem visto do alto da forca. Além de que, não

havemos de ser nós os conductores e apresentantes dos bahus onde deve estar grande parte dos haveres dos Bearsley. Por tanto rogo muito rogado o sr. sargento-mór que limite a sua auctoridade á prisão do falsificador de firmas, porque vai n'isso o interesse publico, e o escarmento dos muitos infames que lhe hão de assistir ao supplicio.

Assentiu o bravo militar ás considerações judiciosas de Chesterfield; e, tomando tres soldados sómente, desceu á margem do rio, onde Johnson, com ingleza excentricidade, se comprazia de acalentar os somnos ao rouquejante piar das arapongas e girapongas, dos galleiroens, e goarazes e japis, e outras aves de nomes egualmente poeticos.

Quando o sargento-mór assomou á porta da cabana, digna dos candidos amores do heroe de Bernardin de Saint-Pierre, o sardanapalo, recostado em um almadraque de plumagens, ouvia Laurentina, a trigueira de olhos coruscantes, cantar modinhas brazileiras, cujas coplas licenciosas pareciam ser das musas do obsceno Gregorio de Mattos Guerra. O sargento, que fôra pé ante pé, ouviu as toadilhas impudicas, sem dar rumor de si, por que Chesterfield lhe acenára que não interrompesse. O inglez apezar dos luctos de sua alma, não quiz perder o lanço de tirar apontamento d'aquelle caso, muito mais interessante com o recheio das trovas locaes.

Terminado o ultimo tonadilho, o digno militar, ferido em seu pudor, não pôde deixar de exclamar em voz ribombante:

— Pouca vergonha!

Johnson ergueu-se de salto, e defrontou-se com o in-

vasor do ninho de galanteria, ajustando ao corpo as abas da tunica de seda cramesim, copiada do trajar domestico dos principes indostanicos.

— Está preso, sr. Fowler! — bradou o bellicoso sargento-mór.

— Preso?!... — bradou aterrado Johnson quando se viu nomeado pelo seu authentico appellido. — Eu não me chamo *Fowler*, sr. sargento-mór, sou O' Neill!...

— Aqui está quem o reconhece — volveu o militar abrindo passagem a Philippe Chesterfield.

Johnson cravou os olhos pávidos no educando de William Dodd.

— Conhece-o? — perguntou a autoridade a Philippe.

— Conheci um Johnson Fowler com outra cara mais modestamente burgueza; mas, se eu podesse duvidar da identidade da pessoa, bastaria a desenganar-me o depoimento incontestavel da condessa de Beaulieu. Será auctoridade esta pessoa que citei, sr. Johnson Fowler, ex-guarda-livros do sr. Roberto Bearsley?

Inopidamente, viram Fowler arrancar de um pulo contra uma pequena panopila suspensa do tabique, e lançar mão de uma clavina de dois canos, que abocou ao peito de Philippe, aperrando-a; mas, Laurentina, com aquelle ousado impeto de mulher que cuida conjurar o perigo interpondo-se na lucta, abraçou-se precipitadamente no amante, dando á bala da clavina uma direcção frustrada. E ao mesmo tempo, um dos tres indios armados. sem consultar o commandante, desfechou a espingarda contra a testa de Johnson, salpicando de sangue o guadalmecim que tapisava as paredes da barraca.

Philippe dispensou de boamente o projecto de pôr

em espectaculo a cabeça de Johnson em Londres. Com serenidade e cortezia britannica dirigiu-se á assombrada americana, e disse lhe galantemente:

— Devo a vida, menina, á sua resolução de conter a ferocidade d'este perversissimo homem. Asseguro lhe que será conduzida a sua casa com todo o resguardo, e sob a protecção do senhor sargento-mór.

Os indios, e outros que vieram attrahidos pela detonação do tiro, carrearam os objectos valiosos da barraca. Nenhum, porém, quiz considerar objecto portatil o cadaver de Johnson Fowler. O sargento-mór ordenou que um soldado fizesse sentinella ao morto até á hora de o sepultar; mas, como o vigario de Bragança se recusasse a dar cova de terra benta a um herege que se propunha comprar bens da egreja, e n'isto cifravam os seus canonicos reparos, mandou a auctoridade civil atirar o cadaver ao Guamá.

N'esta diligencia iam dois indios, que encontraram o soldado, o qual lhes disse que, farto de esperar, atirára o ladrão ao rio.

Foi applaudida a resolução, e tanto civil como ecclesiasticamente louvada.

Inventariado o contheudo nos bahús de Johnson Fowler encontrou se grande riqueza em ouro e pedraria, e tanta que Chesterfield calculou desfalcado em menos de trinta contos o roubo feito em Londres e no Porto.

Transportando para casa de sua irmã os haveres restaurados dos Bearsley, Philippe deu-se pressa em ministrar soccorros á condessa de Beaulieu para se passar a Marselha. Isabel acompanhou-a ao Pará, beijou-a commovida ao despedir-se, e teve o prazer de ouvir dos la-

bios d'aquella vigesima Magdalena regenerada estas palavras que não mentiram:

— Os seus carinhos de senhora sem macula hão de remir-me aos olhos de Deus.

— E aos olhos da sociedade — disse-lhe a irmã de Philippe.

Assim foi.

Bertha viveu longos annos em um mosteiro da Normandia, tão contricta de suas culpas, que ainda hoje em Calvados, corridos oitenta annos depois da morte d'aquella penetinte, se conta, como em lenda, a historia da condessa Bertha, que fugira ao marido com um inglez herege para as margens do Amazonas, e lá vira o amantê a pernear nas fauces de um jacaré que devia ser o demonio em pessoa, quanto um jacaré póde ter caracter pessoal.

Os poetas não podiam ser extranhos á lenda de Bertha. De um raro opusculo do tempo, traduzimos, ainda que mal, as ultimas endechas do poemeto mais na voga:

.....
E quando a bella condessa
Abriu os olhos á fé
Foi quando viu a cabeça
Nas fauces do jacaré,
Aquella cabeça impia
Onde o demonio mettera
A sacrilega heresia
Que Henrique VIII perdera.

Já o inglez todo é retalhos,
Não lhe resta inteiro um pé;
Eis que ella vê surgir galhos
Da testa do jacaré.
E troveja um brado: «O' Bertha,
«O diabo é quem te espanta!
«Desperta, mulher, desperta!
«Vai ser monja, e serás sancta!»

XV

Renasceram, entretanto, serenos dias de conformidade na casinha campestre de Roberto Bearsley. Já sobravam recursos para maiores regalias; mas miss Anna affeiçoára-se tanto áquillo que ella chamava o cofresinho das suas joias, que não dava azo a que o tio Roberto lhe propozesse mudança de habitação ou melhoria de adornos, bem que a sua antiga casa de Londres permanecesse ricamente mobilada.

N'esta casa ordenára Roberto que assentasse residencia Manuel Vieira, logo que voltasse de Portugal com sua mulher e seus sogros. Afim de casar-se com Eulalia sahira de Inglaterra o guarda-livros em 1770, aos vinte e seis annos de idade, depois de doze de apartamento.

A sua chegada á Povoa não foi festejada com as alegrias usuaes nas aldeias, á volta do brazileiro, como já então diziam do mercador que voltava das pessessões de além-mar.

O jubilo era todo domestico, recolhido e silencioso. A casa florejava como o oratorio em dia de Maias. Todas as mesas e commodas estavam guarnecidas de toalhas de renda, desde muito costuradas por Eulalia para aquelle dia. João Verissimo, que já orçava pelos quarenta e seis annos, estava desfigurado, muito velho, todo encanecido, não á mingua dos bens exteriores da vida, mas acabado d'aquella velhice interior, e frio da alma, onde os olhos não côam raio de sol. Luiza, ao invez das camponezas bonitas que temporãmente desbotam e se desformoseam, conservava-se robusta, sadia e ainda frescassa.

Quanto a Eulalia, o maior encarecimento que de sua belleza póde fazer-se foi Manuel Vieira que lh'o fez, dizendo que ella se parecia na brancura e feitio do rosto com as senhoras inglezas.

Claro é que a idade e o pudor intervieram com os seus escrupulos na approximação d'aquelles noivos que se amavam desde creanças.

João Verissimo, que cegára quando elles eram meninos, e lá no seu mundo interno os estava sempre vendo quaes os deixára, estranhava ouvir-lhes umas graves conversações que não eram as pueris bagatellas d'outro tempo. Contando Manuèl particularidades da vida de seus patrões, chegou ao ponto de confessar que os seus haveres, depois de doze annos laboriosos, eram poucos. Os ordenados de guarda livros, que poderiam prefazer uns vinte contos, haviam sido mutilados por uma perda que soffrera em negocio de risco, alheio da massa commercial que dirigia, pois, no receio da perda, não quizera expor cabedaes de seu patrão.

Além d'isso as mezadas abundantes que enviára á

sua familia, e soccorros que enviava a duas mulheres pobres das Courellas, que lh'as pediram por alma de sua mãe d'elle, de quem eram irmãs, e sobre tudo o melindroso desprendimento de sua probidade, eram razões bastantes a explicar a pequenez dos seus teres. Todavia, não se deplorava nem arguia a fortuna caprichosa; se não que se considerava muito avantajado na carreira, e bastantemente remediado para occorrer á decencia de sua familia em Londres.

João Verissimo folgava de passear nos arredores da Povoa de Lanhoso, pelo braço de Manuel, contando-lhe successos communs da vida das pessoas que o filho da Carlota conhecera. Em um d'esses passeios para a banda das Agras, onde Manuel amiudava suas visitas, um homem, pobremente vestido, cambaleando como ebrio, velho e repulsivo nas feições alteradas por brotoeja herpetica, acercou-se d'elles, parou encostando o peito ao cajado, e disse tartamudo:

— Olá, João! amigo velho! não te vejo ha muito!... Como te vai?

— Vou vivendo, amigo...

— Queres beber? Ou pagas tu, ou pago eu!

— Se precisas, aqui tens um tostão, que é quanto levo; eu não bebo vinho, e tu não bebas de mais.

— Dá cá o tostão, amigo velho, cá bebo á tua saude e mais aqui do fidalgo das Agras — disse o encontradiço, cortejando o companheiro do cego com tregeitos do ebrio de baixa ralé.

E seguiu seu destino, atravancando o caminho com os movimentos desequilibrados das pernas mal assentes sobre grosseiros tamancos.

— Quem é este homem? — perguntou Manuel.

João Verissimo balbuciou:

— E' ahi um... um desgraçado.... que eu conheci em melhor posição... E' de longe... tu decerto não o conheceste...

A este tempo o ebrio desandou no seguimento de João, bradando:

— O' sôr fidalgo, ó sôr fidalgo das Agras! espere ahi que temos que averiguar uma pendencia.

O cego fez um gesto de sobresalto e desgosto, depois, rodando o pescoço, disse:

— Vai com Deus, que este não é o fidalgo das Agras.

— Ah! não é? então perdoará! Não que, se fosse, eu vinha dizer-lhe que não me ande a botar a perder de todo lá com o arcebispo, que pelos modos os das Agras, tambem me enterraram na relação ecclesiastica... O' João, fazes-me um favor?

— Que queres, homem?

— Tu vaes ás Agras?

— Talvez.

— Pois, se lá fores, dize aos srs. Mellos que eu ainda sei puxar por um gatilho, sendo necessario, e que o padre Bento Ribeiro não é p'ra graças, ouviste?

— Sim... adeus.

Tremia o braço do cego em contacto com o de Manuel Vieira, que todo estremeceu quando ouviu as palavras *padre Bento Ribeiro.*

— Já sabes quem é o desgraçado...— disse João Verissimo. — Vês a Divina Providencia, meu filho? Alli o tens castigado!

Marejaram-se de lagrimas os olhos do filho de Carlota, reparando no ebrio que lá ao longe batia estron-

dosamente á porta de uma taverna. E alli se quedou n'aquelle spasmo, até que á janella da casa a cuja porta o padre atirava rijas pontoadas, assomou uma mulher bradando:

— Já lhe disse que não abro a porta, que não está cá o meu homem... A bebedeira acho que lhe ficou de hontem! Ora ande, senhor padre Bento, ponha-se ao fresco, antes que meu homem lhe não chegue a camisa ao corpo!

O padre, floreando o fueiro, insultou a taverneira com os mais obscenos epithetos, e atirou se de esguelha para um combro ensilveirado, no proposito talvez de cozer o seu vinho perto da taverna onde podesse depois refrigerar as guelas abrazadas.

E Manuel Vieira viu assim aquelle homem que era seu pai.

— Vem d'ahi, Manuel... — dizia-lhe o cego, repetidamente, puxando-o pelo braço.

— Se me dissessem a posição infeliz d'este homem, eu tel-o-hia soccorrido... — murmurou o compassivo filho com a voz cheia de lagrimas.

— Soccorri-o eu, Manuel, com parte da esmola que me mandavas. Não lhe vali, ninguem lhe valerá. Desejas saber como o padre Bento chegou a isto? Facilmente e depressa. Ha dois annos que é isso que viste. Ha dez annos que já não tinha eido onde cahisse morto. Quando tu sahiste para Londres, as devassidões de teu pai eram como as de outro qualquer homem de máos costumes; mas sobrepujavam as do mais reprehensivel padre. Se algum tempo aggravou as suas culpas, diante de Deus, com a hypocrisia, lá quando a mascara o abafava, arrancou-a, e fez da sua casa e da

sua freguezia um grande alcouce. Parece que esperava sómente que a mãe morresse para dar largas aos seus instinctos. Foram a Braga denuncias da prostituição de Rendufinho, e o padre foi suspenso das ordens. Desconfiou de quem fosse o denunciante e deu-lhe um tiro, que não foi mortal. Prenderam-no, gastou mais de metade da sua casa para se livrar, e ao fim de tres annos de cadeia voltou para a terra, ainda prohibido de exercer as ordens. Se para a cadeia entrou libertino, sahiu de lá perdidissimo, impio, sacrilego e blasphemo. Tinha alguns filhos de diversas mães. Os que nasceram de mulheres pobres mendigavam; os das fazendeiras, embora filhos de mães deshonradas, lá tinham umas telhas que os cobrissem. Algumas pessoas lhe quizeram atalhar a completa ruina com a assistencia dos bons conselhos; e eu, por que havia sido seu condiscipulo, companheiro de casa e amigo, fui a Rendufinho pelo braço de minha filha, pedir-lhe que tivesse mão da sua honra e de sua alma que se abysmavam. Disse-me Eulalia que não lhe divisára no semblante menor indicio de pezar. Replicou-me, em conclusão, que os inimigos o tinham perdido! mas que elle, quando voltasse á cadeia, havia de ter matado tres. Retirei-me desanimado, sentindo no coração a immensa dor de ser teu pai aquelle homem, e desejando que nunca me tivesse lembrado indagar de quem fosses filho, ou, pelo menos, que nunca o tu soubesses. Por espaço de um anno, pouco se fallou do padre Bento; apenas de quando em vez se contava que elle vendera mais um campo, ou botára a perder mais uma mulher. Aqui, porém, ha seis annos correu que elle raptára uma donzella nobre, filha de um fidalgo de Garfe, e andava fugido com

ella por Hespanha. Depois, soube-se que já estava com ella em Rendufinho e que tinha comsigo uma menina, filha da tal senhora. Mas, de repente, é preso, espancado, ferido mortalmente, por que resistira com arma de fogo, e assim ensanguentado o trouxeram para a Povoa, e d'aqui o levaram ás cadeias de Braga. Foi julgado e condemnado a tres annos de prizão. Na passagem d'estes annos, vendeu tudo e hypothecou o patrimonio. N'esta apertada situação, principiei a soccorrêl-o tanto na cadeia, como fóra. Fui ter com elle a Rendufinho, e encontrei-o embriagado, vociferando contra céo e terra. Fallei-lhe em religião, em Deus, em honra, em arrependimento. Irritava-se freneticamente, e mandava-me sahir de sua casa, d'aquella casa que eu conhecera tão farta e cheia, e onde, a ultima vez que lá fui, me disseram que não havia um tamborete, e todos os utensilios eram uma espingarda e uma faca de mato. Aqui tens a acerba historia, meu filho. Perdoa-me se te consterno; mas era forçoso que, cedo ou tarde, soubesses tudo.

— E os filhos? que destino tiveram essas creancinhas?—perguntou Manuel Vieira.

— Não posso responder-te com exactidão o destino que tiveram todos os filhos d'este infeliz. Dois d'elles pedi eu ao Leonardo Cigano que os arranjasse em lojas de negocio por essas terras que elle corre. Por lá estão em começo de vida. Outros mais novinhos não sei d'elles: devem viver com as mães. Outros são filhos de lavradeiras: lá se arranjam melhor. A menina, filha da senhoria de Garfe, foi com sua mãe para um Recolhimento de Braga, e por lá estão, segundo ouvi contar.

— Pois, meu bom pai,— tornou o filho de Carlota—

se poder descobrir as creanças, nas circumstancias em que me conheceu, ou em melhores ainda, eu desejára, antes da nossa ida para Londres, deixar-lhes algum soccorro.

— Bem hajas, virtuoso mancebo! — exclamou o cego beijando-lhe a face — Só assim podias dar-me alegria, ao cabo da negra narração que te fiz; pois que assim movi a tua caridade a favor dos pobres innocentes. Vou encarregar a tua Eulalia de os procurar. Verás como o anjo encontra depressa o esconderijo dos desgraçados...

— Em Rendufinho?

— Eu sei lá, filho!... em Rendufinho e onde acontecer.

— Pois então, irei eu com ella ámanhã n'essa romaría.

XVI

Os noivos, ao alvorejar de um dia de julho, sahiram da Povoa. Iam taciturnos, porque Manuel Vieira não podia disfarçar a sua amargura desde aquelle espectaculo hediondo da abjecção de seu pai. Eulalia não sabia distrahir-lhe o animo da meditação intima que o inleiava.

— Se assim havias de soffrer entre nós, Manuel — disse-lhe cariciosamente Eulalia — eu antes queria que não viesses a Portugal, e Deus sabe que, ha doze annos, lhe peço que te trouxesse para mim.

— Este soffrimento — respondeu o moço agraciando o aspecto—ainda que eu podesse evital-o, procural-o-hia sabendo que existia a causa d'elle. Maior seria a minha dôr, se depois de eu estar em Londres comtigo, soubesse que estavam aqui um velho e umas creanças em miseria sendo eu, perante Deus, filho e irmão d'esses desgraçados.

Assim praticando, em assumptos tristes, aquelles dois

noivos, ao repontar o sol de um dia tão inspirativo de namorados dizeres, chegaram a Rendufinho.

Manuel parou á porta do padre Bento, e disse a Eulalia que fosse a casa do alferes de Cima-de-Villa averiguar da existencia das creanças.

— Pois tu vais fallar com o padre!? — perguntou ella com espanto.

— Vou, minha querida Eulalia; vae tu á missão dos innocentes, que eu cá vou á do reprobo.

Apartaram-se.

Entrou Manuel em um largo pateo, que já não tinha porta, nem instrumento algum de agricultura. Olhou para uma escaleira de dois degráos que levavam á cozinha, e lembrou se de ali estar sentado dezoito annos antes, á espera de uma tigella de caldo e uma ração de borôa com que, aos domingos, a mãe do padre favorecia de má catadura o filho da sua defuncta criada.

Subiu um escadoz de boa cantaria que conduzia ao patim das salas da casa, sobrepostas á cozinha e quartos dos criados. No patim estava um chapéo braguez esgarçado do uso, e um varapáo no pavimento. A porta que abria para o interior, lascada nas almofadas, e desengonçada, estava meio aberta. Bateu Manuel duas vezes na porta, e pediu licença para entrar, depois que lá de dentro uma voz rouca e estrouvinhada lhe perguntou quem estava alli.

— Entre quem é.

Entrou.

Viu um homem vestido sobre uma enxerga no chão, em uma vasta quadra com oito janellas de peitoril todas abertas.

Era seu pai.

Sentou se padre Bento na enxerga, esfregando os olhos, que a brilhante claridade do sol parecia offender-lhe.

— Não conheço — resmoneou o padre, desconfiando que fosse aguasil do juiz de fóra a intimar-lhe alguma citação inutil.

— Eu sou a pessoa que hontem acompanhava o seu amigo João Verissimo — disse Manuel com a voz não firme.

— Hontem?... ah!... bem me lembro... bem me lembro...

E, dizendo, ergueu-se da sordida cama, sacudindo as arestas de palhas moidas que lhe prendiam á roupa encodeada e rôta.

— Então V. S.ª é destes sitios? — proseguiu o padre, reformando mais gratamente as suas conjecturas, e figurando se-lhe já aquelle homem algum ricasso que se compadecera de sua miseria, referida pelo cego.

— Sou de Rendufinho — respondeu Manuel.

— De Rendufinho? Então de que familia é?!

— Não tenho familia, sr. padre Bento. Sou filho de Carlota das Courellas.

Padre Bento fixou o de tão estupefacta maneira que parecia não o ter ouvido, ou estar em duvida da lucidez de sua razão, poucas horas antes apagada na embriaguez.

Manuel proseguiu:

— Sou aquelle rapazinho que ha treze annos lhe pediu auxilio para ir agenciar sua vida, depois de ter sido habilitado para o trabalho pela caridade de João Verissimo Vieira.

E, como o padre sobre-estivesse em sua como estupida fixidez, Manuel perguntou:

— Tem de mim alguma recordação?

— Sim, senhor — respondeu o padre, abaixando a cabeça, e declinando para o pavimento os olhos spasmodicos.

— Poder-me ha dizer se minha desgraçada mãe mentiu, quando, á hora da morte, declarou que eu era filho do sr. padre Bento Ribeiro?

O padre levantou as duas mãos descarnadas ao rosto e murmurou:

— Não mentiu... — E com a voz arrancada de impeto, mas convulsa e não sei que de medonha, continuou: — Se sabe quanto eu tenho sido castigado pelo céo e pelo inferno, não venha atormentar-me, senhor! Olhe que eu peço com as mãos postas aos meus inimigos que me matem ou me embriaguem para apagar estas brazas vivas que me queimam! Vendi a ultima cadeira, o ultimo lençol e venderei a ultima camisa para vinho. Só posso adormecer, quando venho de rastos para esta enxerga, com o corpo moido das quedas e a cabeça aturdida. Sou o homem mais perseguido, mais castigado e mais odiado que se creou n'este mundo! Fujo d'esta casa assim que a mão do diabo me agarra pelos cabellos e me acorda em meio d'esta miseria. Fujo da maldição das minhas victimas, mas a toda a parte me segue isso que chamam Deus, esse punhal que me entrou pelo peito dentro até me arrancar da consciencia lagrimas de sangue. Eu fui malvado como muitos homens que conheço ricos e tranquillos. Deitei á perdição mulheres, é verdade; mas achei muitas perdidas por uns devassos afortunados que hoje me insultam... O pri-

meiro remorso de minha vida é essa desgraçada em quem o sr. me vem aqui fallar... Deus perdôe a minha mãe que a expulsou d'esta casa, e me forçou com a sua auctoridade a desprezal-a... Mas, se ella disse que o seu filho era meu filho, se o sr. é essa creança que eu desprezei, não diga a ninguem que eu sou seu pai, já que eu tambem o não disse. Não receie que eu o envergonhe com a minha deshonra. Vá tranquillo, e não queira saber em que parentesco está commigo que sou de todos os meus parentes desprezado como um leproso!

Tinha rebentado sem paragem a torrente das palavras, acompanhadas de gestos vertiginosos. Da extrema devastação d'esta alma, como de um paul fétido, sahiam umas fosforecencias de luz sinistra que revelavam a força inspirativa, o milagre das intranhadas angustias.

Havia o que quer que fosse de estranha lucidez intellectual n'este homem, havido por boçal.

Manuel Vieira, quando o fôlego da declamação cessou, e o padre, esvahido de forças, se encostou á portada de uma janella com as lagrimas estancadas nas escamosas fendas da herpes, aproximou-se d'elle, tomou-lhe a mão, e disse-lhe:

— Não vim exasperar-lhe as suas dôres, que creio serem enormes. Venho pedir-lhe que receba de um filho da Carlota das Courellas soccorros, que não aviltam, e as palavras de alento mais valiosas que o pão que sustenta o corpo como carcere da alma atormentada. A sua regeneração, senhor, deve principial-a esta palavra FILHO. Eu não me envergonho de chamar lhe pai. Se Deus me der força, virtude e auxilio do céo para poder levantal-o do seu abysmo heide ter orgulho, e não desdouro, em dar-lhe o nome de pai. Diga-me, senhor, tem

tido momentos de se contemplar com horror? tem desejado que a sorte, o acaso, ou a divina misericordia lhe abrisse uma sahida d'esta voragem a que o despenharam as desordens da sua vida? Quer que eu o salve, meu... pai?

A vehemencia fervorosa d'esta supplica incutiu tamanho abalo na quebrantada compleição d'aquelle precoce velho, que os joelhos se lhe dobraram, e o tronco abateu, sem que Manuel podesse amparal-o na prostração. Ajoelhou o filho á beira d'elle, e viu de perto, assim compadecido quanto aterrado, a deformidade d'aquelle rosto, aonde as proprias lagrimas, tão bellas até na cara do criminoso, eram, esqualidas em semblante assim cancerado.

N'este lanço, Manuel ouviu a voz de Eulalia, conversando no pateo, de modo que podesse ser ouvida. Sahiu ao patamar, disse-lhe breves palavras, escutadas pelo filho do alferes de Cima-de Villa, o condiscipulo do orfãosinho por elle repulsado da escola de João Verissimo. Ia agora comprimental-o em companhia de Eulalia, com os braços abertos e o coração nos labios. A esposa de Manuel desandou sem demora, caminho de casa, a cumprir as ordens do marido. O filho de Tiburcio desejaria fazer companhia ao seu velho amigo; mas, segundo confessou, seu pai o prohibira de embarrar com o padre, que estava excommungado pelo arcebispo de Braga, e de mais a mais atacado de lepra.

Manuel approvou não só os escrupulos, mas tambem a hygiene do filho de Tiburcio, e verteu lagrimas interiores, por que sabia que este filho submisso ás ordens de seu pai não lográra ordenar-se de clerigo á conta das pessimas informaçoens de *vita et moribus*, dadas por

um vigario que, não achando hyperbole sobeja o comparal-o com o padre Bento da Mó, o irmanára com o proprio diabo.

Tinham decorrido duas horas, quando um carrejão, vindo da Povoa de Lanhoso, entregou a Manuel Vieira um fardo, contendo roupa de homem. Saiu Manuel ao patim, em quanto o padre Bento Ribeiro vestia o melhor fato de seu filho.

Fóra do quinteiro da casa estava um grupo de visinhos attrahidos pela noticia que a gente de Tiburcio divulgára.

Dissera-se que o filho da Carlota das Courellas, de quem muita gente se lembrava, chegára muito rico lá do cabo do mundo, e viera a Rendufinho visitar o pai. Sem embargo da excommunhão prelacial e da pegadiça lepra, os curiosos agglomeraram-se no terreiro por onde os dois deviam sahir.

Padre Bento, como lá os avistasse, disse ao filho:

— Eu sou um homem desprezado e maldito. Receio que esta gente lhe escarneça a sua caridade. Vá, que eu, á noite irei procural-o.

— Que tem que me escarneçam? — objectou Manuel Vieira. — Eu passarei humilde por entre elles, como ha vinte annos, quando lhes pedia o pão.

E, ao sahirem, Manuel, tirando o seu chapéo, e voltado para o grupo dos mais idosos, proferiu estas palavras:

— Entre as pessoas a quem fallo devem estar algumas que me mataram á fome, quando eu lhes rogava o que se pede a Deus: *o pão de cada dia.* Hoje procuro ser util ás pessoas que me soccorreram, quanto cabe em minhas forças. Se alguem, na posição infeliz em que vim

encontrar este homem de quem recebi esmolas, precisar de mim, dê-me a satisfação de lhe offerecer o meu auxilio.

Os circumstantes olharam-se com reciproco espanto e, até certo ponto, vaidosos da attenção do «brazileiro». E, logo que os dois desappareceram na revolta do caminho, o individuo mais circumspecto do rancho, disse com geral applauso:

— Queira Deus que o excommungado não torne cá!

E o mais gracioso accrescentou:

— Vossês verão que o vinho vae descer a cinco réis o quartilho.

E uma mulher mais velha e bem reputada em bons costumes, ajunctou:

— Se elle tambem levasse cá da aldeia os filhos, essa má raça que por ahi ficou... Má mez p'ra elles que tem mesmo a cara empeccadada do pai!

— O' sanctinha! cale-se lá que dois são seus netos!... — disse um veterano de má catadura que, superior ao contagio dos anathemas e das epidermes escariadas, costumava avinhar-se com padre Bento, e leval o ás costas a casa, quando a caridade podia mais que o vinho.

XVII

Era, por tanto, um quasi miraculoso amor filial o de Manuel Vieira áquelle ebrio maltrapido que o havia abandonado á miseria? Havemos de crer na sancta efficacia do sangue corrupto do pai, transfundido nas veias do filho, e logo defecado de peçonha até ao extremado ponto da virtude filial?

Perguntas sensatas a que os novellistas em geral não respondem lá das alturas defesas da fantasia; mas ás quaes eu, que nunca me dispendo em chimeras nem me namoro de maravilhas destoantes do natural, responderei, como se me antolha a verdade.

Manuel Vieira, se o homem que lhe apontavam pai, mantivesse os bens e a posição em que o conhecera, olharia n'elle com a indifferença e menos-preço que distanceia duas pessoas que nenhum vinculo de parentesco entrelaça. Elle mesmo já se havia espantado, quando menino de entre doze e treze annos, da frieza e nenhum intimo abalo que sentira ao defrontar-se com o homem

a quem poderia dar a sacratissima invocação de pai. A compaixão, que o moveu, explica-se com dispensados estimulos secretos do sangue, impulsores de mera convenção que nada tem genial em si, e acaso se desenvolvem com o artificio da educação da dependencia e da reciprocidade dos affagos. Tristissimamente o conhecem e asseveram os que tem filhos, e os lavam com suas amorosas lagrimas. Não ha comparar o que é amar um pai seu filho, com que é a docilidade ou timida, ou interesseira do filho ao pai. Aquelle tem de Deus o destino de levar por sua mão a creancinha desde o berço até ás veredas escabrosas da vida adulta. Chegado ahi, o conduzido nem sempre dá o abraço de gratidão no seu guia, nem faz uma pausa, discorrendo com a saudade pelas solidoens onde deixou um velho. Eil-o que fica o honrado escravo do dever, o pai, que em idade moça e sedenta de prazeres menos revezados de amarguras que os contentamentos paternaes, começára sua velhice, devotando-se ao egoismo de seu filho. Não arguamos, por isso, a ordem divina destas coisas da terra, apparentemente desconcertadas. A mãe, esta sagrada esmeralda que rutila nas escuridades do mundo, este favo de delicias em que até o agro das lagrimas é doce, a mãe seria como a ave que ensina hoje os filhos plummejados a esvoaçar-se e que ao luzir da aurora de ámanhã os não verá, nem, se os vir, os ha de conhecer: seria como todas as mães da immensa natureza procreadora se a providencia lhe não esculpisse na alma o dever de cobrir com seu regaço cada abysmo por onde se haja de deslisar o pé do seu filho tantos annos innocente, tantos annos ignorante, e ao cabo, quando lhe alvorece o espirito, por si mesmo se despenha, desviando de repel-

lão o estorvo do braço maternal. Ah! Deus permittiu qne a hyena abandonasse os filhos no berço, por que o viver das féras é por antros e desertos onde o homem, se passou, passou fugindo, livido de horror, e as aves novas, lá se vão desferindo por esse céo fóra, sósinhas, sem mãe, sem conselho, por que o homem ainda lá não pôde ir perturbar-lhes as suas serenas regiões. Recolhamo-nos de divagações improprias d'este humilde trabalho.

O intento a que apontamos o discurso não precisa forragear por searas de moralistas. E' uma verdade sem atavios: queremos dizer que Manuel Vieira, recolhendo seu pai, indo buscal-o ao seu fôjo de fera d'onde a piedade fugia, e levantando-lhe a excommunhão no acto de offerecer a Deus, como desconto nos crimes do infeliz, a sua devoção de o amparar, praticou uma virtude christan, espontanea e absoluta; porém, se philosophica e philantropicamente lhe dissessem os moralistas que lhe corria o dever de soccorrer o padre Bento, por que entre este homem e uma certa mulher se formára um ser desprezado, que ao estilo humano se chamava «filho» e como tal — pois que não era geração espontanea, devia tomar em seus braços a opprobriosa miseria de seu pai — se tal lhe dissessem, Manuel Vieira, sem impedimento do seu bonissimo temperamento e longo tirocinio de paciencia, mandaria os seus conselheiros ensinar o respeito e gratidão que tão sómente devem os filhos aos pais, que os crearam em seus braços, e por amor d'elles ás proprias mães negaram as caricias e o melhor do seu coração.

E, como a magnanimidade d'aquella alma abrangia ainda mais que os recursos da fortuna, Manuel Vieira

estipulou mezadas modicas, segundo a condição de suas mães, a seis creanças que tantos eram os filhos de padre Bento Ribeiro, posto que seus inimigos o diffamassem de pai de toda a creação de Rendufinho, exceptuados os filhos dos diffamadores.

Padre Bento recolhido a casa de João Verissimo, esteve como atrophiado moral e corporalmente uns dias. Privado do estimulo do vinho, aquelle corpo intorpecido resentiu-se da falta de vitalidade e da vertigem que faz obedecer o musculo ao cerebro escandecido. Diante do filho parecia vexado e constrangido. Enthusiasmos de pai não os sentia, e os da gratidão parece que a vergonha remordente lh'os entibiava em vez de lh'os afervorar na proporção do seu descaroado proceder com Carlota e com seu filho. A convivencia de João era-lhe mais aprazivel e facil que a de Manuel. A'quelle confessava-se, chorando suas vilezas; ao filho, não. Manuel esquivava-se a praticas por onde as recordaçoens viessem, e tudo quanto dizia a seu pai era cautelosamente desligado de idéas retrospectivas.

No termo de um mez, a regeneração moral de Bento Ribeiro manifestou-se completa e de mais a mais seguida de sensivel restauração da saude. Quando este homem sentiu a felicidade sem o vicio, e o despertar sem uma visão perversora que o indultasse das torpezas da vespera, tambem sentiu os primeiros alvores da religião, e o compungimento da culpa, sem o qual não ha base solida em alma que se refaz das ruinas de outra.

Por ventura d'elle e de Manuel, as primeiras lagrimas purificantes que verteu foi aos pés de um monge do mosteiro de Bouro onde passou tres semanas, confessando todos os peccados de sua vida.

N'este em meio, Manuel Vieira recebeu como esposa à filha de João Verissimo, e deu-se pressa em transferir-se com sua familia para Londres, onde o chamavam com instancia cartas successivas de Anna Bearsley, rogando-lhe que se não demorasse. Preveniu Manuel seu pai do dia da sahida, esperando que elle deixasse o mosteiro de Bouro. O padre sahiu com effeito; mas, colhendo nos braços extremosamente o filho, pela primeira vez, lhe deu aquelle nome, dizendo com entrecortadas vozes:

— Dou-te hoje o nome que não ousára dar-te a minha alma cheia de fel e podridão. Avisinhei-me de Deus pelo remorso de meus enormes crimes, e só então pude comprehender-te, filho do meu coração, anjo bemdito que me Deus enviou para me redimir de dois infernos. Resgatado por ti, não tenho que esperar mais nada da tua missão, a não ser a esmola com que eu possa comprar o direito a uma sepultura na claustra do mosteiro de Bouro, entre estes frades que me acolhem e amam pelo divino amor de Deus. Vai tu com a nossa virtuosa familia para Londres, que eu ficarei pedindo a Jesus Christo Senhor nosso que vos encha da virtude que abre os thesouros da riqueza eterna. Com lagrimas te rogo que ampares todos os desgraçados, e, entre esses, teus irmãos, para que elles me não accusem perante Deus nos clamores da sua indigente orfandade. Tenho quarenta e sete annos, meu filho. Despeço me de ti com o presentimento de que ainda te hei de ver antes do meu fim. Sinto-me a recuperar as forças, e a mocidade do espirito renascido. Viverei para rehaver na penitencia a dignidade da alma que a misericordia divina poz em tuas mãos. Quando voltares com teus fi-

lhos, os meus braços podel-os-hão abraçar sem aviltamento d'elles; e, se ao tempo da tua volta, eu estiver no tribunal divino, pede a teus filhos que roguem ao Senhor por mim.

Manuel não contrariou a deliberação ascetica de seu pai. Liberalisou-lhe meios para se dotar no mosteiro benedictino, e deu-lhe o ultimo abraço na portaria do convento, confundindo as suas lagrimas com as do noviço a quem a communidade venerava como grande victoria da religião sobre Satanaz.

A virtude de Manuel não era citada como subsidio na regeneração do padre Bento da Mó. Longos annos a conversão de fr. Bento das Dores da Virgem foi attribuida a um painel das almas que a mãe do precito rehabilitado mandára pôr á entrada de Rendufinho. A virtude natural e humana é sacrificada sempre ao maravilhoso: prova da nenhuma confiança que o homem concede á sua especie. Reconhecemos o poderio do ouro: exaltamol o até operador de milagres; mas do valor da alma, em actos onde revê influxo do céo, não fiamos nada.

XVIII

Logo que chegou a Londres, e aposentou sua familia no palacete desoccupado da rua Thames Street, Manuel Vieira foi a Westminster comprimentar seu patrão, e saber o motivo da chamada de miss Anna Bearsley.

Apenas entrado ao aposento de Roberto, exclamou o velho:

— Que me diz vossemecê á morte de Johnson Fowler.

— Pois Johnson morreu?! — exclamou Vieira — Ha duas horas que cheguei a Londres e nada sei, por que em rasão de ser dia santificado não achei alguem que me informasse,

— Ahi tem o *Morning Chronicle:* veja a historia d'esse ladrão punido, e saiba que Philippe Chesterfield mandou entregar-me dinheiro e valores excedentes a 50:000 libras.

Leu Manuel com offegante interesse a historia que ficou referida, desde a chegada do filho de lord Ches-

terfield ao Gran-Pará até á sua volta para Inglaterra com a maior parte dos restaurados haveres dos Bearsley, não se omittindo, para escarmento de francezas dissolutas, a figura que Bertha, condessa de Beaulieu, tivera n'aquelle funesto romance.

— Muito folgo — disse Vieira — que voltasse a esta casa, com tão nobre missão, o sr. Philippe Chesterfield, e que o sr. Bearsley se haja esquecido das phrases com que mutuamente se magoaram.

— Esse fidalgo — volveu Roberto, ainda beliscado no seu orgulho de commerciante honrado — não se dignou perdoar-me até agora. Continúo a ser para elle o plebeu que o offendeu na sua inteireza; e elle orgulha-se de ser para mim o heroico, posto que eventual, recuperador das minhas 50:000 libras. Os fidalgos, até castigando, são fidalgos. O' orgulho humano! ó insectos que rojais á volta do chão lamacento da campa a enodoar os arminhos que vestis como titulos de immoralidade... ó soberbos!...

— Seja tão justo nas palavras como é na consciencia, sr. Roberto — contraveio o guarda-livros. — O sr. Chesterfield tem a soberba que até n'um plebeu seria bem cabida.

— Como assim! vossemecê, se eu me houvesse enganado com o seu excellente caracter, repulsaria a satisfação que eu lhe offerecesse?

— Acceitaria a satisfação; mas o officio que occupo resignal-o-hia sem mancha aos pés do sr. Bearsley. O homem, que inspirou suspeita desairosa, embora lhe reparem o credito com a renovada opinião, cahiu uma vez aos olhos do seu injusto juiz. A honra violada é honra ferida. Eu por mim, sr. Roberto Bearsley, alcunhado de

infiel em um chelim por meu patrão, não acceitaria a reparação do credito, com um milhão de libras por indemnisação, sob partido de ficar no serviço de sua casa.

— Oh!—regougou o velho, com intima satisfação do alto ponto de probidade do seu caixeiro.

— Mas não ha analogia alguma da minha hypothese com as desavenças passadas entre o sr. Bearsley e o sr. Chesterfield. O fidalgo foi ferido na sua licita vaidade por que o sr. Roberto o arguiu de mentiroso. Parentes e amigos instigaram-no a suffocar o coração nas presas do orgulho. Assim o fez. Adorando miss Anna Bearsley, mostrou-se mais digno d'ella quando immolou a felicidade de ambos ao primor de sua dignidade; porém, como o seu amor era menos convencional que a dignidade das raças, aconteceu que, volvidos mezes, Philippe, já quando miss Anna Bearsley era pobre, me encarregou a mim de pôr aos pés de sua sobrinha o coração e o orgulho, um por que amava devéras, o outro por que não podia ser calumniado de quebra, logo que a submissão tivesse mais nobre escusa que os milhões de sua esposa.

— Eu não soube isso! — atalhou o inglez maravilhado.

— Se o não soube, mais nos cumpre exalçar a virtude de miss Bearsley. Eu advoguei perante sua sobrinha o cavalheirismo do sr. Chesterfield, mas esta nobre senhora redarguiu que seria sua mulher, quando elle se lhe egualasse na insignificancia dos haveres.

— Ignoro tudo! — volveu Roberto, erguendo se agitado, e ao mesmo tempo jubiloso do decoro de Philippe e da heroica hombridade da sobrinha.

Volvidos instantes, parou, fitou com alegre áspeito o guarda-livros, e disse:

— Parece-lhe, sr. Manuel Vieira, que Chesterfield sustentará ainda a resolução de esposár minha sobrinha?

— Elle foi viajar para esquecêl a; e, se voltou...

— Esqueceu a...—atalhou Roberto.

— Não, senhor; a mim figura se-me que no animo d'este senhor entrou a esperança de ser esposo de sua sobrinha quando a fortuna a livelasse á altura d'elle, já que não seria natural que elle se impobrecesse até se livellar com miss Anna Bearsley. Voltou cedo de mais para a ter esquecido; voltou por que lhe competia ser o portador do roubo, tanto mais que as desventuras d'esta casa prendem com a proposta de casamento feita por William Dodd, d'onde procedeu o ciume de Johnson, a perdição do perceptor de Philippe, a falsificação das letras, etc. Estou que o sr. Chesterfield, entrando nos cofres do sr. Bearsley com 50:000 libras, tirou de sobre a alma um equivalente peso de amargura. Bastantemente sabia elle que os infortunios d'esta casa começaram na torpe emulação de Johnson...

— E, talvez, a compaixão o movesse a esposar minha sobrinha... — ajuntou o velho, ressabiado ainda da philaucia plebea, a mais superciliosa e sensitiva de todas as vaidades.

— A compaixão — redarguiu o guarda-livros — inspira-se das desgraças, manifesta-se na caridade, e não anda a requerer ás senhoras na posição de miss Anna Bearsley que se dignem acceitar a esmola de um marido que tem um dos primeiros nomes de Inglaterra.

Fez Manuel Vieira longa pausa, e proseguiu sorrindo:

— Não diz bem com a minha humilde posição esta mensagem de casamenteiro. A parte que tive na tenta-

tiva do sr. Chesterfield acceitei-a porque era nobilissima; e, se a resposta me pareceu por demasia especiosa, hoje vou entendendo que o pundonor em Londres não faz sempre grande caso das regras da equidade, e muitas vezes transcende as fronteiras do capricho. Não posso, pois, tornando á pergunta do sr. Bearsley asseverar que o sr. Chesterfield sobre esteja na deliberação de casar com miss Anna. Todavia ..

N'este momento entrou miss Anna; Vieira, como se a não visse, proseguiu:

— Todavia, se me auctorisam a consultar o sr. Philippe Chesterfield...

— Está tão entretido — interrompeu a ridente menina — que nem me dá os bons dias depois de tres mezes de ausencia, sr. Vieira!... Amanhã vou ver sua senhora, sua sogra, e o céguinho que tantas vezes tem povoado as novellas da minha phantasia. Sabe que o primeiro especialista das enfermidades de olhos é o doutor Fletcher North? Ha dias o convidei a examinar o seu céguinho...

— Beijo-lhe as mãos, miss Anna Bearsley.

— Quizera que tivesses ouvido, menina, o dialogo que vieste interromper — interveio o tio.

— Ouvi as ultimas palavras. O sr. Vieira pedia auctorisação para consultar Philippe. Eu, por minha parte, daria da melhor vontade auctorisação ao sr. Vieira, até para dirigir o meu destino, sem receio de me desencaminhar do trilho do dever; quanto ao da felicidade, esse sabe Deus quando a virtude lá encaminha os que o seguem. Não precisa, porém, o sr. Vieira consultar Philippe. Eu sou quem venho consultar a vontade de meu tio, apresentando-lhe esta carta agora mesmo recebida,

Revia o contentamento no rosto do velho. A carta era ingleza de lei. Nada de paixões indomitas, nada de phrases de insano delirio. Sentimentos moderados, e palavras austeras. Uma carta de amores pudentissimos para uso de meninas de coro e galans que submettem a correcção grammatical aos seus capellães. Mas tudo aquillo a vaporar já de antemão o perfume da domesticidade ingleza, as prelibações do chá preto, a mesa acharoada de Hong-Kong á beira do fogão, os silencios embevecidos em suave meditar, a dulcissima transfusão de duas almas em uma só radiada por dois corpos que se desentranham em rancho de creanças louras, lindas, de neve e purpura, de olhares que resplendem o azul do ceo, e se intendem com os anjos no segredo da suprema alegria da familia ingleza.

Ah! essa doce arte de bem viver tão vulgarmente realisada em Inglaterra, não era mais que sonho febril n'aquelle preclaro espirito de Chesterfield!...

O casamento foi-lhe um vestibulo florido, uma avenida de delicias para as regiões mysteriosas de alemmundo. A fragil compleição de Philippe deteriorou-se na viagem ao Amazonas. Invelhece rapidamente o corpo fraco onde se debate uma alma poderosa. A vida é o equilibrio de dois actores que não vivem á custa um do outro. Lá, n'esses paizes onde refinam as idealidades, constrangidas por severa pausa, não ha o desafôgo da paixão que se desata e ata com larga trela de desvarios. Um amor profundo e desditoso é uma brasa intima, que lavra e abrasa, porque o inglez não chora. O instincto ensina lá o suicidio quando um dissabor mediano enluta a vida; é porque a previsão da agonia lenta anto-

lha-se áquelles que se lhe furtam, emquanto a coragem de se matarem lhes não falece.

Quando elle e miss Anna se entreviram na vespare do casamento, a noiva sentiu trespassar-se lhe a alma de um frio de morte que empallidecia as faces do seu tão querido Philippe; mas o noivo não se queixava, os seus olhos scintillavam, o sorriso era sereno e bello como o do justo adormecido.

Depois de casados, mudaram residencia temporaria para Chesterfield, e ahi, ao fim de cinco mezes, aquella desditosa senhora, que até á ultima hora confiára em Deus e no simulado alento do marido que a si mesmo se enganava, viu-o expirar na mesma hora em que projectavam transferir-se a Florença.

XXIX

Ha corações com descompassado folego de caridade.

Dos d'esta fibra, creio que dois, ou talvez mais, em sensiveis peitos das pessoas que vão lendo isto, se tem lembrado da sorte d'aquella Laurentina que viu cahir o amante ensanguentado. Perguntam se a miseria, arrastada a casa da familia, foi flagelada na alma, na carne e nos ossos.

Gostariam esses benevolos corações saber que ella fez penitencia, ciliciou os rins, adelgaçou o musculo tentador com asperrimos jejuns; e se alfim, morreu em bom cheiro, e tambem tem, como Bertha de Nieuport, uma lenda de jacarés.

Não, consternados peitos, não!

N'aquella arvore de geração dos Catanias, ramo que seccasse de podre, não se esgalhava nem podava. Os costumes d'aquella familia, bem deprehendidos das revelações do citado bispo do Grão-Pará, eram azados de molde a não podermos, sem esforço da poesia lugubre,

deploravel a sorte d'aquella fugidiça menina que cantava umas cantilenas offensivas da pudicicia do sargento-mór de Bragança. Declinarei de mim a imputação de aleivosia assacada á memoria das senhoras Catanias, trasladando das «Memorias» de D. Fr. João de S. José Queiroz algumas linhas biographicas d'aquellas damas,

«A 2 de Janeiro (vem historiando o bispo em lingua-«gem que tresanda a folhetim, pag. 175) descemos pelo «mesmo Garapé (freguezia de S. Miguel do Guamá) e «havendo de ir seguindo, depois de sair ao Guamá, o «rumo d'este rio, impediu o intento o seguinte succes-«so: Cortava uma canôa bem esquipada ligeiramente as «aguas, e endireitando á prôa, conheci n'ella um moço «estudante do Pará, que, passando á canôa em que ia-«mos nos entregou cartas do nosso provisor, em que nos «dava conta de uma intriga e das providencias. E' caso «que poderá servir de instrucção ao leitor *(de instrucção! «credo!)*. Na cidade de Belem ficaram orphãs de pai «duas moças.

«Chamemos Lauriana uma, e Nize a outra. *(Hon-«rada pseudonimonia!)*

«Sua mãe passou a segundas nupcias com o mais «miseravel homem que se conhece.

«Tractava elle descaridosamente as duas enteadas; «de sorte que, morrendo elle de pura mingua, por não «gastar, parecia querer que a familia expirasse na obser-«vancia de tão impracticavel dictame. As moças, deses-«peradas, fugiram de casa; e, levando as a mãe para «uma rossa, teve o desaccordo de as conduzir a casa «de um seu irmão semi-barbaro (homem que matava «escravos com açoutes) para que lhe castigasse as filhas. «Achou-se o homem no seu elemento; e, sem recato do

«sexo nem attenção a umas donzellas creadas com aceio, «e já crescidas pois uma passava de vinte annos e outra «de dezesete, despindo-as em publico, as açoutou com «um nervo de boi — Costumes dos tyrannos de Roma «no gentilismo antigo, semelhante ao do Pará, menos «em polido.

«Fugiram as moças de tanta feridade, e aggravadas do «rigor foi muito natural acceitarem no disfarce da com-«miseração as expressões de affecto com que tentaram «insinuar-se compassivas pessoas que não nomeamos. «Entre os que tiveram, com celebres pretextos, audien-«cia particular, foi um ecclesiastico, *o qual* (1) achando-«se em conferencia com uma, a mãe, que estava em «Belem, recebendo avisos, mandou indios com ordem «de bater em quem achassem. Dizem que o tal benefi-«ciado tivera a fortuna de se escapar com vida; mas, «sempre sacudido com pesada mão, entregou á ligeireza «dos pés desviar-se do que tinha merecido a levêza da cabeça.

«Aqui se deve fazer uma reflexão: ha quem creia «que o clerigo não foi quem mamou a surra: dizem «que foi outro que no mesmo tempo se sangrou. Se «foi, era dos oppositores. O certo é que o clerigo mos-«trou o corpo a pessoa grave no seguinte dia, e não ti-«nha signal de pisadura, sendo que as pancadas foram «rijas. Como, porém, houve escandalo e mais algumas «circumstancias, paternalmente o admoestamos e tive-«mos preso na Barra, não entrando em mais averigua-«ções por motivos que tivemos para isso, desapparecen-

---

(1) Não se siga, n'esta passagem, a grammatica do sabio monge de S. Bento, nem tão pouco os exemplos d'*o qual.*

«do as moças de repente, e uma terceira que vivia com «ellas.

«Na vespera de sahirmos para a visita tivemos aviso «de que ellas estavam na cidade; e, mandando-lhes uma «intimação para se recolherem a casa de sua mãe, es«condeu-se uma em casa de um cafuz e outra na casa «de um beneficiado. (1) *Deixamos ordem ao doutor* vi«gario geral para dar providencias. Achando a primeira, «depositou-a em casa honesta; á segunda, porém, cus«tou a arrombar-lhe as portas, á força de alavancas, com «ajuda da tropa, por ordem do general, achando-se fi«nalmente *(bom lance de estylo episcopal!)*, se não afo«gados n'agua como Hero e Leandro, como carrapatos «na lama e na immundicie do seu peccado até ao pes«coço: assim foi, por que mettidos em um lago de tar«tarugas, só appareciam as cabeças. Tiradas fóra, man«dou o vigario geral entregal-as a sua mãe. Iam ellas na «canôa que encontrei, e quem me deu as cartas era o «irmão d'ellas. Como não quiz acompanhal-as, nem per«mitti fossem em conserva, deixei navegar as sereyas...

«No dia seguinte, visitamos o oratorio da mãe d'ellas, «chamada Clemencia de Catania, a quem não quizemos «fallar nem vel-as a ellas. Pelo soldado que governava «a canôa, em que se restituiam á rossa, mandei ordem «para que o clerigo, visto necessitar tanto de remedios, «os fosse tomar para a Barra, preso na casa forte d'ella, «sem liberdade de passeio á muralha.

«Deixámos o jantar que nos preparava a sr.ª Clemen«cia de Catania, e fomos visitar, etc.»

---

(1) O impresso diz: *Achamos ordem do doutor;* etc. Emendei, confrontando com o manuscripto autographo que possuo.

Razão tinha o bispo em se temer e fugir das duas meninas como de sereyas.

Logo adiante a pag. 195 das suas *Memorias*, e oito dias depois de as haver tractado com tamanho desprezo, escreve o prelado paraense: «Pelas tres horas da «tarde, cheguei á Casa-Forte ou Villa de Ourem .. e «chegamos ao sitio de Padre Gabriel... Aqui veio a «mãe das duas moças em que fallei, trazendo-as em sua «companhia. Fallei-lhes na capella, disse-lhes o que de«via, e despedi-as, com brevidade e contentes, por que «lhes prometti que seria soldado um irmão de quem «justamente viviam aggravadas, e com effeito está no «serviço militar.»

Feiticeiras ou não?

Pois aquella que deixava ver a formosa cabeça á flôr d'agua no lago das tartarugas, era a Laurentina de Johnson Fowler, seis annos mais velha do que o bispo a vira, porém mais alindada de graças, de artes que lhe esmaltavam o natural, com muita experiencia de coração e de tudo, e já emancipada de sevicias de irmãos, ou de mãe cujos odios ás galanterias das filhas eram posthema de ciume que ella tinha dos beneficiados e cafuzes.

Por tanto, não ha motivo para compaixões. Laurentina desembarcou na sua rossa, fechou-se no seu quarto com a irmã e debulhou-se em sinceras lamurias, beijando um collar de diamantes com retrato que Johnson havia descolchetado do collo de Bertha, sob qualquer disfarce, para adornar o seio da satanica americana. E, em louvor de sua isenção, não soneguemos que a sereya do Guamá, quando beijava o retrato, nunca se lembrou que os cincoenta diamantes do collar podiam valer vinte e

cinco mil cruzados, e foi necessario que sua irmã, *Nize* (como o bispo a nomeára) lhe dissesse que os diamantes valiam mais que as duas rossas de seus dotes.

Ao outro dia teve a Laurentina a pungente nova de não ter sido enterrado, mas mergulhado no rio, o cadaver do inglez.

Esta affronta aos restos do seu amado represou-lhe novo açude de prantos para choradeira longa. Era mavioso e lagrimavel vêl-a offerecer gratificações aos indios que lhe descobrissem no Guamá o corpo do seu querido, que ella desejava sepultar na capella da rossa com a possivel solemnidade funebre!

Quando os indios batiam as margens do rio, em cata do defuncto, por ventura enramalhado nas raizes do andiroba e do hóiti, descobriram uma canôa de dois remos, derivando cozida á ourela do rio. Os indios de terra perguntaram cuja era a canôa, e lá de bordo responderam que iam em demanda do sitio das sr.as Catanias. Desandaram os escravos a darem aviso de grande susto para Laurentina que escondeu o collar, aconselhada por Nize, a velhaca!

Entrou a canôa no guarapé, ou enseada que o Guamá fazia até á rossa das paraenses. As cautas damas, atemorisadas da justiça, recusaram abrir a porta, sem conhecerem quem as procurava a deshoras. Um dos dois que occupavam a canôa escreveu pelo tacto uma palavra com a unha em uma folha de sucuabá. Laurentina recebeu a folha com repugnancia, por lhe parecer que andava alli obra de amores mais bucolicos do que o usual na familia. Escrupulisava em acceitar a folha, nuncia intempestiva de algum insulto á viuvez de sua alma. Sem embargo, como era necessario conhecer o atre-

vido que seandava áquella hora classificando a Flora do Amazonas, leu a palavra.

Eis que expede um estridente grito, e logo exclama:

— *Ó Neill!*

— O que? — acudiu Nize — O' Neill! Isso é zombaria!

— E' um ultraje á minha dôr! — accrescentou Laurentina, resolvida a mandar os seus escravos punir os insultadores.

Um dos escravos, porém, que abrira a porta e reconhecera o amante mais recente de sua ama, e de todos o mais generoso, emquanto o companheiro levava a folha, abriu elle a porta ao encapotado; por maneira que, no momento em que Laurentina ia açular os mamelucos ao zombador do infortunio e da morte, Johnson Fowler assomou no limiar da sala, deixou cahir o manto, e disse:

— Ninguem te ultraja, Laurentina! sou eu!

— Tu, tu! O' Neill! — bradou ella, correndo-lhe para os braços, e machucando as palpebras para rasgar as nevoas de um sonho delirante de insania, tal qual como em todos os dramas onde ha esta especie de ressureição.

E elle, pondo-lhe sobre os labios a extremidade de dois dedos, murmurou:

— Falla baixo, meu amor! Estou salvo, estamos salvos, se formos discretos...

— Oh! — tornou ella osculando-o com vertiginoso afogo — mas tu não estás ferido, O' Neill!... Eu vi o teu rosto coberto de sangue...

— Tenho a cabeça ferida... A bala apenas me cor-

ou a carne, mas não feriu o osso. Eu te contarei como obtive a minha salvação... Agora, é mister que, tirante o indio que me abriu a porta, ninguem suspeite que eu vivo. Passados poucos dias, estaremos salvos, minha esposa!

— Esposa! — exclamou a dama com meiguice. — Eu tua esposa, O'Neill!...

— Diante de Deus te juro que o serás, por que o meu sangue foi o baptismo da tua nova existencia, e as lagrimas que choraste chegaram virginalmente puras ao meu coração!

Laurentina acabou por desmaiar; e, quando recobrou os sentidos, disse umas coisas tão jocundas e tolas, que parecia ter os miolos desengonçados.

XXX

A palestra de Johnson com as filhas de D. Vicencia continuou por noite fóra. De vez em quando o hospede chapinhava a ferida da cabeça, e gabava-se de não sentir pontinha de febre. A carinhosa infermeira adheria mechas de fios á chaga, e enfaixava-lhe a testa, amparando-a ao seio aflante de alegria. A intervallos, referiu Johnson a maneira como se escapou. Por abreviar, damos o resumo da narrativa.

O inglez, quando cahiu, conheceu e confessou sinceramente que não estava morto. Deram-lhe impetos de erguer-se e remetter com o punhal ao seu patricio, que o perseguia — contou elle — por vingativos ciumes de Bertha. Melhor avisado, porém, deixou-se ficar no chão, bacorejando entre-aberta de escapulir-se.

Assim que todos sahiram da barraca, exultou; mas minutos depois viu um dos soldados sentar-se á porta, carregando o cachimbo. Tinha dois expedientes a seguir: corromper ou matar o soldado. Optou ensaiar o

primeiro, sem prejuizo do segundo. Ergueu a cabeça, sentou-se muito ás surdas, e meditou no modo de resuscitar menos espectaculoso, receiando espavorir e afugentar a sentinella. Ao mesmo tempo estava o soldado cogitando se o morto teria algum dinheiro nos bolsos. E, inclinado ao mais agradavel da hypothese, resolveu examinal-os, bem que na espinha lhe formigassem calefrios. Observe-se que Johnson Fowler não podia referir ás senhoras Catanias as ladravazes meditações do soldado, ainda que elle, soberanamente infame, devia ter o sexto sentido que penetra o recondito das infamias alheias. Semelhante revelação a fez o escrupuloso soldado, em edade decrepita, e á hora da morte, quando explicava a procedencia das vastas rossas que adquirira.

Referiu elle, em concordancia com o inglez, que, ao tornar brios para espiolhar as algibeiras do defuncto, sentira um gemido, e logo ouvira as seguintes palavras: «Caritativo soldado, se me soccorres, não precisarás mais de servir o rei. Aproxima-te de mim e chega-me um copo de agua-ardente. Beberemos, tu á minha saude e eu á tua felicidade!»

O primeiro movimento do soldado foi engatilhar.

— Não me atires, por que eu por ora sou immortal — proseguiu o ex-defuncto — Não posso morrer, sem cumprir d'este mundo o fadario a que fui condemnado. Se queres ajudar a salvar a minha alma, recebe estas onças de ouro, e dize a quem te poz ahi de sentinella que eu fugi, quando dormitavas, ou que uma galilé de demonios me levou para as profundezas do inferno.

O mamelucro bastante symbolico do exercito da capitania do Grão Pará, aproximou-se de Johnson, que

já estava regularmente sentado, e cravou olhos coruscantes nas peças que lourejavam na mão do inglez.

Pegaram de conversar como duas pessoas viventissimas, com o gomil da agua-ardente de cana, que o soldado forrageára no espolio do sibarita, concorrencia que muito lhes espiritou a cavaqueira, e valeu muito ao curativo do ferimento. Sahiu fóra o indio, e voltou com umas folhas de caboraíba, que espremeu sobre a cabeça escarnada do inglez. Depois, como a luz da madrugada cahisse por entre as ramarias, o soldado, leal em seus contractos e docil á superstição que o dominava, foi esconder Johnson em um cerrado cacoal, e seguiu o caminho de Bragança para communicar a resolução que tomára de atirar o cadaver á corrente. No decurso do dia, levára alimentos ao esconderijo, e á noute o conduzira na canôa do inglez, que ali estava na ribanceira, á rossa das senhoras Catanias. Este homem serviçal, como dito fica, prosperou depois em tanta largueza, que morreu rico; e, por de sobra, ainda salvou a alma, confessando *in extremis* a derivação de bens que já lhe não eram necessarios.

Esmiudadas estas coisas em longa conversação com as damas, veio a ponto perguntar Laurentina ao amado se as suas riquezas tinham ficado todas em casa do sargento-mór. O interrogado desdenhou do roubo que lhe haviam feito, e disse que em toda a parte da terra povoada tinha banqueiros. Para o entretanto mostrou elle um relogio cravejado de pedras inestimaveis, um cabo de punhal de ouro e diamantes, e arrolou nas riquezas communs o collar de Laurentina.

Ao que ella accrescentou, inebriando-o com langorosos olhos:

— E tens a minha rossa, meu amado esposo!

Rapidamente enfardelaram a ligeira bagagem para na seguinte noite irem na esteira de alguma das embarcações de costeagem que em Bragança fazem escala, e d'ali navegam para o Maranhão.

— Desde hoje ávante — disse Johnson a Laurentina — teu marido não é *Josuah Ó Neill;* é um estadista que estuda as confederações, republicas e imperios americanos, e se chama *Jorge Sackville.*

— Mas qual é o teu verdadeiro nome, meu filho? — perguntou a sorrir-lhe meiguices a noiva, que já tinha ouvido, na cabana, chamar-lhe *Johnson Fowler* o inglez que o perseguia.

— O meu nome é legião! — disse elle lembrado da sua biblia da infancia.

— *Legião!* — disse a menina do lago das tartarugas, que se não lembrava de Biblia nenhuma, nem os varios beneficiados lh'a inculcaram — *Legião!* é um nome bem esquipatico, meu amor! Legião... de quê?

— De anjos precipitados! — disse elle dramatisando-se.

— *Abre te nuncio!* Fazes-me medo com esses olhos! — acudiu a requebrada americana com uns magicos tregeitos de vencer legiões.

Abraçou-a muito amorosamente aquelle *estadista,* feito tanto de afogadilho que parecia ser d'uns que em Portugal se fazem.

Bafejou-lhes a sorte no embarque. Boa monção e excellente companhia.

Entre os passageiros distinguia-se um brazileiro de Minas, chamado Joaquim José da Silva Xavier — mais notorio pela alcunha de «Tira-dentes». Trajava insignias

militares; fallava com os diversos passageiros em suas linguas, e revelava copia de conhecimentos hauridos em prolongadas viagens na Europa e Estados-Unidos. Com o estadista Sackville conversava em correcto inglez, e de preferencia se dava com elle, bem que a presença muito frequente de Laurentina nas palestras de Xavier lhe inquietasse o socego. O viajante americano, faccionario exaltado da liberdade dos Estados Unidos, declamava rija e desassombradamente a favor da independencia do Brazil, com applauso do estadista a quem o applaudir era menos arriscado que o denunciar sua ignorancia, discutindo com tão destro adversario.

D'ahi o affeiçoar-se Silva Xavier, confidenciando-lhe planos politicos do maior melindre, e instando o a residir temporariamennte em Minas Geraes, provincia natal do expansivo viajante. Ora, não tendo o estadista itinerario perfixo, senão que andava, no dizer d'elle, perlustrando imperios, confederações e republicas, consentiu na vontade do seu amigo.

Apresentado como homem de estado da Gran-Bretanha, insinuou se na estima do celebrado republiçano José Alves Macieira de S. João d'El-Rei, dos tres poetas Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto e Claudio Manuel da Costa, á volta dos quaes se agrupavam os sugeitos mais distinctos em lettras, na milicia e no arremesso de aspirações. Estes nomes eram o nucleo da conjuração republicaná, acaudilhada por Silva Xavier, o Tira-dentes, que a todos incutia alento com as explosões de sua temeraria eloquencia, sem receiar-se que os acovardados o delatassem. O depositario dos segredos da conjuração e até consultado em traços geraes da republicà ingleza, era Jorge Sack-

ville que, á custa de leituras indigestamente feitas para campar de entendido, logrou enganar a credibilidade dos tres poetas, gente de mais estupida fé que a matroca do acaso atirou á cafraria dos politicos.

O estimavel biographo dos «Varões illustres do Brazil» compendia d'esta arte o accordão dos conspiradores de Minas: «Accordaram em criar uma republica a que se aggregassem as capitanias vizinhas, que quizessem seguir o seu exemplo e a sua sorte; em proclamar sua independencia de Portugal; em usar de uma bandeira com a insignia de um genio quebrando algemas; em franquear aos povos o districto prohibido dos diamantes; em eximir de direitos o ouro e as pedras preciosas; em dar plena quitação de todas as quantias que deviam os particulares á fazenda publica, etc.» (1)

Promettia-lhes o estadista inglez protecção dos Estados-Unidos, onde dizia conhecer de *tu* Washington, Boston e outros coripheus da independencia.

Era então governador da capitania o visconde de Barbacena, que farejava espertamente o fermento revolucionario, de si tão pouco resguardado que até em banquetes se brindava á futura independencia. O coronel Silverio dos Reis, espião do governo, denunciou ao governador que um inglez de appellido Sackville, casado com uma seductora paraense, que alguem reputava amante de Silva Xavier, não era estranho ao conluio revolucionario.

O visconde mandou chamar ao seu palacio de Villa-

---

(1) *Os varões illustres do Brazil*, pór J. M. Pereira da Silva, F. 20, pag. 31 e seg.

Rica o inglez, e principiou lamentando que os vinculos de alliança que felizmente uniam Portugal e Gran-Bretanha, lhe não permittissem usar com um inglez interventor na politica alheia mais severo castigo que uma advertencia á sua razão de homem esclarecido e outra á sua dignidade de marido enganado. Quanto á razão, observava-lhe que se eximisse de ter parte em assembleas clandestinas de republicanos, que brevemente seriam punidos; quanto á sua dignidade, lastimava que um valdevinos, corredor das sete partidas do mundo, e fomentador da desordem publica, até ao seio das familias filtrasse a peçonha de sua desmoralisação, sendo elle sr. Sackville um dos apontados pela opinião publica na qualidade de victima, e sendo sua mulher uma das apontadas como infamadoras do thalamo conjugal.

Johnson Fowler ouviu em arrancos surdos d'alma e *ohs!* inglezes, regougados das intranhas, as serenas observações do visconde.

Calou-se o governador, medindo-o com severo lance de olhos. O covarde não carecia ser esporeado pelo ciume afim de delatar os seus amigos: o terror que lhe incutira a vista fulminante de Barbacena bastaria a romper aquelle ôdre de perversidade.

Principiou Johnson por declarar que respeitava grandemente a rainha de Portugal, e se considerava entre estrangeiros tão sympathicos mero observador de sua politica. Confessou ser verdade ter concorrido como simples curioso aos conciliabulos politicos dos republicanos, e colhido apontamentos para mais tarde escrever a historia dos desatinos dos facciosos que, sem causa justificada nem civilisação propria, queriam, remedando as colonias inglezas, proclamar-se independentes. E n'este

rumo foi mareando até denunciar que o brado da revolta devia estalar em Villa-Rica, e elle visconde de Barbacena estava votado á morte, por que os conjurados cederam unanimes ás violentas arengas do Tira dentes.

Depois, nomeou os conjurados, até trinta de suas relações. E, finalmente, obrigou-se a expiar o restante processo da revolta, se ao governador conviesse o segredo das revelações feitas.

Ao visconde de Barbacena convinha o espião.

Os republicanos souberam que o seu estadista havia sido levado ao governador, e anciavam conhecer do motivo. Disse lhes que o visconde o chamára para lhe dar cartas vindas de Inglaterra á sua mão com maior certeza de serem entregues.

Quem devia ler na alma de Johnson paginas de sangue era Laurentina, sua esposa, recebida á face da igreja no Maranhão.

Os rancores que lhe coriscavam nos olhos aterraram-na.

Forcejou, ainda assim, fiada nos seus amavíos a dengosa americana em lhe rastrear o que quer que fosse. Não vingou o intento. Johnson mostrava lhe os dentes como um tigre mostra os colmilhos. Não era riso: era o projecto de tres facadas, reservadas para depois de embriagado em outro sangue.

Presumem probabilidades que Joaquim José da Silva Xavier não levou as lampas ao fugitivo amante de certa Hiempsal que ficava com a capa dos sugeitos quando lhes não podia apanhar o coração. Aquella mulher tinha maldição comsigo, e sestro destruidor dos mais virginaes corações de anachoretas e eremitas famosos nos annaes

do pudor. Como quer que fosse, eu não sei nada de auctoridade insuspeita, a não ser a do proprio marido, como ao diante se verá com o costumado horror d'estes escandalos.

XXXI

No dia seguinte ao das primeiras carrancas truculentas de Johnson a Laurentina, sahiu de Minas para o Rio de Janeiro o Tira-dentes. O inglez desconfiou que sua mulher o avisára. Não duvidamos acceitar como bem fundada esta suspeita da critica, sempre maligna, mas nem sempre aleivosa.

Esta desconfiança azedou a atra-bilis de Johnson; mas sopesou-a no figado, para lhe não sahir ao pulso intempestivamente nas tres facadas programmaticas.

Sem usar grandes rodeios, soube a paragem de Silva Xavier no Rio de Janeiro. Na ida e volta das indagações tractou a mulher com melhor sombra, e pediu-lhe o collar dos brilhantes para realisar um capital urgente ás suas emprezas commerciaes em mercurio e antimonio.

Laurentina desconfiou que seu marido lhe devolveria o collar em corda. E como era esperta e machucha, lançou suas contas para esconjurar o perigo, cobrando

alentos quanto cabia em senhora habituada a pelejar com vigarios-geraes, afortalesando-se, como um baluarte, rendendo-se, em ultimo recurso, entre tartarugas, e mostrando-se creatura amphybia, quando era preciso.

Um dia, Johnson visitou clandestinamente o governador; e, no dia immediato, foram expedidas trinta e tantas ordens de prisão para diversos pontos da capitania.

Seguiram logo para o Rio de Janeiro os mais e menos importantes presos, excepto o sexagenario poeta Claudio Manuel da Costa, o amador de *Glaura*, que, ao fim do quarto dia de prisão, se suicidou no carcere de Villa Ricca. Alvarenga Peixoto, o poeta das *Cartas Chilenas*, (?) aos quarenta e nove annos de idade, foi lançado na masmorra das Cobras, a chorar saudades de esposa e quatro filhas ainda em infancia.

D'ahi foi levado a degredo em Ambaca, e de lá, outra vez, ferrolhado nos carceres de Loanda, onde expirou. (1)

---

(1) Supponho ser inedito o seguinte soneto dictado por Alvarenga Peixoto na masmorra das Cobras:

Eu não lastimo o proximo perigo,
Uma escura prisão, estreita e forte;
Lastimo as caras filhas, a consorte,
A perda irreparavel de um amigo.

A prisão não lastimo, outra vez digo,
Nem o ver eminente o duro corte;
Que é ventura tambem achar a morte
Quando a vida só serve de castigo.

Thomaz Antonio Gonzaga, o dulcissimo immortalisador de MARILIA, ao fim de quinze annos de degredo em Moçambique, insandeceu e expirou, lacerando se com os proprios dentes e unhas. A maioria dos condemnados acabou egualmente nas plagas africanas.

Joaquim José da Silva Xavier escondera-se no Rio de Janeiro, presentindo por aviso de Laurentina a desgraça eminente. A espionagem dos aguasis, guiada por Johnson, subtrahiu uma carta indirecta para a nympha do Amazonas. Esta carta denunciava o refugio de Tiradentes na rua dos Latoeiros, no Rio de Janeiro. Silva Xavier foi preso, esperou tres annos que lhe levantassem o cadafalso na arida esplanada que hoje se chama Praça da Constituição. Perdoavam-lhe a vida se confessasse contricção da culpa.

Não gemeu nem supplicou. A intrepidez da morte ganhou-lhe o heroico renome que não grangearia, se a idéa republicana vingasse, e o passeiasse em triumpho a mesma ralé que depois havia de crucifical-o.

Dizem que a arvore da independencia do Brazil hauriu seiva d'aquelle sangue. Certamente Portugal, alli e em toda a terra e mar onde arvorou a bandeira de

---

Ah! quem já bem depressa acabar vira
Este enredo, este sonho, esta quimera
Que passa por verdade e é mentira...

Se filhas, se consorte não tivera,
E do amigo as virtudes possuira,
Só de vida um momento não quizera.

(*Extrahido dos manuscriptos de* PEREIRA E SOUSA).

Christo, espontada em lança de barbaros, foi inconsciente instrumento da civilisação dos seus escravos. A rainha que assignou a condemnação da lenta morte de Gonzaga, de Alvarenga e Claudio Manuel da Costa é uma que os livros historicos das escholas denominam *a piedosa*.

Deixemos em paz as reaes cinzas, e revertamos ao Rio de Janeiro, onde chegára Johnson Fowler com Laurentina no dia immediato ao do supplicio de Silva Xavier.

Muito de industria o implacavel marido — já que um dia de atrazo na derrota do navio lhe tolhera o prazer de levar a esposa em frente do justiçado — antes que ella podesse ouvir fallar da morte do Tira-dentes, a levou ao campo da forca, onde ainda pendia o cadaver exposto á contemplação de milhares de pessoas.

— Isto que é?! tanta gente!... perguntou ella.

— Pois não vês o que é, menina? Olha!

E apontando-lhe para a forca, disse lhe a meia voz: — O teu amante aspirava a uma posição elevada. Alli o tens mais alto do que eu! Repara, linda!

— Quem?! — exclamou ella, carregando com ambas as mãos sobre o coração.

— Vae examinal-o de mais perto, se o não conheces d'aqui. Revê-te, exulta, não vergues sob o peso da felicidade. Prometti trazer-te ao Rio a ver o amante. Cumpri.

Laurentina espasmou os olhos no patibulo, como cegos por sufusão de sangue: olhou, reconheceu e!... não cahiu! Fervia-lhe peçonha nas arterias, o sangue era o cachoar de chumbo candente, o coração alargava-se em dôres horrendas como um ninho de viboras que se despedaçam.

A tragedia urdida pelo marido, ia a meio caminho da catastrophe. O plano era matal-a a ferro frio. Porém, como o rancor respirara largo e fundo, n'aquellas infernaes delicias de lhe mostrar o affrontado cadaver, modificou a traça sómente no instrumento da morte. Resolveu propinar-lhe veneno. Na escôlha do toxico, e da maneira de o obter, gastou tres dias, durante os quaes fechou a mulher em rigoroso encêrro, no quarto da hospedaria.

Tambem elle ideára sua tragedia, que tinha admiravel coincidencia de entrecho com a do marido. Matal-o; afogar-lhe na garganta um punhal, e fugir para o Pará. Depois, alterou essencialmente o enredo. Denuncial-o como homem de varios nomes e appellidos, como contrafactor de firmas, como ladrão assassinado e ressuscitado em Bragança. Na indecisão ds peiores expedientes, Laurentina Catania, da janella do seu quarto, viu que era observada atravez dos vidros de outra janella, pertencente á mesma hospedaria, E não só observada; mas galanteada por um rapaz gentil, com dragonas, official de marinha, tostado do sol, cara meridional, extatico, fito n'ella com os olhos cheios de amor e de supplicas.

Distrahiu-se; e, a poucas voltas, seguiu-se o interesse, e logo o amor. Tudo em menos de cinco horas, mais quarto menos quarto. As paixões d'esta mulher nunca tinham incubação mais longa.

Ao segundo dia trocavam-se cartas de janella para janella, entre as quaes se interpunha um saguão.

O official de marinha era portuguez, ardente no amor, aventureiro, capaz do atrevimento de roubar a mulher ao bretão, que elle conhecia da mesa redonda. Propoz a fuga á esposa retida em carcere forçado. Ella condes-

cendeu, tão depressa que apenas deu escassas horas aos preparativos. No dia aprazado para a fuga, foi acariciada pelo marido, que lhe entrou ebrio no quarto, e lhe pediu que cantasse as seguidilhas, lettra de Gregorio de Mattos Guerra.

Laurentina cantou, e elle adormeceu-lhe com a cabeça no regaço.

E, despertando, notou que tinha a cabeça no chão. Quiz ver as horas, e não achou o relogio: apalpou as algibeiras, todas as algibeiras e não encontrou o seu punhal esmaltado de diamantes, nem uma libra ésquecida no saque geral que soffrera o seu corpo.

Sobre uma banca havia um quarto de papel escripto com estas palavras:

Não sei se a sua espionagem me descobrirá.

Será fatal a sua desgraça, se me descobrir: por que eu direi então á justiça quem é o estadista inglez Johnson Fowler.

E quem lh'o tinha dito a ella? Ouvira-o n'aquella apostrophe que Philippe Chesterfield atirára á cara do ladrão na cabana das margens do Cahyté.

Foi de mestra a advertencia. Johnson não deu um passo na piugada da consorte. Comprou passagem em navio para Lisboa, reservando traçar de Portugal novo itinerario, se os seus serviços feitos no descobrimento da conjuração republicana lhe não fossem galardoados por D. Maria I.

Sigamol-o até á secretaria dos negocios do reino em Lisboa e esperemol-o á sahida, para lhe darmos os parabens do habito de Christo. As familias inglezas, resi-

dentes na capital, não nos acompanham n'este acto de deferencia ao agraciado. Repulsaram-no como espião e inquiriram lhe da procedencia em Inglaterra, mediante solicitações do ministro britannico.

Os haveres de Johnson estavam exhauridos. A dexteridade infame com que roubára os Bearsley não via o falsificador onde applical-a. Tinha áquelle tempo cincoenta e quatro annos. Estava só, despresado dos seus patricios, indifferente a uns portuguezes e odiado de outros. Chegou a requerer uma pensão a José de Seabra da Silva, que o afastára com enojo, por que alguns amigos seus agonisavam em Africa, d'onde elle tinha vindo poucos annos antes; e o homem, que pedia á rainha uma pensão, havia sido o delator de tão illustres victimas.

Quasi em miseria extrema, Johnson Fowler suspeitou, com sobejo fundamento, que á embaixada ingleza havia chegado a denuncia do seu verdadeiro nome; por que um dia o chanceller, que o esmolava, lhe disse em tom desabrido, mas como em secreto:

— Mate-se, que de vida como a sua ha só dois desenlaces: suicidio ou forca.

Tres dias depois, o inglez foi procurado em um quarto andar da rua dos Calafates, á ordem do corregedor do bairro. Os inquilinos do predio informaram o meirinho que o inglez ou sahira para fóra da terra, ou mudára de residencia furtivamente. Arrombaram-lhe a porta, visto estar fechada por dentro. Na saleta exterior era irrespiravel o ar impregnado de gaz carbonio e fetido nauseativo de cadaver. A alcôva contigua estava meio-cerrada. Abriram-na, depois de ventilarem a sala, e acharam dois fogareiros com cinzas, e o inglez estirado no catre,

com um braço recurvo em torno da cabeça, e as unhas da mão do outro cravadas nos bofes da camisa.

O ministro inglez folgou com a noticia. Aos brios da Gran-Bretanha doía publicarem-se em Portugal os crimes do denunciante da intentada independencia de Minas-Geraes. Da morte de Jorge *Sackville* a *Gazeta de Lisboa*, d'aquelle anno, referiu que o suicidio do infeliz inglez procedera de desgostos domesticos da maior gravidade para um homem de sentimentos melindrosos.

Alludia ao adulterio de Laurentina que, ao tempo da morte do marido, residia em Lisboa, amantissimamente querida do official de marinha, e já mãe de um menino.

Pormenores da vida aventurosa d'esta americana debalde os investigamos, desde aquella epoca. Soubemos apenas que acabou seus dias em avançada edade na rossa do Pará, e que era seu filho um homem de muitissimo boa alma, valedor de negros infermos e de bichos, grande pacificador de disturbios, mediante uma proclamação escripta em taboleta, que eu lhe vi na rua do Arsenal, em Lisboa, ha bons vinte annos, inculcando aos portuguezes os beneficios da paz e concordia. Chamavam-lhe zombeteiramente o BARÃO DE CATANIA. Era um velho precoce, de casaca no fio, chapéo de castor branco, derreado e contemplativo sobre o pescoço de um cavallo branco cheio de annos e fome.

O «barão», levado de sentimentos pundonorosos nunca se assignou com appellidos paternos. Gastou a herança de sua mãe em liberalidades caritativas com os pobres negros que se acolhiam á hospitalidade de tão mal comprehendido bemfeitor. Morreu ridiculo, tendo vivido honrado.

XXXII

O incidente da reapparição de Johnson Fowler cortou a historia que deixamos no prematuro fim de Philippe Chestertield.

A inconfortavel viuva tornou para a companhia de seu tio, abençoou as consolações inesperadas de Eulalia Vieira, a meiga alma formada nas serras do nosso Minho.

Tão do coração lhe quiz á humilde esposa do seu guarda-livros, que não mais a separou de si, e na casa deliciosa de Westminster se recolheram todos.

Por esse tempo, sentindo-se declinar ao termo de sua honrada carreira o ultimo dos Bearsley, á casa commercial foi associado o appellido *Vieira*. Desde o momento da sociedade, Manuel Vieira foi considerado rico; mas o lavor incessante da sua labutação egualava-o em regalias com o menos estipendiado caixeiro. Não tinha filhos, nem ambições. E trabalhava sempre.

Chamou para Londres os seis filhos de fr. Bento das

Dôres da Virgem, e deu-lhes comêço de vida, em sua casa. Nem um de seus irmãos, no rodar dos annos, deu de si boa sahida. Eram máos, sobre estupidos. Instavam por voltar a Portugal, preferindo guardar cabras nas suas montanhas, á vida severa e operosa que o irmão lhes impunha. Um queria ser sapateiro; outro capador; outro musico da tropa; outro marchante; o menos ambicioso ou menos sincero, não queria ser nada, e o mais senhoril de condição queria dizer missa.

Devolveu-os todos para Portugal, a fim de seguirem a carreira escolhida.

Estes pontos escuros no viver de Manuel Vieira não maculavam as enchentes de alegria, as torrentes lusentissimas que inundavam o seio d'aquella familia. A luz sahia de uns olhos que dezeseis annos estiveram em revas. João Verissimo, o sancto, que escondera no seio de Deus os olhos apagados, e a chorar lhe pedira claridade na alma para não duvidar da bondade divina, um dia, ao sahir das mãos do operador Fletcher North, viu á volta de si uns vagos contornos da sua Luiza, e de outra senhora que devia ser a creança formosa que deixára tão differente... E, perguntando se alli estava seu filho, Manuel acercou-se d'elle, amparou-o nos braços, e entre soluços deram graças ao Altissimo.

— Com que immensa usura eu sou feliz! — exclamava o velho, quando tudo se lhe mostrava á sua luz natural — Que padeci eu para tamanha recompensa, ó minha filha, ó minha Luiza, ó meus anjos todos que me estaveis esperando n'este céo! A ti, Manuel, não bastava dever-te a abundancia de tantos annos, a honra de seres o marido da minha Eulalia! Ainda mais, filho, eu sem ti morreria cego, não te veria mais, virtuosa esposa que

tanto trabalhaste e choraste, e a ti, Eulalia, tão bella, tão senhora, como se eu te houvesse criado nas regalias das cidades a conviver com fidalgas! Ah! eu bem adivinhava que devias ser assim, quando te apalpava as feições!... adivinhava o teu porte nobremente modesto quando fallavas. Via-te crescer, minha filha, conhecia-o pela mudança da tuá voz; e, ao passo que o timbre infantil se desvanecia, eu tinha saudade amarga do tempo em que te vira, e chorava como se quizesse desluzir com lagrimas as reminiscencias da tua imagem. E eu podia morrer sem vos ter visto, meus salvadores! E, quando Deus me dá quantas pessoas eu amava á alegria infinita dos meus olhos, vejo tambem a alma generosa, esta senhora tão nova e já tão triste que trouxe ao pobre velho o restaurador da sua vista!

E, dizendo curvava o joelho para beijar as mãos de miss Anna Bearsley.

Corria o anno de 1781 quando Manuel Vieira voltou a Portugal a rogos de fr. Bento das Dôres da Virgem, que o chamava para se despedir. Era já n'esse tempo tão poderoso que viajava em navio seu, acompanhado de toda a familia, em que havia mais uma pessoa, Anna Bearsley, que chamava irmã a Eulalia, e o provecto Roberto, que queria orar no Cemiterio dos Inglezes, do Porto, diante das cinzas de seu irmão John. As tres senhoras e o ancião inglez ficaram n'aquella cidade. Manuel e seu sogro seguiram para o Minho.

Referem umas «Memorias», que tenho á vista, que Manuel Vieira, o mocinho que sahira da Povoa de Lanhoso com um fardel ao hombro, e vestido de guingáo apparecera então de casaca de lemiste encarnado, collete de seda lavrada, calção de veludo escarlate, meias de

seda, borzeguins de cordovão inglez, chapeu acairelado, cadelleira á Luiz XIV, pescocinho enrocado de cambraia, folhos e punhos de rendas de Bruxellas. Assim trajavam os commerciantes mais grados da Gran-Bretanha, os magnates que manobravam o leme da náo de ouro que mareava em immenso oceano, coalhado de vasos mercantis. Eram elles a vitalidade do gigante que sorvia os capitaes extranhos, em escambo de suas industrias menos filhas do genio que do esforçado e methodico lavor, pautado por imperiosa vontade. E Manuel Vieira, timbrando em ter nascido nas pobres serranias d'aquella rustica e asperrima parte de Portugal, amistára-se entranhadamente aos costumes inglezes, ás leis severas, á probidade que se affirmava no patibulo de lord Ferrers que matára um burguez innocente, e no patibulo de William Dodd, capellão do rei, por falsificador de uma firma. A'quelle tempo o horror da pena de morte applicada a homicidas e ladrões era sentimento que se estava germinando no ovo da civilisação, ovo que deu de si muita casca, isto é muita arenga de tribunos, muita papelada legislativa, e a mesma copia de malfeitores, illustrados sómente quanto á inviolabilidade da vida humana, da sua, que a dos outros violam elles, confiados no artigo do codigo.

Confessa-se o descabimento d'estas divagações que, já outra vez, se intrometteram no romance. E' vontade extravagante de me estar a querer indispor com a sciencia moderna, e com leitores de entranhas lavadas, que alcunham de barbaro o paiz de S. Vicente de Paula e Lamartine, por que em França ainda vigora o artigo penal que manda garrotar os Troppmann.

Quando cá os tivermos de condição analoga, (já nos

sobram exemplos) enviamol-os ás costas africanas, colonias que podiam ser o veio de ouro regenerador d'este paiz de cabeça enorme, enferma de hydrocephalo, se em vez de lá mandarmos os escapos da forca, dessemos alentos e caução de prosperidade a colonos não obrigados a lá morrerem, a homens abonados por amor de pais e maridos, a operarios que almejassem volver ao seu torrão natal com abastada velhice.

Coisas d'estas não discutia Manuel Vieira para que o possamos incabeçar em tão extemporaneas controversias. Portugal, n'aquelle tempo, tinha tanto na memoria as scenas patibulares, que isto de matar nas encruzilhadas ou nos açougues judiciarios tanto montava, e como que tresandava ainda no ar o fartum das sangoeiras politicas do marquez de Pombal, continuadas na America pela filha do seu real amo.

Agora, sim, temos chegado com Manuel Vieira e João Verissimo á portaria do mosteiro de Bouro. Annunciam-se ao irmão porteiro, e logo desce o abbade a recebel-os e conduzil-os á cella em que está intrevecido fr. Bento das Dôres da Virgem.

O monge septuagenario abre os olhos já desvidrados da refracção luminosa da vida exterior, fita-os na compostura palaciana do filho, e sorri com tristeza. Manuel beija-lhe as mãos escarnadas, e João Verissimo, encarando-o com assombro, chora, murmurando:

— Quando ha quarenta e dois annos caminhavamos com os nossos livros para Braga, ó Bento...

— Se tu me visses hoje, João... — disse o benedictino.

— Pois não te vejo eu?! Ha seis mezes que o mundo se me abriu de novo. Leva as minhas orações dere-

conhecimento ao Senhor, se os teus olhos se fecharem primeiro.

Fr. Bento abraçou-o com esforço doloroso, exclamando:

— Podéste ver o teu filho, o esposo da tua filha! Devia-te a justiça divina essa exultação!... Aqui o tens, obra tua, a criança que te foi pedir a honra salvadora de tantos deshonrados... E são tantos á volta de ti, meu filho! E vem ahi uma geração de gente tão perdida, tão mergulhada no pégo da lama, que se chama ouro!...

Calou-se o monge, olhando sem pestanejar pela janellinha da cella por onde ao longe via o ceo azul e um cêrro do monte coroado de arvoredos.

Manuel e João contemplavam-se admirados das phrases proferidas n'um vago de prophecia.

De subito, fr. Bento emergiu do seu lethargo, e sorrindo para João Verissimo disse:

— Os nossos seis annos das aulas em Braga, ó João! Como tu estudavas noite e dia! E eu que vadio, que ignorantão! Lembras-te, meu velho, quando eu me assignava com *V* e tu me citavas *Benedictus* e *S. Bento* em prova de que eu me devia assignar com *B?*

João, rindo e enxugando as lagrimas, dizia:

— Mas, sem eu saber quando estudaste, sei que o teu espirito se esclareceu.

— E' verdade: ha uma lampada infernal que de noite se accende sobre o livro maldito da chamada Rasão humana, sem reflexo da divina. Quando me vi grande criminoso, necessitei de repellir de em torno de mim uns phantasmas que me amedrontavam os sustos religiosos, as tradições, a educação que meu pai me dera

e um tio padre que lá chamavam sancto. Quiz saber como poderia abafar a consciencia sob o peso da rasão. Consultei uns homens que se chamavam espiritos fortes e se diziam discipulos do mais illustre incredulo, o conde de Oeiras. Disseram-me que o regenerador do genero humano se chamava Voltaire.

Era-me necessario saber a lingua redemptora, a lingua de Voltaire, para com ella esconjurar as larvas que me bradavam «maldito!» Então li muito á lampada do inferno. Ri-me dos meus preconceitos, adormecia sereno no regaço da minha rasão, e apenas exercia as exterioridades de padre para que o pavor do meu atheismo não me afugentasse as occasiões do goso. Já sabes o que estudei, e onde a minha sciencia me arrastou. Essa razão que adquirira, tive de apagal-a na embriaguez para ser menos atormentado por ella!... Foi então, ó meu bem-feitor...—balbuciou o monge, beijando a mão do filho, e logo os soluços lhe cortaram a voz em gemidos.

Applacadas as ancias, tornou a suave quietação ao semblante do frade, que continuou, sem desprender a mão do filho:

—Sei que estás muito rico, sei-o pelas mezadas que dás ás mães de teus irmãos. Não me pejo de assim te fallar, nem os escrupulos me retém. Deus não quer que eu, por contemplal-o, me esqueça das victimas que deixei á tua caridade. Meu filho, tristemente sei que teus irmãos não te pagam com o contentamento de os encaminhares em proceder honesto. Não se me esconde que vida elles vivem, de varredores de feiras, bulhentos, regalões, presumidos da tua liberalidade, ostentando no trajo e nas maneiras, cabedaes que não tem, se lh'os

tu negares. São seis dores que eu intranhei na tua alma, filho, são seis vergonteas da arvore maldita... Se tu os desamparares, onde irão dar esses homens sem modo de vida! Como hei de eu olhar para a minha sepultura já aberta, e dizer que está ali o meu eterno repousar, a resguardo de maldições!...

— Não lhe sejam motivo de amargura meus irmãos — atalhou Manuel. — Eu hei-de protegêl-os sempre; e por minha morte, se a fortuna me não desamparar, viverão em abundancia.

— Oh!... — murmurou o monge, repondo a vista baça na nesga azul do céo — A abundancia, nos máos instinctos, é um manancial de vicios. A flor da virtude fenece em jarra de ouro. Ao sopé da cruz rustica, plantada na serra, viçam as florinhas. A purpura do rico desfaz-se em farrapos como os tomentos sobre a pelle denegrida do pobre. Só a virtude é riqueza. Eu herdei muito ouro, e comprei com elle a liberdade de ser perverso.

Se eu fosse pobre, teria dado garrote ás minhas malvadas propensões, na impotencia de as satisfazer. *Abundancia! abundancia!*—continuou o monge casquinando um riso asperrimo. — De cada mil homens poderosos, escolhe Deus um para seu anjo de caridade.

E á volta d'esse medram muitos infames a quem a liberalidade do bom deu alentos. Ha generosidades que, ao cahirem nas condições más, se transformam em peçonha. E' como a esmola pedida para pão de filhos e empregada na compra de um punhal.

Que valerá a onda de ouro, onde até os justos resvalam e naufragam! E ella virá, a riqueza grande, como um pegão de vento a quebrar as arvores carcomidas e

a desarraigar as plantas novas. Será como o furacão da peste. Ver-se hão os bons cahir feridos ao lado dos máos. As virgens virão vender-se no mercado onde os ricos hão de abrir armazem de libertinagem. Poucos annos terão passado, e a pobreza tornará com a hediondez que acompanha o pobre que foi rico, e atirou a sua fé ao abysmo da sua fortuna.

Seguiu se um murmurar de vozes inaudiveis.

O prelado, levando fóra da cella os dous hospedes, disse lhes o que o monge tinha a miudo visões e raptos propheticos, mas por tal modo desordenados na phrase enigmatica que não havia intendel os, e accrescentou:

— Não duvido crer que fr. Bento seja favorecido da previsão; affiançam-m'o a santidade dos seus annos de claustro, e as penitencias que lhe tem subtilisado a alma e dado altos lumes de vaticinação.

Manuel e João Verissimo pernoitaram na hospedagem dos visitantes, contigua ao mosteiro.

Ao outro dia, foram despertados para assistirem aos ultimos momentos do monge.

Assistiram ao ministerio da extrema-uncção, ajoelhados aos pés do leito. O moribundo acenou a Manuel, que se abeirou dos labios d'elle, e ouviu estas palavras:

— Não os faças ricos: obriga-os a procurar a virtude pela caminho da pobreza... Meu filho, o anjo do infortunio faz muito menos victimas que o demonio do ouro...

Depois, pendeu a face na curva do braço esquerdo de Manuel, collou os labios na imagem de Jesus que lhe aproximou dos labios o filho, e assim se quedou sem ancias até estremerer, expedindo um flebil gemido.

XXXIII

Por aquelles dias, soube Manuel Vieira que, no Recolhimento da Tamanca, em Braga, vivia uma recolhida em pobreza extrema, filha da já defuncta senhora de Darque, com quem o padre Bento Ribeiro se havia homisiado em Hespanha. Contaram-lhe que a pensão dada á mãe cessára por sua morte; e que a menina acceitára ser criada de uma pensionista por não ter de quem se valesse.

Foi Manuel Vieira a Braga com sua mulher. Pediu á regente do Recolhimento que lhe enviasse ao locutorio sua irmã, filha de D. Paula de Magalhães.

— Nunca a mocinha nos disse que tinha irmão — objectou a regente; — os nossos estatutos são muito rigorosos em receber o sexo masculino no locutorio; mas como vem tambem uma senhora, não duvido mandal-a.

Christina, que tanto poderia ter dezoito como quarenta annos, appareceu vestida de baeta escura, cabello cortado, faces lividas, olhar estupido, geitos canhestros,

postura boçal, um todo de repugnante miseria de alma e de corpo.

A regente, por se desafogar de escrupulos, mandou com ella uma recolhida velha tão parecida com a nova em modos e feitio, que pareciam ser uma o supplemento peorado da outra.

Perguntou-lhe Manuel se tinha recordações de Rendufinho.

Esteve instantes a pensar; rosaram-se-lhe as faces; abaixou os olhos, e murmurou:

— Ainda me lembro.

— E de seu pai?

Ella, soluçando e engulindo as lagrimas, balbuciou:

— Tambem.

— Eu sou seu irmão, menina — proaseguiu Manuel Vieira — Este lucto, que me vê, é por nosso pai, que ha oito dias morreu. Sabia onde estava seu pai?

— Não senhor.

— Ninguem aqui lhe fallou n'elle?

— E' prohibido — interpoz a velha.

— Que é prohibido, creatura? dizer a esta menina que tinha pai?

— A senhora regente é que sabe.

— Pois bem: vá vossemecê entregar á senhora regente esta ordem do senhor arcebispo D. Gaspar, e não se detenha muito que tenho pressa.

Emquanto a velha foi, perguntou D. Eulalia á menina:

— Tem sido muito infeliz, sr.ª D. Christina?

— Desde que minha mãe morreu.

— Quando morreu ella?

— Ha de haver seis annos.

— E quantos tem a menina?

— Dezenove.

— E quer ir com seu irmão e commigo, que sou sua cunhada?

— Permittisse Deus...

— Tem que vestir além d'esse vestido que usa?

— Não, senhor.

— Menor é a demora no toucador — interveio Vieira sorrindo.

— Eu cubro-a com o meu *josézinho* — tornou Eulalia, referindo-se á sua capinha de viagem que tinha aquelle nome.

— Vae de qualquer modo, cerrando as cortinas da liteira — observou Manuel.

A regente allegou que a senhora Christina precisava de vestir-se com decencia para sahir.

— Vestir-se com quê? — perguntou Vieira — Esta senhora, servindo outra ha seis annos, deve ter ganho saia e mantilha decentes.

— Tem ganho a comida, e algum vestidinho, e bons exemplos...

— De economia — accrescentou o irmão da ditosa menina, cuja alegria lhe pulava nos olhos.

Vieira, insistindo na immediata obediencia ao mandado do arcebispo, exigiu a sahida sem mais delongas nem reflexões banaes.

Acercou-se uma liteira da portaria. Entraram n'ella as duas senhoras. Manuel seguiu-as a pé á estalagem, onde se detiveram dois dias para entrajarem convenientemente a filha de D. Paula de Magalhães.

N'estes dois dias nasceu o sol, bafejaram as auras, trinaram as aves, azulou-se o céo, aromatisaram-se as

flôres, estrellou-se o firmamento, resurgiram todos os elementos abafados da vida, da alma, da esperança, da alegria d'aquella menina. O seu espertar do primeiro dormir, se o somno quebrantou aquelles nervos exagitados, seria um como abrir-se-lhe os cancellos da masmorra, o quebrarem lhe a pedra tumular. Já no pallor do rosto se lhe abriam uns traços da belleza, uns relevos que a fome esbatera. Transluzia-lhe nos olhos o raiar do seu primeiro abril em dezenove annos. Se a deixavam sósinha, ajoelhava agradecendo a sua mãe, com as faces e mãos rossiadas de lagrimas, ter pedido a Deus por ella.

Parecia ainda temer-se do carcere da Tamanca, narrando os desprezos que sua mãe soffrera, as injurias que lhe atiravam ao coração despedaçado. Depois, fallecida a martyr, e acabados os recursos da commiseração dos parentes, acorrentaram a orphã ao posto da indigencia para ainda a insultarem como filha de tal mãe e sacrilega filha d'um padre que havia sido a vergonha do clero.

Manuel Vieira adivinhava o que sua irmã não sabia exprimir; soffria escutando a; e já lhe pedia que se esforçasse por esquecer-se, a fim de não perder a fé na creação da especie humana delineada na mente do Creador á semelhança de sua propria imagem.

João Verissimo e miss Anna Bearsley esperavam no Porto a sua familia.

Notaram todos uma profunda alteração no espirito de Manuel, um recolhimento insolito, a tristeza dos desgraçados que não a sabem exprimir. Aquella vasta alma e sancta serenidade com que Deus o sorteára em difficilimos lances, demudou-se em apprehensões de animo

supersticioso e mysantropo. Poucas vezes lhe abria á flôr dos labios um espontaneo e sincero riso. Contrafazia-se; mas a magua que dissimulava pungia mais intensamente os seus amigos. Eulalia não podia ter as lagrimas; por que na tristeza do esposo vislumbravam-se-lhe preludios de mortal doença.

E, todavia, Manuel Vieira não tinha uma dôr, sequer um leve achaque, por onde se desse a si a razão do que secretamente lhe ia na alma.

E' que elle estava a cada hora ouvindo as palavras do monge moribundo:

«Meu filho, o anjo do infortunio faz muito menos victimas que o demonio do ouro.»

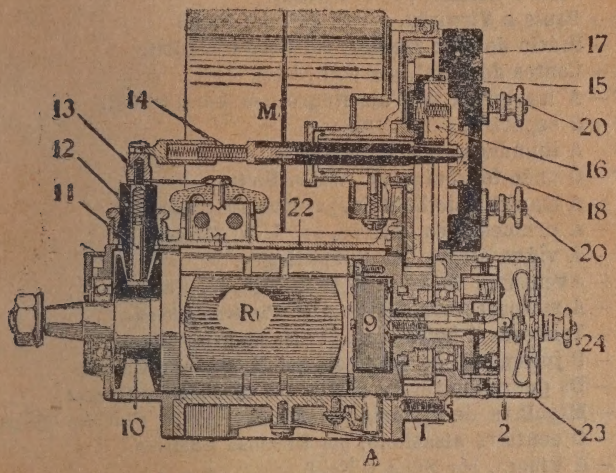
FIM DO PRIMEIRO VOLUME

BIBLIOTECA DE ENSINO TÉCNICO

SEM PROFESSOR

Cada volume br. 10$00, cart. 12$50

Telefonia (A) e a telegrafia sem fios pelo amador, por Luz de Sequeira Oliva Júnior, 2.ª edição actualizada.



Gravura extraída da obra *O Chauffeur Hábil*

Construção de aparelhos eléctricos pelo amador, por Luiz de Sequeira Oliva Júnior.

Chauffeur hábil (O), por Luiz de Sequeira Oliva Júnior.

Ciência (A) e a indústria em nossas casas, por Dr. Bento Carqueja.

Chave (A) da electricidade, por Luiz de Sequeira Oliva Júnior.

Electricidade em acção (A) por Luiz de Sequeira Oliva Júnior.

Geradores e motores electricos, por Luiz de Sequeira Oliva Júnior.

Soldaduras, pelo Engenheiro Raul Boaventura Rial.

Pinturas e fingidos, por Carlos Alberto Corrêa.

Indústria de brinquedos, por M. C. & X.

O montador electricista, por Luiz de Sequeira Oliva Júnior.

No prélo:

Esmaltes artísticos e industriais, por Artur Lobo d'Avila.

AUTORES CÉLEBRES

Elegante colecção, impressa em óptimo papel. Capa colorida alusiva a cada um dos volumes. Cada vol. br. 6$00, enc. 10$00.

Volumes publicados:

1 — **A quéda de César**, por John R. Carling.
2 — **A fôrça do hábito**, por Adolphe Belot.
3 — **Para o abismo**, por C. Dickens.
4 — **Paulo e Virginia**, por B. de Saint-Pierre.
5 — **Diário de uma mulher**, por Octave Feuillet.
6 — **Contos do Natal**, por C. Dickens.
7 — **A marquesa de Vale Negro**, por Maria O'Neill
8 — **O espectro**, por C. Dickens.
9 — **A inundação**, por Emilio Zola.
10 — **O anão-feiticeiro**, por Walter Scott.
11 — **A mantilha de Beatriz**, por Pinheiro Chagas.
12 — **A princesa dos dólares**, por J. W. Marden.
13 — **A viúva alegre**, por F. Spielhagen.
14 — **Aventuras de Artur Gordon Pim**, por Ed. Pöe.
15 — **A máscara vermelha**, por M. Pinheiro Chagas.
16 — **Tristezas á beira mar**, por M. Pinheiro Chagas.
17 — **O juramento da duquesa**, por M. Pinheiro Chagas.
18 — **Os guerrilheiros da Morte**, por M. Pinheiro Chagas.
19 — **Migalhas de história portuguesa**, por M. Pinheiro Chagas.
20 — **O couteiro alsaciano**, por Erckman Chatrian.
21 — **A Vibora**, por Maria O'Neill.

BIBLIOTECA PARA A INFANCIA

Por Maria O'Neill, vols. em 8.º grande de 120 pags. profusamente ilustrados, com bonitas cartonagens a côres, próprios para brindes às crianças. Cada volume elegantemente cartonado 6$00.

Volumes publicados:

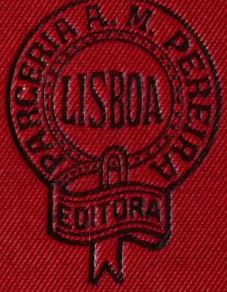
1 — **Horas de folga.**
2 — **Recriações infantis.**
3 — **Para lêr nas férias.**
4 — **Por bom caminho.**
5 — **Para divertir.**
6 — **Alegrias.**
7 — **Histórias famosas.**
8 — **A fada loira.**
9 — **Contos da mamã.**
10 — **Para rir e pasmar.**
11 — **Feitos gloriosos.**
12 — **As ideas de Mimi.**
13 — **Proezas dum valentão.**
14 — **Mauricio e Beatriz.**
15 — **Os bonecos de Joaninha.**
16 — **O animatógrafo.**
17 — **O paraiso das crianças.**

OBRAS DE J. P. OLIVEIRA MARTINS

Artigo (O) **Banco** do Dicionário Universal Português. — Br. 10$00.
Brasil (O) **e as Colónias portuguesas**, 5.ª ed. — Br. 10$00, enc. 15$00.
Cartas peninsulares (viagem à Espanha), 2.ª ed. — 1 vol prefaciado por seu irmão o dr. Guilherme de Oliveira Martins, br. 10$00, enc. 15$00.
Circulação (A) **fiduciária.** Memória premiada com a medalha de ouro pela Academia das C. de Lisboa. 3.ª ed. — 1 vol. br. 10$00, enc. 15$00.
Correspondência de J. P. Oliveira Martins, prefaciada por Francisco d'Assis d'Oliveira Martins, br. 10$00, enc. 15$00.
Elementos de Antropologia, 6.ª ed. — 1 vol. br. 10$00, enc. 15$00.
Filhos (Os) **de D. João I**, 5.ª ed. — 1 vol. br. 18$00. Rica encadernação de amador com ferros especiais, etc., 36$00.
Helenismo (O) **e a civilisação cristã**, 4.ª ed — 1 vol. br. 10$00, enc. 15$00.
História da civilisação ibérica, 7.ª ed. — 1 vol. br. 10$00, enc. 15$00.
História da república romana, 4.ª ed. — 2 vols. br. 20$00, enc. 30$00.
História de Portugal, 11.ª ed. — 2 vols. br. 20$00, enc. 30$00.
Idade-média (A) na História da Civilisação, Polémica entre Antero de Quental, J. P. Oliveira Martins e Dr. Júlio de Vilhena, prefaciado e anotado por Francisco d'Assis d'Oliveira Martins. — 1 vol. br. 8$00, enc. 13$00.
Inglaterra (A) **d'hoje**, 3.ª ed. — 1 vol. br. 10$00, enc. 15$00.
Perfis, (obra póstuma com prefácio de Luiz Magalhães). — 1 vol. br. 10$00, enc. 15$00.
Portugal contemporâneo, 6.ª ed. — 2 vols. br. 20$00, enc. 30$00.
Portugal nos mares, 3.ª ed. — 2 vols. br. 20$00, enc. 30$00.
Principe (O) **perfeito**, prefácio de Henrique de Barros Gomes, 3.ª ed. — 1 vol. ilustrado por Casanova, e com um soberbo retrato de Oliveira Martins. — Br. 18$00. Rica encadernação de amador com ferros especiais, etc., 36$00.
Projecto de lei de fomento rural, apresentado à Câmara dos Deputados em 1887. — 1 vol. br. 6$00.
Quadro das instituições primitivas, 3.ª ed. — Br. 10$00, enc. 15$00.
Raças (As) **humanas** e a civilisação primitiva, 4.ª ed. — 2 vols. br. 20$00, enc. 30$00.
Regime (O) **das riquezas**, 3.ª ed. — 1 vol. br. 10$00, enc. 15$00.
Reorganisação (A) **do Banco de Portugal.** — Opúsculo, 5$00.
Sistema dos mitos e ficções religiosas, 4.ª ed. — 1 vol. br. 10$00, enc. 15$00.
Táboas de cronologia e geografia histórica. — Esgotado.
Vida (A) **de Nun'Alvares.** História do estabelecimento da dinastia de Aviz, 5.ª ed. — 1 vol. ilustrado por Casanova, br. 18$00. Rica encadernação de amador com ferros especiais, etc., 36$00.

Um livro indispensavel, junto das obras de Oliveira Martins

História dum «Vencido da Vida», (Oliveira Martins), pelo Dr. Fidelino de Figueiredo, Br. 10$00, enc. 15$00.



0002904960
UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL